

Quesler Fagundes Camargos

**ESTRUTURAS CAUSATIVAS EM TENETEHÁRA:  
UMA ABORDAGEM MINIMALISTA**

Belo Horizonte  
Faculdade de Letras da UFMG  
2013

Quesler Fagundes Camargos

**ESTRUTURAS CAUSATIVAS EM TENETEHÁRA:  
UMA ABORDAGEM MINIMALISTA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística Teórica e Descritiva.

Área de Concentração: Linguística Teórica e Descritiva

Linha de Pesquisa: Gramáticas de Línguas Indígenas

Orientador: Prof. Dr. Fábio Bonfim Duarte

Belo Horizonte  
Faculdade de Letras da UFMG  
2013

C172e

Camargos, Quesler Fagundes.

Estruturas causativas em tenetehára [manuscrito] : uma abordagem minimalista / Quesler Fagundes Camargos. – 2013. 187 f., enc. : il.

Orientador: Fábio Bonfim Duarte.

Área de concentração: Linguística Teórica e Descritiva.

Linha de pesquisa: Gramáticas de Línguas Indígenas.

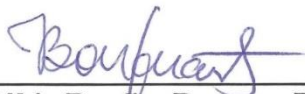
Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras.

Bibliografia: f. 180-187.

1. Línguas indígenas – Gramática – Teses. 2. Língua tenetehára – Gramática – Teses. 3. Língua tenetehára – Sintaxe – Teses. 4. Língua tenetehára – Verbos – Teses. 5. Língua tenetehára – Orações – Teses. 6. Índios da América do Sul – Brasil – Línguas – Teses. 7. Minimalismo – Teses. I. Duarte, Fábio Bonfim. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras. III. Título.

CDD : 498.3

Dissertação intitulada *Estruturas causativas em Tenetehára: uma abordagem minimalista*, defendida por QUESLER FAGUNDES CAMARGOS em 25/02/2013 e aprovada pela Banca Examinadora constituída pelos Professores:



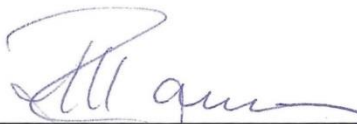
---

**Dr. Fábio Bonfim Duarte - UFMG**  
**Orientador**



---

**Dra. Marília Lopes da Costa Facó Soares - UFRJ**



---

**Dra. Jânia Martins Ramos - UFMG**

Ao povo Tenetehára

## AGRADECIMENTOS

Expresso minha eterna gratidão a Deus pela graça concedida ao longo desses anos. Agradeço ao meu pai, Jeson da Paixão Camargos, e à minha mãe, Ivoni Fagundes Camargos. Pais maravilhosos que tiveram paciência e que de forma especial me amaram. Aos meus irmãos, Tavane e Roger, que sempre estiveram ao meu lado. À Lidiane Ribeiro, que me incentivou em todos os momentos a levar avante meus estudos.

Agradeço ao povo Tenetehára pela recepção extremamente carinhosa e pelas experiências inesquecíveis. Agradeço em especial a Maria Santana Kariamor Guajajára, Cíntia Haizumor Guajajára, Marina Cíntia da Silva Guajajára (Tuira), Surama da Silva Santos Guajajára, Suluene da Silva Souza Guajajára, Romário Gomes Guajajára, Santos Gomes Guajajára, Antônio Gomes Guajajára (Toinho), Ozeas Filho Guajajára, Ozeas Souza Guajajára, José Rosa Alves Guajajára, Mariquinha Guajajára, José Orlando Guajajára, José Sivan Guajajára, Natalino Lima Neto Guajajára, Marcilene Guajajára e Marquilene Guajajára. Estendo meus agradecimentos aos demais Guajajára das aldeias Lagoa Quieta, Chapadinha, Juçaral, Ingarana e Funil, as quais pertencem à terra indígena Araribóia. Obrigado por terem me aceito como da família! Adiciono meus agradecimentos à Fundação Nacional do Índio (FUNAI), pela autorização para adentrar na terra indígena Araribóia. Em especial, à Raimunda Passos Almeida, subchefe de Serviço da FUNAI em Imperatriz (Maranhão), por ter me apresentado aos Guajajára.

Agradeço também ao meu orientador, Fábio Bonfim Duarte, por todos esses anos de orientação, pela disponibilidade, pela paciência, pela dedicação e pelas críticas que contribuíram para o meu crescimento intelectual e profissional.

A todos os professores do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da UFMG, os quais diretamente contribuíram para a minha formação acadêmica, ofereço meus sinceros agradecimentos. Dentre eles, destaco: Jânia Ramos, Lorenzo Vitral, Márcia Cançado, Seung-Hwa Lee e Thaís Cristófaró Silva.

Quero deixar registrado também meus agradecimentos aos membros da banca examinadora, a saber: Profa. Márcia Dâmaso, Profa. Jânia Ramos e Profa. Marília Facó, cujos comentários e críticas contribuíram para o aperfeiçoamento do presente trabalho.

Agradeço aos colegas do POSLIN. Dentre eles, destaco: Ana Luiza Lopes, Christiane Miranda, Elizete Maria, Francisca Maria Carvalho, Gardenia Nascimento, Glenda Aparecida, Guilherme Lourenço, Isadora Barcelos, Luana Lopes, Maria José Oliveira, Nasle Cabana, Ricardo Castro e Selmo Azevedo.

Destaco minha gratidão a Ricardo Castro, por compartilhar comigo seus preciosos dados e permitir que tivéssemos longos debates acerca da língua Tenetehára. Incluo Gardenia Nascimento, que de parceira de estudos em línguas indígenas passou a amiga e irmã.

Por fim, quero agradecer também ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da UFMG, por terem me acolhido, e à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo financiamento à pesquisa.

CAMARGOS, Quesler Fagundes. *Estruturas causativas em Tenetehára: uma abordagem minimalista*. 2013. 187 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Teórica e Descritiva) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.

## RESUMO

O objetivo desta dissertação é investigar as estruturas causativas em Tenetehára. Em termos descritivos, o morfema {*mu-*} tem a função de transformar verbos inacusativos e inergativos em verbos transitivos. O morfema {-(*u*)*kar*}, por sua vez, causativiza verbos transitivos. Com base na proposta teórica de Pylkkänen (2002, 2008), demonstro que os núcleos Voice<sup>o</sup> e  $v^o_{\text{CAUSE}}$  devem vir mapeados na sintaxe por meio de núcleos distintos. Tal hipótese fundamenta-se na possibilidade de esses dois núcleos serem morfologicamente preenchidos, a saber: nas reflexivizações de transitivos causativos, o morfema {*ze-*} é gerado em Voice<sup>o</sup> e o morfema {*mu-*} instancia o núcleo  $v^o_{\text{CAUSE}}$ ; logo, VoiceP e  $vP_{\text{CAUSE}}$  são dois núcleos distintos. Além do mais, há a possibilidade de  $v^o_{\text{CAUSE}}$  ser introduzido sem a projeção de VoiceP, a saber: nas construções causativas com sujeito comitativo, o sujeito não é introduzido por VoiceP, mas sim pela projeção ApplP. A evidência dessa hipótese é a realização do morfema aplicativo alto {*eru-*} acima de  $v^o_{\text{CAUSE}}$ , o qual é instanciado por {*mu-*}. Adicionalmente, inspirado nos diagnósticos propostos por Pylkkänen (2002, 2008), a respeito da seleção do núcleo causativo, demonstro ainda, neste trabalho, que o morfema {*mu-*} tem a função de selecionar apenas uma raiz  $\sqrt{\quad}$  (a seleção de  $vP$  ou  $vP$  fásico é agramatical). Esta proposta está pautada principalmente nos seguintes diagnósticos: (i) não pode haver nenhum tipo de morfologia verbal que intervenha entre o causativo e a raiz verbal; (ii) os advérbios orientados para  $vP$  (i.e. advérbios de modo e de lugar) não podem ter escopo abaixo de  $v^o_{\text{CAUSE}}$  (i.e. o evento causado não pode ser modificado por advérbios de  $vP$ ). Sobre o morfema {-(*u*)*kar*}, assumo que sua função é selecionar  $vP$  fásico. Tal hipótese se fundamenta nos seguintes diagnósticos: (i) não há restrição quanto à ocorrência de morfologias verbais que intervenham entre o causativo e a raiz verbal (inclusive morfologia de aplicativo alto); (ii) os advérbios orientados para agente podem ter escopo abaixo de  $v^o_{\text{CAUSE}}$  (o que demonstra a existência de argumento externo agente encaixado).

**Palavras-chave:** Família Tupí-Guaraní. Língua Tenetehára. Programa Minimalista. Estrutura Argumental. Causativização.



CAMARGOS, Quesler Fagundes. *Causative Structures of the Tenetehára Language: a minimalist approach*. 2013. 187 p. Master Dissertation (Master's Degree in Theoretical and Descriptive Linguistics) – Faculdade de Letras, Federal University of Minas Gerais.

## ABSTRACT

My aim in this dissertation is to investigate the causative structures in Tenetehára. In descriptive terms, it is shown that this language displays two causative morphemes: {*mu-*} and {-(*u*)*kar*}. The prefix {*mu-*} main role is to causativize inergative and unaccusative predicates, whereas the suffix {-(*u*)*kar*} causativizes transitive verbs. Following Pykkänen's (2002, 2008) proposal, I hypothesize that Voice<sup>o</sup> and  $v^{\circ}_{\text{CAUSE}}$  are separate pieces in the Tenetehára inventory of functional heads. I also demonstrate that they cannot be grouped together into a unique morpheme in the lexicon. This hypothesis is based on the fact that these heads are morphologically realized in Tenetehára. Thus, when a causative transitive receives the reflexive morpheme {*ze-*}, this is an indication that the Voice<sup>o</sup> is overtly realized. I also propose that the causative head is realized by the morpheme {*mu-*}. In line with this reasoning, my proposal is that both Voice<sup>o</sup> and  $v^{\circ}_{\text{CAUSE}}$  are separate heads in the verbal argument structure. Moreover, the  $v^{\circ}_{\text{CAUSE}}$  head could be introduced without the projection of VoiceP. This proposal is based on the fact that there occurs a situation in which the causative construction does not introduce an agent/external argument. This occurs in particular when there is an applied argument introduced by an applicative head above  $v\text{P}_{\text{CAUSE}}$ . This proposal is corroborated by the realization of a high applicative head, which is morphologically instantiated by the morpheme {*eru-*} above  $v^{\circ}_{\text{CAUSE}}$ . Based upon Pykkänen's (2002, 2008) morphosyntactic diagnostics, I show that the causative {*mu-*} only selects root. This proposal is evidenced by the following diagnostics: the impossibility of verbal morphology between the root and the causative head; (ii) the fact that manner-adverbs cannot scope over the root. As to the morpheme {-(*u*)*kar*}, the proposal is that it only selects a phasic  $v\text{P}$ . This hypothesis is reinforced by the following diagnostics: (i) there is no restriction of verbal morphology between the root and the causative verb (including high applicative morphology), (ii) the causative allows lower scope for agentive adverbial modification inside  $v^{\circ}_{\text{CAUSE}}$  head.

**Keywords:** Tupí-Guaraní family. Tenetehára Language. Minimalist Program. Argumental Structure. Causativization.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Organograma 1 - Tronco Tupí.....	24
Organograma 2 - Subgrupos da família Tupí-Guaraní .....	25
Quadro 1 - Funções dos DPs na causativização de verbos inergativos e inacusativos.....	37
Quadro 2 - Funções dos DPs na causativização de verbos transitivos .....	54
Quadro 3 - Diagnósticos que predizem os complementos de $v^{\circ}_{\text{CAUSE}}$ .....	86
Quadro 4 - Diagnósticos para causativos que selecionam raiz $\sqrt{\quad}$ .....	127
Quadro 5 - Diagnósticos para causativos que selecionam raiz $\sqrt{\quad}$ .....	152
Quadro 6 - Diagnósticos para causativos que selecionam um $vP$ fásico .....	157
Quadro 7 - Diagnósticos para causativos que selecionam um $vP$ fásico .....	175

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

1	Primeira pessoa
2	Segunda pessoa
3	Terceira pessoa
A	Sujeito de verbo transitivo
ACC	Caso acusativo
ACT	Voz ativa
APPL	Morfema aplicativo
ASPEC	Morfema de aspecto gramatical
ASSOC	Associativo
C	Prefixos relacionais marcando adjacência do complemento
CAUS	Morfema causativo
COND	Condicional
CT	Consoante temática
DAT	Caso dativo
DEMS	Demonstrativo
DESID	Prefixo indicador de humor desiderativo
DET	Determinante
DIM	Sufixo diminutivo
ECP	<i>Empty Category Principle</i> (Princípio de Categoria Vazia)
ENF	Enfático
ERG	Caso ergativo
EXORT	Exortativo
FUT	Partícula marcadora de tempo futuro
G	Prefixo relacional genérico
GER	Gerúndio
IMP	Imperativo (ordem para ação rápida)
INDEF	Pronome indefinido
INFIN	Morfema de infinitivo
INTER	Interrogativo
INTRANS	Morfema intransitivizador
INTS	Intensificador
MOD	Modo verbal
NC	Prefixos relacionais marcando não adjacência do complemento
NEG	Morfema de negação

NOM	Caso nominativo
NOML	Sufixo de nominalização
O	Objeto de verbo transitivo
OBJ	Sufixo marcador de objeto
OBL	Caso oblíquo
PART	Caso partitivo
PASS	Morfema de voz passiva
PAST	Morfema de tempo passado
PL	Marca de plural
PO	Morfema de plural na função de objeto
PS	Morfema de plural na função de sujeito
RADIC	Radical verbal (morfema pertencente ao radical verbal)
REC	Morfema recíproco
RED	Reduplicação morfológica
REFL	Morfema reflexivo
RLZ	Aspecto realizado
S	Sujeito de verbo inacusativo e inergativo
SG	Singular
SO	Morfema de singular na função de objeto
SS	Morfema de singular na função de sujeito
STAT	Estativo
SUJ	Sujeito
TOP	Posição de tópico
UTAH	<i>Uniformity of Theta-Assignment Hypothesis</i> (Hipótese da Uniformidade de Atribuição Temática)
VF	Vogal final

# SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>12</b>
<b>CAPÍTULO 1: TENETEHÁRA: SEU POVO E SUA LÍNGUA .....</b>	<b>17</b>
1.1. Localização .....	19
1.2. Atividades econômicas e organização social e política .....	20
1.3. Aspectos culturais .....	22
1.4. O tronco Tupí e a família Tupí-Guaraní .....	23
<b>CAPÍTULO 2: APRESENTAÇÃO DOS DADOS .....</b>	<b>26</b>
2.1. Causativização lexical.....	27
2.2. Causativização perifrástica .....	30
2.3. Causativização morfológica.....	34
2.3.1. Morfema causativo { <i>mu-</i> }.....	37
2.3.1.1. Causativização de verbos inergativos .....	38
2.3.1.2. Causativização de verbos inacusativos .....	44
2.3.1.3. Causativização de verbos inacusativos deadjetivais .....	47
2.3.1.4. Causativização de verbos inacusativos denominais.....	51
2.3.2. Sufixo causativo {-( <i>u</i> ) <i>kar</i> }.....	53
2.3.2.1. Causativização de transitivos.....	54
2.3.2.2. Causativização de transitivos causativos .....	56
2.4. Resumo do capítulo .....	58
<b>CAPÍTULO 3: QUADRO TEÓRICO.....</b>	<b>59</b>
3.1. Proposta de Larson (1988).....	60
3.2. Proposta de Hale & Keyser (1993, 2002) .....	64
3.3. Proposta de Kratzer (1994, 1996).....	69
3.4. Causativos: proposta de Pylkkänen (2002, 2008).....	73
3.4.1. Parâmetro: Agregação de VoiceP .....	81
3.4.2. Parâmetro: c-seleção de $v^{\circ}_{\text{CAUSE}}$ .....	85
3.4.2.1. O núcleo $v^{\circ}_{\text{CAUSE}}$ c-seleciona uma raiz $\sqrt{\quad}$ .....	86
3.4.2.2. O núcleo $v^{\circ}_{\text{CAUSE}}$ c-seleciona um vP .....	90
3.4.2.3. O núcleo $v^{\circ}_{\text{CAUSE}}$ c-seleciona um vP fásico.....	93

3.5. Aplicativos: proposta de Pylkkänen (2002, 2008) .....	95
3.5.1. Aplicativo alto nas línguas Tupí-Guaraní .....	98
3.5.2. Aplicativo baixo nas línguas Tupí-Guaraní.....	102
3.6. Resumo do capítulo .....	105
<b>CAPÍTULO 4: PARÂMETRO: AGREGAÇÃO DE VOICEP.....</b>	<b>108</b>
4.1. Realização morfológica do núcleo de VoiceP .....	111
4.2. Projeção de $vP_{CAUSE}$ sem a introdução de VoiceP .....	114
4.3. Resumo do capítulo .....	123
<b>CAPÍTULO 5: ESTATUTO DO MORFEMA CAUSATIVO {MU-} .....</b>	<b>125</b>
5.1. Modificação de $vP$ abaixo de $v^o_{CAUSE}$ .....	128
5.1.1. Advérbio de modo .....	129
5.1.2. Advérbio de lugar.....	132
5.2. Morfologia verbal entre $v^o_{CAUSE}$ e a raiz $\sqrt{\quad}$ .....	134
5.3. Modificação orientada para agente abaixo de $v^o_{CAUSE}$ .....	138
5.4. Morfologia de aplicativo alto entre $v^o_{CAUSE}$ e a raiz $\sqrt{\quad}$ .....	141
5.5. Causativização de verbos transitivos e inergativos.....	143
5.6. Negação do evento causado .....	149
5.7. Resumo do capítulo .....	151
<b>CAPÍTULO 6: ESTATUTO DO MORFEMA CAUSATIVO {-(U)KAR} .....</b>	<b>153</b>
6.1. Modificação de $vP$ abaixo de $v^o_{CAUSE}$ .....	158
6.1.1. Advérbio de modo .....	159
6.1.2. Advérbio de lugar.....	162
6.2. Morfologia verbal entre $v^o_{CAUSE}$ e a raiz $\sqrt{\quad}$ .....	163
6.3. Modificação orientada para agente abaixo de $v^o_{CAUSE}$ .....	165
6.4. Morfologia de aplicativo alto entre $v^o_{CAUSE}$ e a raiz $\sqrt{\quad}$ .....	167
6.5. Causativização de verbos transitivos e inergativos.....	170
6.6. Negação do evento causado .....	172
6.7. Resumo do capítulo .....	173
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>176</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>180</b>

# INTRODUÇÃO

---

Em uma perspectiva puramente linguística, vemos que a descrição de línguas pouco conhecidas contribui satisfatoriamente com os trabalhos teóricos em estudos linguísticos. É neste contexto que esta dissertação se insere, ou seja, pretende, por um lado, contribuir com os estudos descritivos e, por outro, testar hipóteses gerativas sobre a natureza das operações sintáticas que ocorrem no interior da estrutura argumental de verbos. Por esta razão, este trabalho está dividido em duas partes: uma descritiva e outra teórica.

Na parte descritiva, apresento, brevemente, no **capítulo 1**, o povo Tenetehára (i.e. sua cultura e sua organização social e política) e a classificação dessa língua. No **capítulo 2**, discuto os processos de causativização e alguns fenômenos relacionados à estrutura argumental dos verbos. De modo geral, descritivamente, há dois morfemas causativos, a saber: {*mu-*} e {-(*u*)*kar*}.

O morfema {*mu-*} tem a propriedade gramatical de inserir um argumento na posição de sujeito de verbos inicialmente monovalentes, conforme o exemplo a seguir:

- (1a) *u-wa-wak*<sup>1</sup>    *tàzuràn*    *a'e*<sup>2</sup>  
 3-*virar*-RED    porco    ele  
 “O porco ficou rodando”
- (1b) *u-mu-wa-wak*    *awa*    *tàzuràn*    *a'e*  
 3-CAUS-*virar*-RED    homem    porco    ele  
 “O homem ficou rodando o porco”

---

<sup>1</sup> O aspecto gramatical em Tenetehára pode ser codificado por meio de partículas verbais específicas – *wiwi* ‘iterativo’, *ahy* ‘intensivo’, *katu* ‘intensivo’, *wewer* ‘paucal’ – ou por meio de reduplicação verbal. Veja que, em (1), o verbo *wak* ‘virar’ tem sua base verbal reduplicada a fim de codificar o aspecto sucessivo. Para mais detalhes sobre a reduplicação nessa língua, ver Silva (2010).

<sup>2</sup> Em termos descritivos, na língua Tenetehára, os pronomes pessoais (*ihe* ‘eu’, *zane* ‘nós<sub>INCLUSIVO</sub>’, *ure* ‘nós<sub>EXCLUSIVO</sub>’, *ne* ‘tu’, *pe* ‘vós’, *a'e* ‘ele/ela’) são introduzidos no final de cada sentença a fim de retomar o sujeito de verbos inergativos, inacusativos e transitivos das orações principais. Uma hipótese descritiva é assumir que esse pronome final tem a função de enfatizar o sujeito, conforme os exemplos a seguir:

- (i) *a-zàn*    *zàwàruhu*    *ø-wi*    *i-hem*    *mehe*    ***ihe***  
 1-*correr*    onça    C-de    3-*chegar*    quando    **eu**  
 “EU, corri da onça<sub>k</sub> quando ela<sub>k</sub> chegou”
- (ii) *u-'ar*    *kwarer*    *he*    *ø-ku'a*    *ø-wi*    ***a'e***  
 3-*cair*    menino    minha    C-*cintura*    C-de    **ele**  
 “ELE, o menino caiu da minha cintura”
- (iii) *u-zuka*    *kwarer*    *zapukaz*    (***a'e***)    ***wà***  
 3-*matar*    menino    galinha    **ele**    **PL**  
 “ELES, os meninos mataram a galinha”

Para mais detalhes, ver Harrison (1986). Trabalhos futuros deverão investigar a natureza sintática desses pronomes pessoais, em posição final, os quais correferenciam o sujeito da oração matriz.



O outro morfema causativo é  $\{-(u)kar\}$ . Tal unidade gramatical pode afixar-se a verbos transitivos a fim de introduzir um terceiro argumento na posição de sujeito, conforme o exemplo a seguir:

- (2a) *u-zuka*      *kuzà*      *zakukaz*      *a'e*  
 3-matar      mulher      galinha      ela  
 “A mulher matou a galinha”
- (2b) *u-zuka-kar*      *awa*      *zapukaz*      *kuzà*       $\emptyset$ -*pe*      *a'e*  
 3-matar-CAUS      homem      galinha      mulher      C-por      ele  
 “O homem fez a mulher matar a galinha”

Em termos formais, o propósito é verificar se esses dois morfemas podem ser realmente interpretados como sendo a realização morfológica do núcleo causativo em predicados transitivos. Mais especificamente, a pergunta a ser respondida é se os dois causativos são gerados na posição de  $v^0$  da estrutura bipartida do VP de Larson (1988). Logo, pretende-se verificar quais são as propriedades gramaticais de cada um, a fim de apresentar distinções capazes de separar o processo de causativização em dois subgrupos distintos. Para isso, levo em consideração o seguinte quadro teórico, o qual será discutido no **capítulo 3**, a saber: Larson (1988), Hale & Keyser (1993, 2002), Kratzer (1994, 1996) e Pykkänen (2002, 2008).

No **capítulo 4**, a análise teórica fornecerá evidências adicionais para a hipótese de Pykkänen (2002, 2008), segundo a qual os núcleos  $\text{Voice}^0$  e  $v^0_{\text{CAUSE}}$

podem variar quanto ao parâmetro denominado Agregação de VoiceP. Segundo essa proposta, os núcleos Voice<sup>o</sup> e  $v^o_{\text{CAUSE}}$  podem: (i) realizar-se em núcleos distintos (cindidos): [Voice<sup>o</sup>] e [ $v^o_{\text{CAUSE}}$ ], ou (ii) realizar-se em um núcleo sincrético: [Voice<sup>o</sup>,  $v^o_{\text{CAUSE}}$ ]. Como será visto, proponho que esses núcleos são cindidos em Tenetehára com base em dois fatos empíricos. O primeiro diz respeito à possibilidade de os núcleos Voice<sup>o</sup> e  $v^o_{\text{CAUSE}}$  serem preenchidos, respectivamente, pelos morfemas reflexivo {ze-} e causativo {mu-}, conforme a sentença (3). O segundo argumento se refere à coocorrência do causativo {mu-} e do aplicativo alto {eru-}, conforme o exemplo (4).

- |     |   |                     |  |
|-----|---|---------------------|--|
| (3) | <i>u-ze-mu-pihun</i><br>3-REFL-CAUS-preto<br>“O homem se pintou de preto”               | <i>awa</i><br>homem | <i>a'e</i><br>ele                            |
| (4) | <i>w-eru-mo-nohok</i><br>3-APPL-CAUS-partir.se<br>“A corda (se) arrebentou com o homem” | <i>awa</i><br>homem | <i>kyhàhàm</i><br>corda<br><i>a'e</i><br>ele |

Para Pylkkänen (2002, 2008), dependendo do parâmetro de cada língua, o núcleo  $v^o_{\text{CAUSE}}$  pode selecionar, pelo menos, três tipos de complementos, a saber: uma raiz  $\sqrt{\quad}$ , um  $v\text{P}$  (sem argumento externo) ou um  $v\text{P}$  fásico<sup>3</sup>. Como será visto no **capítulo 5**, assumo que o morfema {mu-} tem como função selecionar

---

<sup>3</sup> Para Pylkkänen (2002, 2008),  $v\text{P}$  fásico é uma estrutura que projeta argumento externo agente, por meio de VoiceP, ou um argumento aplicado, por meio de ApplP. A autora se fundamenta nos trabalhos de Chomsky (1998, 1999, 2001), segundo os quais o núcleo que introduz argumento externo tem um papel especial na definição de um domínio para a interpretação cíclica e a realização de *spell-out*, o que fecha uma fase.

diretamente uma raiz  $\surd$ . Esta proposta fundamenta-se principalmente nos seguintes diagnósticos: (i) não pode haver nenhum tipo de morfologia que intervenha entre o causativo e a raiz e (ii) não é possível que um advérbio orientado para  $\nu$ P tenha escopo abaixo do núcleo causativo.

No **capítulo 6**, adoto a hipótese de que o morfema causativo  $\{- (u)kar\}$ , por seu turno, tem como função selecionar um  $\nu$ P fásico. Tal proposta apoia-se nos seguintes diagnósticos: (i) pode haver morfologia de aplicativo alto entre o causativo e a raiz  $\surd$  e (ii) é possível que um advérbio orientado para agente tenha escopo abaixo do núcleo causativo.

# CAPÍTULO 1:

## TENETEHÁRA: SEU POVO E SUA LÍNGUA

---

Os Guajajara e os Tembé são povos que partilham praticamente a mesma língua e tradição cultural. Além disso, também se consideram um são povo, autodenominando-se Tenetehára. Conforme Boudin (1978, p. 260), Tenetehára, que significa “a gente, os índios em geral e mais especificamente os  ndios Temb  e Guajajara”, tem a seguinte derivação morfológica:

- TENETEHÁRA
- (1) *t-en-ete-har* → *tentehar*  
G-ser-ENF-NOML  
“A gente verdadeira” (i.e. Guajajara ou Tembé)

Esses povos, segundo Boudin (1978), ainda se autodenominam como *wazayzar* ‘Guajajara’ e *xi ipew* ‘Tembé’, conforme a derivação morfológica em (2) e (3), respectivamente.

- GUAJAJÁRA  
(2) *wazay-zar*  
cocar-dono  
“O dono do cocar”

- TEMBÉ  
(3) *xi i-pew*  
nariz 3-achatado  
“O nariz é achatado”

Além do mais, podem ser identificados quanto à sua localização geográfica, conforme as denominações a seguir:

- MORADORES À MARGEM DO RIO GUAMÁ  
(4) *wàmà-iwar-wà*  
Guamá-NOML-PL  
“Aqueles do rio Guamá”

- MORADORES À MARGEM DO RIO TURIAÇU  
(5) *turi-war-wà*  
alegre-NOML-PL  
“Aqueles do rio Turiaçu”

- MORADORES À MARGEM DO RIO GURUPI  
(6) *kuripi-war-wà*  
Gurupi-NOML-PL  
“Aqueles do rio Gurupi”

- MORADORES À MARGEM DO RIO MEARIM  
(7) *miàri-war-wà*  
Mearim-NOML-PL  
“Aqueles do rio Mearim”

MORADORES À MARGEM DO MAR

- (8) *namà-iwar-wà*  
mar-NOML-PL  
“Aqueles da margem do mar (Barra do Corda)”

MORADORES À MARGEM DO RIO PINDARÉ

- (9) *pinare-iwar-wà*  
Pindaré-NOML-PL  
“Aqueles do rio Pindaré”

MORADORES À MARGEM DO RIO ZUTIWA

- (10) *zutyw-iwar-wà*  
Zutiwa-NOML-PL  
“Aqueles do rio Zutiwa”

MORADORES À MARGEM DO RIO BURITICUPU

- (11) *murixityw-iwar-wà*  
Buriticupu-NOML-PL  
“Aqueles do rio Buriticupu”

### 1.1. Localização

Segundo Duarte (1997, 2003, 2007), todas as terras indígenas habitadas pelos Guajajara estão localizadas na região central do estado do Maranhão, mais precisamente nas regiões dos rios Pindaré, Grajaú, Mearim e Zutiwa. As terras são cobertas pelas florestas altas da Amazônia e também pelas matas de cerrado, que são matas de transição entre as florestas amazônicas e os cerrados. Os Tembé, por sua vez, habitam principalmente as florestas de mata alta do leste do Pará, fronteira com o Maranhão. No entanto, uma parte do povo Tembé vive na margem direita do rio Gurupi, no estado do Maranhão.

As atuais terras indígenas que estão registradas e homologadas são: Araribóia (413.288 ha), Bacurizinho (82.432 ha), Canabrava (137.329 ha), Caru (172.667 ha), Governador (41.644 ha), Krikatí (146.000 ha), Lagoa Comprida (13.198 ha), Morro Branco (49 ha), Pindaré (15.002 ha), Rodeador (2.319 ha) e Urucu-Juruá (12.697 ha).

## **1.2. Atividades econômicas e organização social e política**

Atualmente, a principal atividade econômica é a de subsistência, sendo a lavoura predominante com o plantio de mandioca (mandioca-brava), macaxeira (mandioca-mansa), milho, arroz, abóbora, melancia, feijão, fava, inhame, cará, gergelim e amendoim. Na estação seca são realizadas queimadas, derrubadas e limpezas da terra de cultivo e durante os demais períodos são feitos os plantios e as capinas. Outra atividade é a lavoura para a comercialização, que ocorre em algumas aldeias como comunas, isto é, ocorrem como projetos comunitários preparados para o plantio de mandioca, feijão, milhos, arroz e frutas.

A caça está se tornando uma prática muito pouco produtiva nos últimos anos, por causa da concorrência com os brancos e das novas limitações de terra. Essa prática acontece mais significativamente nos dias de festas. Os Tenetehára, segundo Duarte (1997, 2003, 2007), tradicionalmente caçam mais de 50

espécies de animais, dentre elas destacam-se o caititu, o veado, a guariba, a cutia, o jacamim, o jacu, a queixada e muitas espécies de macacos e tatus.

As aldeias, atualmente, não possuem uma forma típica, às vezes são redondas, compridas ou quadriculares. Elas se localizam normalmente à beira de rios, lagos e principalmente estradas. Essas comunidades indígenas geralmente são muito pequenas, entre 70 a 300 indivíduos, e permanentes. Elas são formadas por uma ou várias famílias ligadas por relações de parentesco, por laços matrimoniais ou por rituais entre as comunidades. As aldeias costumam manter sua independência e raramente formam coligações regionais.

O grupo familiar e as formas de casamento são flexíveis, estabelecendo e aproveitando relações. A unidade significativa é a família extensa, isto é, um grupo de núcleos familiares unidos por laços de parentesco. De acordo com Schröder (2002), a residência após o casamento é, geralmente, com os pais da mulher. Os chefes de famílias extensas tentam manter o máximo de mulheres junto de si, a ponto de adotarem filhas de homens falecidos que possuam uma relação aproximada. Eles tentam formar casamentos para estas mulheres com o objetivo de conseguirem genros que trabalhem, de forma temporária ou definitiva, em sua aldeia nas diversas atividades.



### 1.3. Aspectos culturais

Conforme Schröder (2002), a cosmologia Tenetehára é tradicionalmente dos povos Tupí-Guaraní. Sua crença se fundamenta basicamente em quatro categorias sobrenaturais, que possuem a designação genérica de *Karowara*.

A primeira corresponde aos criadores do mundo ou heróis culturais. Os mais importantes são (i) *Maíra* e (ii) os Gêmeos *Maíra-ira* e *Mucura-ira*. Há ainda o *Zurupari*, o criador das pragas, dos insetos, das cobras peçonhentas e aranhas. Esse último é visto como um herói cultural temido. A segunda se refere aos “donos” *Ka'a'zar* das florestas, a saber: (i) *Y'zar* das águas, (ii) *Miar'i'zar* das caças e (iii) *Wira'zar* das árvores. São temidos por seu poder maligno. A terceira categoria compreende os *Azang*, os quais são espíritos errantes dos mortos. Eles também são muito temidos. A quarta categoria, por fim, engloba os *Piwara*, os quais são os espíritos dos animais. Atualmente, essas crenças já não são tão mantidas por muitos Tenetehára por causa do grande contato com a cultura dos não indígenas. (SCHRÖDER, 2002).

Segundo Schröder (2002), antigamente, a grande parte dos homens tentava ser pajé, mas poucos obtinham sucesso e fama. O poder que um pajé tinha era segundo a quantidade de seres sobrenaturais que ele sabia chamar. A pajelança é uma atividade exclusivamente para homens, porém existem algumas mulheres que assumem esse exercício, mesmo que raramente.

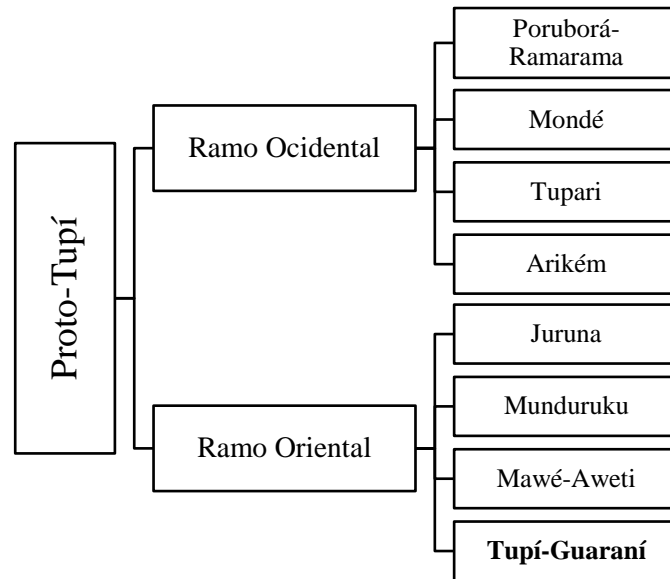
#### **1.4. O tronco Tupí e a família Tupí-Guaraní**

As línguas indígenas do Brasil, por apresentarem semelhanças morfofonológicas nas suas origens, tornam-se parte de grupos linguísticos que são denominados como famílias linguísticas. Essas famílias, por sua vez, fazem parte de grupos maiores que são designados como troncos linguísticos.

No Brasil, os troncos mais conhecidos e com uma quantidade maior de línguas são o Tupí e o Macro-Jê. Além desses dois troncos, há também mais 19 famílias que, por não possuírem taxas suficientes de semelhanças, não são agrupadas em troncos. E, por fim, há também línguas isoladas, que por não terem uma quantidade satisfatória de similaridade entre si e com outras línguas indígenas brasileiras, não são agrupadas em famílias linguísticas.

O tronco Tupí subdivide-se nos ramos ocidental e oriental, que, por sua vez, subdividem-se em famílias linguísticas. O Organograma 1, a seguir, foi formulado a partir de Rodrigues (1985), Rodrigues & Cabral (2002) e Dietrich (2010).

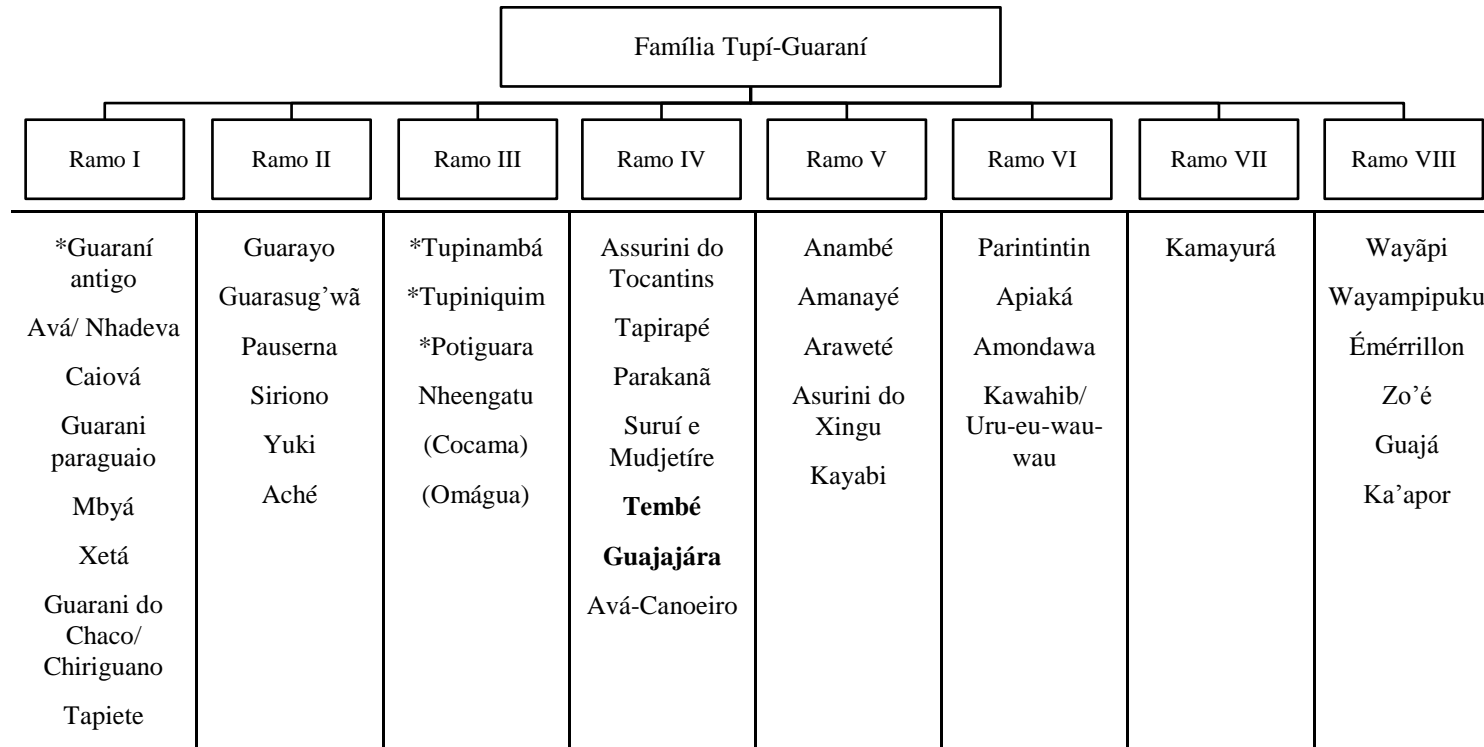
ORGANOGRAMA 1  
Tronco Tupí



Fonte: adaptado de RODRIGUES, 1985; RODRIGUES; CABRAL, 2002; DIETRICH, 2010

Rodrigues (1985) afirma que a língua Tenetehára (dialetos: Guajajára e Tembé) pertence à família Tupí-Guaraní, sendo que as seguintes línguas também possuem semelhanças suficientes para serem agrupadas, formando, assim, o Ramo IV: o Asuriní do Tocantins, o Avá-Canoeiro, o Parakanã, o Suruí do Tocantins e o Tapirapé. Diante disso, o Organograma 2, a seguir, foi também formulado a partir de Rodrigues (1985), Rodrigues & Cabral (2002) e Dietrich (2010).

ORGANOGRAMA 2  
Subgrupos da família Tupí-Guaraní<sup>4</sup>



Fonte: adaptado de RODRIGUES, 1985; RODRIGUES; CABRAL, 2002; DIETRICH, 2010

<sup>4</sup> O asterisco (\*) marca uma língua extinta.

## CAPÍTULO 2: APRESENTAÇÃO DOS DADOS

---

As línguas naturais, de modo geral, são ricas e diversas com relação aos mecanismos de aumento e diminuição de valência verbal (WHALEY, 1997). Adicionalmente, de acordo com Comrie (1981), no âmbito dos estudos tipológicos e funcionais, causativização é um epifenômeno que envolve duas microssituações: a causa e o efeito dessa causa. No entanto, o autor esclarece que as línguas usam estratégias distintas para expressar o causador e a ação verbal correspondente. Tipologicamente, considerando parâmetros formais e semânticos, Comrie (1981) distingue três estratégias: causativização lexical, causativização analítica ou perifrástica e causativização morfológica.

Nesta linha de investigação, mostrarei que, além da causativização lexical e perifrástica, a língua Tenetehára exhibe causativização morfológica. Assim sendo, disponibiliza dois morfemas causativos que, ao longo do processo

derivacional, desencadeiam a introdução de um argumento externo adicional à estrutura argumental de verbos monovalentes (i.e. o qual licencia um argumento nuclear) e divalentes (i.e. o qual licencia dois argumentos nucleares). Por essa razão, assumirei, doravante, que o morfema causativo {*mu-*} tem a função de transformar verbos inacusativos e inergativos em transitivos, enquanto o morfema causativo {*-(u)kar*}, por sua vez, faz com que os verbos transitivos passem a projetar três argumentos nucleares. Nos dois processos, um DP agente é inserido na posição de sujeito, ao passo que os sujeitos iniciais passam a exercer outras funções sintáticas.

O capítulo está organizado em 3 seções, a saber: na seção 2.1, exibo as causativizações lexicais, as quais se subdividem em heterônimas e homônimas; na seção 2.2, mostro as causativizações analíticas (i.e. perifrásticas); na seção 2.3, discuto as causativizações morfológicas, processos que envolvem a incorporação de uma raiz a um núcleo causativo morfológicamente realizado; por fim, na seção 2.4, apresento o resumo do capítulo.

### **2.1. Causativização lexical**

Na causativização lexical, conforme Comrie (1981), em termos morfológicos, o predicado não causativo e sua contraparte causativa não possuem aparentemente nenhuma relação morfológica. Lyons (1979) afirma

que esta relação está lexicalizada. De acordo com Givón (1979), diacronicamente, a causativização lexical envolve a ampliação do predicado. Nessa linha de investigação, apresento os exemplos em (b) a seguir:

CAUSATIVO LEXICAL EM PORTUGUÊS

- (1a) *O porco **morreu***
- (1b) *João **matou** o porco*
  
- (2a) *Pedro **viu** o desenho*
- (2b) *Maria **mostrou** o desenho para Pedro*

CAUSATIVO LEXICAL EM INGLÊS

- (3a) *The pig **died***
- (3b) *The man **killed** the pig*
  
- (4a) *Peter **saw** the image*
- (4b) *Mary **showed** the image to Peter*

Além das causativas lexicais heterônimas, conforme os exemplos acima, as línguas ainda apresentam uma causativização lexical homônima, a saber: quando há ampliação de valência, sem que haja alteração na forma verbal, conforme os exemplos abaixo (as causativas homônimas também são chamadas pela literatura linguística de alternância incoativa-causativa):

CAUSATIVO LEXICAL EM PORTUGUÊS

- (5a) *A porta **abriu***  
 (5b) *O menino **abriu** a porta*
- (6a) *O lápis **quebrou***  
 (6b) *O menino **quebrou** o lápis*

CAUSATIVO LEXICAL EM INGLÊS

- (7a) *The door **opened***  
 (7b) *The boy **opened** the door*
- (8a) *The pencil **broke***  
 (8b) *The boy **broke** the pencil*

A língua Tenetehára também apresenta predicados não causativos e sua contraparte causativa, os quais são realizados por um item lexical heterônimo, conforme os exemplos abaixo:

- (9a) *u-màno      mutuk      a'e*  
 3-morrer      mutuca      ela  
 “A mutuca morreu”
- (9b) *u-zuka      kuzà      mutuk      a'e*  
 3-matar      mulher      mutuca      ela  
 “A mulher matou a mutuca”
- (10a) *u-pen      he      ø-takyhe      a'e*  
 3-quebrar      minha      C-faca      ela  
 “Minha faca quebrou”
- (10b) *u-zuhaw      kuzà      he      ø-takyhe      a'e*  
 3-quebrar      mulher      minha      C-faca      ela  
 “A mulher quebrou a minha faca”



Nos exemplos em (9) e (10), cada par de verbos inacusativos e transitivos corresponde à estratégia morfossintática de causativização lexical. Tal fato fica evidente, uma vez que o predicado não causativo, em (a), e sua contraparte causativa, em (b), não possuem nenhuma relação morfológica (i.e. a relação já passou por um processo de gramaticalização e está lexicalizada).

Ressalto que não constatei ainda a ocorrência de causativos lexicais homônimos em Tenetehára, como ocorre em dados do português e do inglês. Na próxima seção, discuto a causativização analítica.

## **2.2. Causativização perifrástica**

Na causativização analítica (i.e. perifrástica), por sua vez, segundo Comrie (1981), não há a contração do elemento causativo com o verbo da oração não causativa. Dizendo de outra forma: a estrutura causativa não é realizada por meio de uma oração simples. Assim, o predicado que expressa a noção de causação e o predicado do efeito desta causação estão sintaticamente separados. As orações não causativas em (11a), (12a) e (13a) terão, como causativo analítico correspondente, as construções em (11b), (12b) e (13b), respectivamente.

CAUSATIVO ANALÍTICO EM PORTUGUÊS

- (11a) *O menino correu*  
 (11b) *Eu fiz o menino correr*
- (12a) *O menino comeu a maçã*  
 (12b) *A mãe fez o menino comer a maçã*

CAUSATIVO ANALÍTICO EM INGLÊS

- (13a) *John went*  
 (13b) *I made John go*  
       *I had John go*  
       *I caused John to go*  
       *I brought it about that John went*

A seguir, ilustrarei a causativização perifrástica com exemplos da língua Terena<sup>5</sup>, retirados de Nascimento (2012, p. 86). Nesse processo, inserem-se os verbos *itúkoa* ‘fazer’, *epenoa* ‘pedir’ e *pahukoa* ‘mandar’ para denotar a causativização. Note que, nos exemplos de (14) a (16), os predicados que expressam a ideia de causa são separados dos predicados não causativos, o que confirma que se tratam de causativizações analíticas.

- (14) *pora enon ø-itú-k-o-a ra hoyeno*  
       DET mãe 3.PS-fazer-CT-MOD-3.OBJ DET homem
- ø-kó-xuna-k-e-a ra kalivono*  
       3.PS-CAUS-forte-CT-MOD-3.OBJ DET criança
- “A mãe fez o homem fortalecer a criança”

---

<sup>5</sup> De acordo com Aikhenvald (1999), a língua Terena pertence à família linguística Aruák.

- (15) *pora enon ø-epeno-a ra hoyeno*  
 DET mãe **3.PS-pedir-3.OBJ** DET homem  
*kó-xuna-k-e-a ra kalivono*  
 CAUS-forte-CT-MOD-3.OBJ DET criança  
 “A mãe pediu ao homem para fortalecer a criança”
- (16) *pora eno ø-pahu-k-o-a ra hoyeno*  
 DET mãe **3.PS-mandar-CT-MOD-3.OBJ** DET homem  
*kó-xuna-k-e-a ra kalivono*  
 CAUS-forte-CT-MOD-3.OBJ DET criança  
 “A mãe mandou o homem fortalecer a criança”

De acordo com Silva (2010), em Tenetehára, as causativas perifrásticas, por meio do verbo independente *mono-kar* ‘mandar’, também são produtivas, conforme os dados a seguir:

- (17a) *u-mai’u kwaharer a’e*  
 3-comer menino ele  
 “O menino comeu”
- (17b) *a-mono-kar kwaharer u-mai’u*  
 1-mandar-CAUS menino 3-comer  
 “Eu mandei o menino comer (SILVA, 2010, p. 684)  
 [Lit.: Eu fiz o menino ir para comer]

Observe que, em (17a), o verbo *mai’u* ‘comer’ projeta apenas o DP *kwaharer* ‘o menino’. Em (17b), por sua vez, a predicação monovalente é causativizada por meio do verbo independente *mono-kar*. Assim, um novo DP agente (causador) é introduzido na predicação.

Na causativização analítica acima, o elemento que introduz o significado causativo (i.e. *mono-kar*), além de ser sintaticamente independente do predicado causado, possui em sua estrutura interna uma morfologia causativa. Veja que *mono-kar*, além do sufixo causativo  $\{-(u)kar\}$ , também realiza o prefixo causativo  $\{mu-\}$ , conforme a seguinte estrutura:

MORFOLOGIA DO ELEMENTO CAUSATIVO *MONO-KAR*

- (18) *a-mo-ho-kar* → *a-mono-kar*  
 1-CAUS-ir-CAUS

Diante disso, constata-se que esse tipo de construção exhibe características tanto perifrásticas quanto morfológicas. Veja que essa formação híbrida difere substancialmente dos dados do português, do inglês e do Terena. Uma pesquisa futura deverá examinar o estatuto gramatical de cada um dos elementos envolvidos nesse processo.

Adicionalmente, apresento abaixo outros exemplos que reforçam esse processo perifrástico-morfológico de causativização na língua Tenetehára.

- (19) *a-mo-no-kar*    *kwaharer*    *ma'e*    *r-o'ok-wer*     $\emptyset$ -*peripan*    *pà*  
 1-CAUS-ir-CAUS    menino    coisa    C-carne-PAST    3-comprar    GER  
 “Eu mandei o menino comprar carne para mim” (SILVA, 2010, p. 684)  
 [Lit.: Eu fiz o menino ir para comprar carne]
- (20) *a-mo-no-kar*    *kwez*    *pupàn*     $\emptyset$ -*zuhez*    *pà*  
 1-CAUS-ir-CAUS    RLZ    pano    3-lavar    GER  
 “Eu a fiz lavar a roupa” (SILVA, 2010, p. 684)  
 [Lit.: Eu a fiz ir para lavar a roupa]

Na próxima seção, apresento a causativização morfológica na língua Tenetehára, a qual se realiza por meio dos morfemas {*mu-*} e {*-(u)kar*}.

### 2.3. Causativização morfológica

Na causativização morfológica, um verbo não causativo sofre aumento de valência por meio de morfemas causativos. Conforme Comrie (1981), há, pelo menos, duas situações possíveis. Primeiro, o verbo causativo está relacionado com um predicado não causativo, conforme os exemplos do turco em (21) e (22), retirados de Çetinoğlu, Butt & Oflazer (2010, p. 44):

(21a) *keci*                *uyu-du*  
gato.NOM        dormir-PAST  
“O gato dormiu”

(21b) *çocuk*            *keci-yi*            *uyu-t-tu*  
criança.NOM    gato-ACC        dormir-CAUS-PAST  
“A criança fez o gato dormir”

Veja que, em (21b), o causativo {-*t*} dá o significado de causação e transforma o verbo inacusativo *uyu* ‘dormir’ no verbo transitivo *uyu-t* ‘fazer dormir’. Para tal, esse causativo permite a introdução do novo DP *çocuk* ‘a criança’ na função sintática de sujeito, enquanto que o sujeito inicial, a saber: o DP *keci* ‘o gato’, passa a exercer a função de objeto. Paralelamente, em (22), o verbo transitivo *kovala* ‘perseguir’ também pode receber o morfema {-*t*}, cuja

função é introduzir o significado de causação e, conseqüentemente, acrescentar um terceiro argumento à grade temática do verbo.

(22a) *köpek*                      *kedî-yî*                      *kovala-dî*  
cachorro.NOM              gato-ACC                      perseguir-PAST  
“O cachorro perseguiu o gato”

(22b) *çocuk*                      *köpe-e*                      *kedî-yî*                      *kovala-t-tî*  
criança.NOM              cachorro-DAT              gato-ACC                      perseguir-CAUS-PAST  
“A criança fez o cachorro perseguir o gato”

Observe que o sujeito inicial em (22a), o DP *köpek* ‘o cachorro’, passa a receber uma marca de dativo em (22b), enquanto que o novo DP *çocuk* ‘a criança’ é introduzido na função de sujeito em (22b). O objeto do predicado não causativo mantém sua função inalterada após a causativização.

A segunda situação, proposta por Comrie (1981), diz respeito ao contexto no qual um verbo causativo é formado a partir de outro verbo causativo – dupla causativização. De acordo com PyLkkänen (2002, 2008), apesar de haver certas limitações semânticas, esse processo é produtivo em japonês, conforme o exemplo abaixo:

(23a) *kodomo-ga*    *naki-sugi-ta*  
criança-NOM    chorar-muito-PAST  
“A criança chorava muito” (PYLKKÄNEN, 2002, p. 112)

(23b) *John-ga*              *kodomo-o*              *nak-asi-ta*  
John-NOM              criança-ACC              chorar-CAUS-PAST  
“John fez a criança chorar” (PYLKKÄNEN, 2002, p. 110)

- (23c) *Taroo-ga John-ni kodomo-o nak-as-ase-ta*  
 Taroo-NOM John-DAT criança-ACC chorar-CAUS-CAUS-PAST  
 “Taro fez o John fazer a criança chorar”

Vemos que, em (23a), figura o verbo inacusativo *nak* ‘chorar’ que seleciona o DP sujeito *kodomo-ga* ‘criança’. Já em (23b), por ter recebido o causativo {-*asi*}, o novo predicado passa a projetar dois argumentos nucleares: o DP sujeito *John-ga* ‘João’ e o DP objeto *kodomo-o* ‘a criança’. Esse transitivo causativo pode receber ainda outro morfema causativo {-*ase*}, cuja função é introduzir o significado de causação e, assim, acrescentar um terceiro argumento à grade temática do verbo. Vemos que, em (23c), o predicado duplamente causativizado projeta três argumentos nucleares, a saber: o DP *Taroo-ga* ‘Taro’ na função sintática de sujeito; o argumento *John-ni* ‘John’ que recebe a marca de dativo; e, por fim, o DP *kodomo-o* ‘a criança’ na função de objeto.

Tendo em vista o processo morfológico de causativização nas línguas naturais mostradas até aqui, o objetivo deste capítulo é, portanto, mostrar que em Tenetehára verbos podem se causativizar, aumentando a valência do verbo por meio de dois morfemas causativos, a saber: o morfema {*mu-*} e o morfema {-*(u)kar*} (cf. HARRISON, 1995; CASTRO, 2007; CAMARGOS; DUARTE, 2009; DUARTE; CASTRO, 2010; SILVA, 2010; DUARTE; CAMARGOS, 2011; CAMARGOS, 2011a, 2011b, 2013). Nesse sentido, o objetivo das

próximas seções é o de apresentar o escopo do prefixo {*mu-*} que, em geral, aumenta a valência de verbos inergativos e inacusativos, e do morfema {-(*u*)*kar*} que, por sua vez, junta-se a verbos transitivos, tornando-os bitransitivos. Começemos então com o morfema causativo {*mu-*}.

### 2.3.1. Morfema causativo {*mu-*}

O morfema {*mu-*} em Tenetehára tem a propriedade de causativizar predicados inergativos e inacusativos, transformando-os em verbos transitivos. A mudança sintática que os argumentos sofrem ao longo desse processo de causativização pode ser descrito resumidamente no Quadro 1.

QUADRO 1  
Funções dos DPs na causativização de verbos inergativos e inacusativos<sup>6</sup>

FUNÇÃO DO DP NO VERBO INERGATIVO/INACUSATIVO	FUNÇÃO DO DP NO VERBO TRANSITIVO CAUSATIVIZADO
S <sub>AGENTE/AFETADO</sub>	A <sub>AGENTE (CAUSADOR)</sub>
	O <sub>AFETADO (CAUSADO)</sub>

Veja que, o argumento que ocupa a posição de sujeito (S) do predicado inergativo ou inacusativo passa a ocupar a posição de objeto (O). Nos termos de

<sup>6</sup> Adotei, neste trabalho, a terminologia proposta por Dixon (1979): o termo (A) refere-se ao sujeito de verbo transitivo, o termo (S) ao sujeito de verbo intransitivo (inacusativo e inergativo) e, por fim, o termo (O) ao objeto de verbo transitivo.



Comrie (1981), esse argumento é denominado como o *causee* ‘causado’. Conseqüentemente, um novo argumento é inserido na posição de sujeito (A) do verbo transitivo causativo. Na terminologia de Comrie (1981), esse argumento recebe a denominação de *causer* ‘causador’.

Nas próximas subseções, o objetivo é apresentar os processos de causativização que envolvem inergativos e inacusativos. Começo então com a causativização dos inergativos.

### 2.3.1.1. Causativização de verbos inergativos

De acordo com Perlmutter (1978) e Burzio (1986), os verbos inergativos selecionam apenas um argumento na posição de sujeito com as propriedades semânticas de agente. Em Tenetehára, recebem ainda os prefixos nominativos<sup>7</sup>, como se segue:

<sup>7</sup> Assim como nas demais línguas Tupí-Guaraní, os sintagmas nominais em Tenetehára não recebem desinências de Caso para distinguir os DPs na função sintática de sujeito ou de objeto. Essas funções são codificadas por meio da série de prefixos nominativos, marcadores relacionais e pronomes pessoais que, geralmente, vêm proclíticos ao verbo:

Marcadores nominativos e pronomes pessoais

PESSOAS	PRONOMES PESSOAIS INDEPENDENTES	PRONOMES PESSOAIS CLÍTICOS	PREFIXOS PESSOAIS NOMINATIVOS
eu	<i>ihe</i>	<i>he</i>	<i>a-</i>
nós <sub>INCLUSIVO</sub>	<i>zane</i>	<i>zane</i>	<i>xi- ~ za-</i>
nós <sub>EXCLUSIVO</sub>	<i>ure</i>	<i>ure</i>	<i>uru- ~ oro-</i>
tu	<i>ne</i>	<i>ne</i>	<i>re-</i>
vós	<i>pe</i>	<i>pe</i>	<i>pe-</i>
ele	-	-	<i>u- ~ o- ~ w-</i>

Fonte: adaptado de DUARTE, 2007, p. 44

(24a) *u-zegar*      *kwarer*      *a'e*  
 3-cantar      menino      ele  
 “O menino cantou”

(24b) *u-wewe*      *wirà-miri*      *a'e*  
 3-voar      pássaro-DIM      ele  
 “O passarinho voou”

Os transitivos causativos resultantes de verbos inergativos, em Tenetehára, têm a significação ‘causar X’. Veja o exemplo abaixo que ilustra esse contexto:

(25a) *w-ata*      *kwarer*      *a'e*  
 3-andar      menino      ele  
 “O menino andou”

(25b) *u-mu-ata*      *awa*      *kwarer*      *a'e*  
 3-CAUS-andar      homem      menino      ele  
 “O homem fez o menino andar” (= O homem andou o menino)

Notamos que, no exemplo (25), quando o verbo inergativo *ata* ‘andar’, que seleciona o DP agente *kwarer* ‘o menino’, recebe o morfema causativo {*mu-*}, o predicado passa a projetar dois argumentos nucleares, a saber: o DP *awa* ‘o homem’ é introduzido na posição de sujeito com o papel temático de agente (causador), enquanto que o DP *kwarer* ‘o menino’ passa a ocupar a posição de objeto com o papel temático de afetado e não mais de agente. Para que se entenda qual é o real sentido de (25b), deve-se levar em consideração que o DP *kwarer* ‘o menino’ tem algum tipo de limitação que o impede de

andar sozinho: essa é a razão de esse DP não receber o papel temático de agente. O mesmo processo ocorre no exemplo a seguir:

(26a) *u-zahak*      *kwarer*      *a'e*  
3-banhar      menino      ele  
“O menino tomou banho”

(26b) *u-mu-zahak*      *kuzà*      *kwarer*      *a'e*  
3-CAUS-banhar      mulher      menino      ela  
“A mulher banhou o menino”

Observamos que, no exemplo (26), quando o verbo inergativo *zahak* ‘tomar banho’, que seleciona o DP agente *kwarer* ‘o menino’, recebe o morfema causativo {*mu-*}, o predicado passa a projetar dois argumentos nucleares. Dessa forma, o DP *kuzà* ‘a mulher’ é introduzido na posição de sujeito com o papel temático de agente (causador) e o DP *kwarer* ‘o menino’ passa a ocupar a posição de objeto com o papel temático de afetado. Veja que o DP *kwarer* ‘o menino’, em (26b), não exerce nenhuma ação, uma vez que ele recebe a função semântica de afetado apenas.

Com base nos exemplos (25) e (26) acima, é imprescindível notar que o morfema causativo {*mu-*} desencadeia a seguinte mudança: o sujeito agente do verbo inergativo inicial passa a exercer a função de objeto afetado. Hipotetizo que essa alteração de papel temático está intimamente ligada à seguinte propriedade de causativização por meio do morfema {*mu-*}, a saber: quando um

verbo monoeventivo é submetido ao processo de causativização, a ação desencadeada pelo agente (causador) deve estar intrinsecamente ligada ao evento causado. Mais precisamente, o DP agente (causador) exerce uma ação que afeta diretamente o DP afetado. A esse tipo de processo, atribuo a seguinte denominação: CAUSATIVO DIRETO<sup>8</sup>.

Veja que a gramaticalidade do dado (26b), por exemplo, está conectada com o fato de que o verbo inergativo *zahak* ‘banhar’ permite uma leitura em que a causação ocorre de modo direto. Assim, o dado em questão deve significar ‘a mulher banhou o menino’, contexto no qual ‘o menino’ não executa nenhuma ação, já que é um DP afetado. Portanto, não poderia significar ‘a mulher fez o menino tomar banho’, visto que ‘o menino’ seria um DP agente-afetado. Para esse tipo de contexto, a língua disponibiliza outro morfema causativo, a saber: {-(u)kar}, como pode ser visto abaixo:

(26c) *u-mu-zahak-kar*                      *kuzà*              *kwarer*              *a'e*  
 3-CAUS-banhar-CAUS              mulher              menino              ela  
 “A mulher fez o menino tomar banho”

Note que, diferente do exemplo (26b), em que DP objeto recebe a função semântica de afetado, o DP objeto em (26c) recebe as propriedades

---

<sup>8</sup> “Therefore, it is important to recognize different causative types. The basic semantic distinction is between **direct causation** and **indirect causation**. As the names imply, direct causation refers to a situation in which the actions of the causer have immediate impact on the actions of the cause, and indirect causation refers to a situation in which the causation is further removed.” (WHALEY, 1977, p. 194).

semânticas de agente-afetado. A esse tipo de causativização, denomino como CAUSATIVO INDIRETO, o qual será mais detalhado na seção 2.3.2.

Contudo, vale ressaltar que há uma subclasse de verbos inergativos em Tenetehára que não aceita a causação direta como ocorre nos exemplos (25) e (26), mas somente a causação indireta. É o caso dos exemplos abaixo:

(27a) *u-puka*        *kwarer*        *a'e*  
 3-*rir*            menino        ele  
 “O menino riu”

(27b) \**u-mu-puka*    *kuzà*            *kwarer*        *a'e*  
 3-CAUS-*rir*      mulher        menino        ela  
 “A mulher fez o menino rir”

(28a) *u-zegar*        *kwarer*        *a'e*  
 3-*cantar*        menino        ele  
 “O menino cantou”

(28b) \**u-mu-zegar*      *kuzà*            *kwarer*        *a'e*  
 3-CAUS-*cantar*      mulher        menino        ela  
 “A mulher fez o menino cantar”

É impossível que a causativização dos predicados inergativos *puka* ‘rir’ e *zegar* ‘cantar’, em (27) e (28), respectivamente, produza um verbo transitivo causativo, cujo DP agente desencadeie um evento em que os DPs objetos recebam a função semântica de afetado. Mais especificamente, não existe uma situação em que a mulher possa fazer o menino rir ou cantar sem que ele execute alguma ação. Veja que, no exemplo (26), no entanto, a mulher pode

fazer o menino ser banhado, sem que ele execute qualquer alguma ação para que isso ocorra. Nesse contexto específico, o DP objeto *kwarer* ‘o menino’ recebe a propriedade semântica de afetado, algo inaceitável nas sentenças em (27) e (28) acima.

Para que os verbos inergativos tais como em (27) e (28) sejam corretamente causativizados, é necessário que coocorram os dois morfemas causativos {*mu-*} e {*-(u)kar*}, conforme os exemplos abaixo:

(27c) *u-mu-puka-kar*      *kuzà*      *kwarer*      *a'e*  
 3-CAUS-rir-CAUS      mulher      menino      ela  
 “A mulher fez o menino rir”

(28c) *u-mu-zegar-kar*      *kuzà*      *kwarer*      *a'e*  
 3-CAUS-cantar-CAUS      mulher      menino      ela  
 “A mulher fez o menino cantar”

Portanto, em Tenetehára, a causativização exibe duas formas de realização, a saber: (i) a direta e (ii) a indireta. De acordo com Whaley (1997), a causação direta se refere à situação na qual as ações do agente (causador) tem impacto imediato sobre as ações do participante causado. Já a causação indireta diz respeito à situação em que um sujeito agente (causador) executa uma ação que indiretamente desencadeia o evento causado: as ações do causador não tem impacto imediato sobre o participante causado. Essas percepções da autora são confirmadas também na língua em análise, como foi mostrado nos exemplos

(25b) e (26b) em relação à forma de realização (i) – causativização direta – e conforme a análise das sentenças em (26c), (27c) e (28c), a qual confirma a forma de realização (ii) – causativização indireta.

Na seção seguinte, apresento o processo de causativização de verbos inacusativos por meio do morfema {*mu-*}.

### 2.3.1.2. Causativização de verbos inacusativos

Os verbos inacusativos, para Perlmutter (1978) e Burzio (1986), são caracterizados por selecionar um argumento na posição de sujeito com a propriedade semântica de afetado. Na língua em análise, recebem ainda a série de prefixos nominativos, conforme os exemplos a seguir, em que as raízes verbais acionam o prefixo {*u-*}:

(29a) *u-màno*      *ywyrà*      *a'e*  
 3-morrer      árvore      ela  
 “A árvore secou”

(29b) *u-'ar*      *kwarer*      *he*      *ø-ku'a*      *ø-wi*      *a'e*  
 3-cair      menino      minha      C-cintura      C-de      ele  
 “O menino caiu da minha cintura”

Os transitivos causativos resultantes de radicais inacusativos, na língua Tenetehára, possuem a significação ‘causar X’. Nessa causativização com o

morfema {*mu-*}, a ação do agente (causador) está diretamente ligada ao evento causado, conforme os exemplos abaixo:

(30a) *u-pirik*            *'y*      *a'e*  
 3-pingar            água    ela  
 “A água pingou”

(30b) *u-mu-pirik*            *kwarer*            *'y*            *a'e*  
 3-CAUS-pingar            menino            água            ele  
 “O menino fez a água pingar” (= O menino espirrou a água)

No exemplo em (30a) acima, figura o verbo inacusativo *pirik* ‘pingar’, que seleciona o DP afetado *'y* ‘a água’ como seu sujeito. Já, em (30b), quando o predicado inicial recebe o morfema causativo {*mu-*}, o novo transitivo causativo passa a projetar dois argumentos nucleares, a saber, o DP *kwarer* ‘o menino’ é introduzido na posição de sujeito com o papel temático de agente (causador), enquanto que o DP *'y* ‘a água’ passa a ocupar a posição de objeto com o papel temático de afetado. Veja outro exemplo a seguir:

(31a) *u-hem*            *kwarer*            *tàpuz*    *ø-wi*            *a'e*  
 3-sair            menino            casa    C-de            ele  
 “O menino saiu da casa”

(31b) *u-mu-hem*            *awa*            *kwarer*            *tàpuz*    *ø-wi*            *a'e*  
 3-CAUS-sair            homem            menino            casa    C-de            ele  
 “O homem tirou o menino da casa”



Observe que, na sentença (31a), ocorre o verbo inacusativo *hem* ‘sair’, o qual licencia o DP afetado *kwarer* ‘o menino’ como seu sujeito. Já em (31b), ao predicado monoargumental *hem* ‘sair’, é adjungido o morfema {*mu-*}, transformando o verbo inacusativo em transitivo causativo. Esse novo predicado projeta dois argumentos nucleares, a saber: o DP *awa* ‘o homem’, o qual é introduzido na posição de sujeito com o papel temático de agente (causador), e o DP *kwarer* ‘o menino’ que passa a ocupar a posição de objeto com o papel temático de afetado.

Por fim, note que, semelhantemente aos inergativos, quando os inacusativos em (30) e (31) são causativizados pelo morfema {*mu-*}, a causativização deve ser direta e não indireta. Dessa forma, no exemplo (31b), a leitura ‘o homem fez com que o menino saísse da casa’, em que o menino executa a ação de sair da casa, é impossível no contexto em que o verbo *hem* ‘sair’ recebe o morfema causativo direto {*mu-*}. Para que ocorra a causativização indireta, é necessária a realização também do morfema causativo {-(*u*)*kar*}, conforme o exemplo abaixo:

(31c) *u-mu-hem-kar*      *awa*      *kwarer*      *tàpuz*       $\emptyset$ -*wi*      *a'e*  
 3-CAUS-sair-CAUS    homem    menino    casa    C-de    ele  
 “O homem fez o menino sair da casa”

Perceba que, em (31b), o DP *kwarer* ‘o menino’ recebe o papel temático de afetado, ao passo que, em (31c), esse argumento recebe a propriedade semântica de agente-afetado. Nessa última construção, temos uma causativização indireta.

### 2.3.1.3. Causativização de verbos inacusativos deadjetivais

A partir da análise de Camargos (2010) e Camargos & Duarte (2013) sobre o estatuto gramatical dos adjetivos em Tenetehára, assumo que os verbos descritivos<sup>9</sup> são verbos deadjetivais porque são derivados por meio da operação *conflation* de uma raiz adjetival a um núcleo V<sup>o</sup>. Proponho também que, no âmbito da Teoria Gerativa, esses verbos pertencem à classe de inacusativos, uma vez que selecionam um argumento na posição de sujeito com o papel temático de estativo, como em (32), ou afetado, como em (33). Em Tenetehára, recebem ainda a série de prefixos relacionais<sup>10</sup> { $\emptyset$ -  $\infty$  r-} e {i-  $\infty$  h-}.

---

<sup>9</sup> O Tenetehára é uma língua que não apresenta cópula para fazer a conexão entre o sujeito da predicação e o verbo deadjetival. Nesse contexto, esse verbo inacusativo recebe os prefixos relacionais { $\emptyset$ -  $\infty$  r-} e {i-  $\infty$  h-}, a fim de estabelecer a concordância com o seu argumento (DUARTE, 2005, 2006, 2007). Veja que, em (32), o verbo descritivo *tua'u* ‘ser velho’ exprime um conceito que em línguas indo-europeias são expressos por adjetivos. No entanto, os itens descritivos nessa língua têm propriedades morfológicas e sintáticas que justificam seu tratamento como verbos inacusativos. Para mais detalhes, direciono os leitores para os trabalhos de Camargos & Duarte (2010, 2011, 2013) e Camargos (2010, 2011b).

<sup>10</sup> Para Duarte (2005, 2006, 2007), os nomes, os verbos e as posposições em Tenetehára acionam os prefixos relacionais { $\emptyset$ -  $\infty$  r-} e {i-  $\infty$  h-}. Segundo o autor, enquanto os prefixos { $\emptyset$ -  $\infty$  r-} indicam contiguidade do complemento, os prefixos {i-  $\infty$  h-} indicam a não contiguidade desse argumento. Entretanto, segundo Lopes (2009), Camargos & Duarte (2010, 2011, 2013) e Camargos (2010), quando os prefixos relacionais vêm prefixados nos

- (32) *i-tua'u*      *kwarer*      *a'e*  
 3-velho      menino      ele  
 “O menino está crescendo”
- (33) *i-tua'u*      *kwarer*      *i-ko*      *a'e*  
 3-velho      menino      3-estar      ele  
 “O menino está crescendo”

Os transitivos causativos resultantes de radicais deadjetivais, em Tenetehára, têm a significação ‘causar ser X’ ou ‘tornar X’. Nesse processo de causativização, a ação do agente (causador) está diretamente ligada ao evento causado (i.e. causativo direto).

- (34a) *h-aku*      *kwarer*      *a'e*  
 3-quente      menino      ele  
 “O menino está aquecido”
- (34b) *u-mu-aku*      *kuzà*      *kwarer*      *a'e*  
 3-CAUS-quente      mulher      menino      ela  
 “A mulher aquece o menino”

Observe que, em (34), o verbo deadjetival *aku* ‘estar quente’ projeta o DP estativo *kwarer* ‘o menino’. Quando é causativizado, por meio do morfema {*mu-*}, o predicado passa a projetar dois argumentos nucleares, a saber: o DP *kuzà* ‘mulher’ é introduzido na função sintática de sujeito com o papel temático

---

verbos deadjetivais e nos transitivos, têm a função de codificar o traço [+/- PESSOA] do seu argumento. Caso o argumento seja de primeira ou segunda pessoa, o verbo deadjetival aciona os prefixos { $\emptyset$ -  $\infty$  *r-*}. Se o argumento for de terceira pessoa, o verbo deadjetival aciona os prefixos {*i-*  $\infty$  *h-*}. Com base nos contextos de ocorrências desses morfemas, podemos subdividir os temas nominais e verbais em consoante e vogal. Os núcleos que começam com consoante recebem os prefixos { $\emptyset$ -  $\infty$  *i-*}, já os que começam com vogal recebem os prefixos {*r-*  $\infty$  *h-*}.

de agente (causador), enquanto que o DP *kwarer* ‘o menino’ ocupa a posição de objeto com o papel temático de afetado.

Veja que o morfema {*mu-*} causativiza de forma direta o predicado inicial. Para isso, o DP inserido na função sintática de sujeito deve causar diretamente o evento causado de modo que o DP objeto se torne um participante afetado. Ademais, esse DP sujeito em (34b) deve ter controle sobre a ação descrita pelo predicado inicial. Caso essa causação não possa ocorrer de modo direto e o DP sujeito não pode ter controle sobre o evento causado, como em (35b), a sentença derivada se torna agramatical.

(35a) *i-azu*            *pako*            *a'e*  
3-maduro        banana        ela  
“A banana está madura”

(35b) \**u-mu-azu*            *awa*            *pako*            *a'e*  
3-CAUS-maduro        homem        banana        ele  
“\*O homem amadureceu a banana”

Note que a agramaticalidade de (35b) decorre do fato de que o verbo *muazu* ‘amadurecer’, por denotar uma mudança de estado que é inerente ao DP objeto *pako* ‘a banana’, não permite que um DP agente desencadeie essa ação. Em outras palavras, o DP *awa* ‘o homem’ não tem condições de fazer com que a banana seja amadurecida, já que esse é um processo inerente desse objeto. De acordo com Alexiadou e Anagnostopoulou (2003), verbos tais como

amadurecer são internamente causados, pois a mudança de estado que ocorre no evento está ligada às propriedades inerentes do objeto que muda de estado.<sup>11</sup> Logo, esse DP sujeito não pode causar diretamente o amadurecimento da banana. Na verdade, esse DP sujeito é capaz de criar condições favoráveis ao amadurecimento da banana. No entanto, ele causará indiretamente o processo descrito em (35a). Assim, para que a agramaticalidade acima seja dirimida, é imprescindível que o predicado receba ainda o sufixo causativo  $\{-(u)kar\}$ , conforme o exemplo a seguir:

(35c) *u-mu-azu-kar*                      *awa*              *pako*              *a'e*  
 3-CAUS-maduro-CAUS    homem      banana      ele  
 “O homem fez com que a banana amadurecesse”

Na próxima seção, descrevo o processo de causativização de bases inacusativas denominais.

---

<sup>11</sup> Para que a causativização direta, por meio do morfema  $\{mu-\}$ , seja possível em Tenetehára, é necessário que algumas condições sejam satisfeitas. Até o presente momento, notamos pelo menos duas restrições, a saber: (i) o DP objeto do verbo transitivo causativo não pode ter em suas propriedades semânticas o papel temático de agente-afetado, como foi visto na seção 2.3.1.1, e (ii) verbos internamente causados não podem ser submetidos a causativização direta, uma vez que a mudança de estado que ocorre no evento está ligada às propriedades inerentes do objeto que muda de estado, como foi mostrado na seção 2.3.1.3. Uma pesquisa futura deverá investigar mais detalhadamente as restrições para a causativização direta em Tenetehára.

#### 2.3.1.4. Causativização de verbos inacusativos denominais

Com base na proposta de Hale & Keyser (1993, 2002), assumo que os verbos de base nominal em Tenetehára são verbos denominais porque são derivados por meio da operação *conflation* de uma raiz nominal a um núcleo V<sup>o</sup>. Proponho também que esses verbos pertencem à classe de inacusativos, uma vez que selecionam um argumento na posição de sujeito com o papel temático de estativo, conforme os exemplos abaixo. Na língua Tenetehára, recebem a série de prefixos relacionais { $\emptyset$ -  $\infty$  r-} e {i-  $\infty$  h-}, conforme os exemplos abaixo:

(36) *h-aryw*      *awaxi*      *a'e*      *kury*  
3-espiga      milho      ele      agora  
“O milho tem espiga agora”

(37) *i-kàm*      *kuzà-ta'i*      *a'e*  
3-seios      mulher-DIM      ela  
“A menina tem seios” (= A menina é moça)

(38) *i-kamy*      'àg      *kuzà*      *a'e*  
3-leite      esta      mulher      ela  
“Esta mulher tem leite”

Os verbos transitivos causativos que resultam de radicais inacusativos denominais têm a significação ‘fazer ter X’ ou ‘prover de X’, conforme os exemplos a seguir:

- (39a) *h-er*                    *tamanuwa*      *a'e*  
 3-nome                    tamanduá      ele  
 “O tamanduá tem nome”
- (39b) *u-mu-er*                    *u-ze-mi'i-kar-ma'e*                    *tamanuwa*      *a'e*  
 3-CAUS-nome                    3-REFL-caçar-CAUS-NOML                    tamanduá      ele  
 “O caçador o nomeou de tamanduá”

Veja que, no exemplo (39a), ocorre o verbo denominal *er* ‘ter nome’, o qual seleciona um DP estativo *tamanuwa* ‘o tamanduá’. Já em (39b), tal predicado recebe o morfema causativo {*mu-*}. Assim, o novo verbo transitivo causativo passa a projetar dois argumentos nucleares, a saber: o DP *uzemi'ikarma'e* ‘o caçador’ é introduzido na posição de sujeito com o papel temático de agente (causador), enquanto que o DP *tamanuwa* ‘o tamanduá’ passa a figurar na posição de objeto cujo papel temático é o de afetado. Veja outro exemplo abaixo:

- (40a) *i-'a*                    *pako-'yw*      *a'e*  
 3-fruta                    banana-pé      ela  
 “A bananeira tem fruto”
- (40b) *u-mu-'a*                    *Ko'izar*                    *pako-'yw*      *a'e*  
 3-CAUS-fruta                    Ko'izar                    banana-pé      ele  
 “Ko'izar frutificou a bananeira”

No exemplo (40), observe que o verbo denominal *'a* ‘ter fruto’ seleciona um DP estativo *pako'yw* ‘a bananeira’. Em (40b), por seu turno, o predicado recebe o morfema causativo {*mu-*}. Dessa forma, *mu'a* ‘frutificar’ passa a

projetar dois argumentos nucleares, a saber: o DP *Ko'izar*<sup>12</sup> é introduzido na posição de sujeito com o papel temático de agente (causador), enquanto que o DP *pako'yw* ‘a bananeira’ passa a ocupar a posição de objeto com o papel temático de afetado.

Por fim, note que, semelhantemente aos inergativos e inacusativos, quando os verbos denominais em (39) e (40) são causativizados pelo morfema {*mu-*}, a causativização deve ser direta e não indireta.

Na próxima seção, exibio as causativizações por meio do sufixo causativo {-(*u*)*kar*}.

### 2.3.2. Sufixo causativo {-(*u*)*kar*}

O sufixo {-(*u*)*kar*}, descritivamente, tem a propriedade de causativizar verbos transitivos, acrescentando um terceiro argumento à estrutura argumental. Veja no Quadro 2 a mudança sintática que os argumentos sofrem ao longo desse processo de causativização.

---

<sup>12</sup> De acordo com Schröder (2002), na cosmologia Guajajára, *Ko'izar* é uma entidade sobrenatural responsável pela colheita da plantação.



**QUADRO 2**  
Funções dos DPs na causativização de verbos transitivos

FUNÇÃO DO DP NO VERBO TRANSITIVO	FUNÇÃO DO DP NO VERBO BITRANSITIVO CAUSATIVIZADO
A <sub>AGENTE/EXPERIENCIADOR</sub>	A <sub>AGENTE (CAUSADOR)</sub>
O	DAT <sub>AGENTE-AFETADO (CAUSADO)</sub>
O	O

Observe que, o DP que ocupa a posição de sujeito (A) do verbo transitivo inicial passa a receber uma posposição (DAT) no verbo bitransitivo, ao passo que um novo DP é inserido na posição de sujeito (A) do predicado causativizado. O objeto direto (O) do verbo transitivo mantém sua função sintática inalterada após a causativização. Com base no trabalho de Comrie (1981), o novo sujeito (A) e o argumento (DAT) recebem as denominações de *causer* ‘causador’ e *causee* ‘causado’, respectivamente.

### 2.3.2.1. Causativização de transitivos

De acordo com Dixon (1979), os verbos transitivos são aqueles que projetam dois argumentos nucleares<sup>13</sup>. Em termos semânticos, na língua em análise, a adição do causativo  $\{-(u)kar\}$  a radicais transitivos deriva formas com

<sup>13</sup> “All human languages classify actions into two basic types: those involving one obligatory participant, which are described by intransitive sentences, and those involving two obligatory participants, which are dealt with by transitive sentences.” (DIXON, 1979, p. 102).

a significação “fazer X”, “mandar X” ou “pedir X”, conforme o seguinte exemplo:

- (41a) *w-exak*      *kwarer*      *zawar*      *a'e*  
 3-ver      menino      cachorro      ele  
 “O menino viu o cachorro”
- (41b) *w-exak-kar*      *awa*      *zawar*      *kwarer*      *ø-pe*      *a'e*  
 3-ver-CAUS      homem      cachorro      menino      C-por      ele  
 “O homem fez o menino ver o cachorro”

Note que, no exemplo (41a), o verbo transitivo *exak* ‘ver’ projeta o DP *kwarer* ‘o menino’ na função de sujeito e o DP *zawar* ‘o cachorro’ na posição de objeto. Após a causativização por meio de  $\{-(u)kar\}$ , em (41b), o sujeito inicial passa a receber a posposição *pe* ‘por’ e o DP *awa* ‘o homem’ é inserido na função de sujeito. O objeto, por sua vez, mantém sua função inalterada.

Observe outro exemplo abaixo:

- (42a) *u-zuka*      *kuzà*      *zapukaz*      *a'e*  
 3-matar      mulher      galinha      ela  
 “A mulher matou a galinha”
- (42b) *u-zuka-kar*      *awa*      *zapukaz*      *kuzà*      *ø-pe*      *a'e*  
 3-matar-CAUS      homem      galinha      mulher      C-por      ele  
 “O homem fez a mulher matar a galinha”

De forma semelhante, em (42), o sujeito inicial, o DP *kuzà* ‘a mulher’, passa a receber a posposição *pe* ‘por’, após a causativização. O DP *awa* ‘o

homem' é inserido na função de sujeito. O DP objeto *zapukaz* 'a galinha', por fim, mantém sua função inalterada. Note que o morfema  $\{-(u)kar\}$  introduz um evento da causação, o qual desencadeia indiretamente o evento causado. Mais precisamente, este tipo de processo se refere a situação em que as ações do agente (causador) tem um impacto indireto (i.e. não imediato) sobre as ações do participante causado. A causativização com o morfema  $\{-(u)kar\}$  ilustra bem o que Whaley (1997) chama de causação indireta.

Na próxima subseção, mostro que um verbo inacusativo ou inergativo pode ser causativizado duas vezes consecutivamente por meio dos morfemas  $\{mu-\}$  e  $\{-(u)kar\}$ .

### **2.3.2.2. Causativização de transitivos causativos**

Note que um verbo inergativo ou inacusativo pode ser causativizado pelo morfema  $\{mu-\}$  e, posteriormente, receber o morfema causativo  $\{-(u)kar\}$ . Com base na proposta tipológica de Comrie (1981), veja que esse processo em Tenetehára diz respeito ao contexto no qual um verbo causativo é formado a partir de outro causativo – causativização dupla. De modo geral, as relações morfossintáticas e semânticas, vistas até agora, são as mesmas. Veja o verbo inacusativo deadjetival a seguir:

- (43a) *i-agaiw*      *kuzà*      *a'e*  
 3-magro      mulher      ela  
 “A mulher está magra”

No exemplo em (43a), há um verbo deadjetival, *agaiw* ‘estar magro’, que aciona o prefixo relacional {*i-*} e que seleciona apenas um argumento cuja propriedade semântica é a de estativo, a saber: o DP *kuzà* ‘a mulher’. Veja que esse verbo deadjetival é causativizado no exemplo abaixo:

- (43b) *u-mu-agaiw*      *ma'e-ahy-haw*      *kuzà*      *a'e*  
 3-CAUS-magro      coisa-doer-NOML      mulher      ela  
 “A doença emagreceu a mulher”

No dado em (43b), o verbo deadjetival inicial é causativizado, passando, portanto, a projetar dois argumentos nucleares. Dessa forma, o sujeito inicial, o DP *kuzà* ‘a mulher’, é movido para a posição de objeto, alterando seu papel temático para afetado. O novo DP *ma'eahyhaw* ‘a doença’, inserido na posição de sujeito, recebe a propriedade semântica de causador. Por fim, veja que esse verbo transitivo causativo pode ser novamente causativizado conforme o exemplo em (43c):

- (43c) *u-mu-agaiw-kar*      *Tupiwar*      *kuzà*      *ma'e-ahy-haw*      *ø-pe*      *a'e*  
 3-CAUS-magro-CAUS      Tupiwar      mulher      coisa-doer-NOML      C-por      ele  
 “Tupiwar fez a doença emagrecer a mulher”

Finalmente, no exemplo (43c), o sujeito de (43b), a saber: *ma'eahyhaw* 'a doença', passa a receber a posposição *pe* 'por'. O DP *Tupiwár*<sup>14</sup>, inserido na posição de sujeito, recebe a propriedade de agente (causador). Por fim, o objeto de (43b), o DP *kuzà* 'a mulher', além de manter sua função sintática inalterada, conserva sua propriedade semântica inicial de afetado. Enfim, nota-se nos exemplos acima que há duas causativizações consecutivas: uma encabeçada pelo morfema {*mu-*} e a outra nucleada pelo morfema {-(*u*)*kar*}.

#### 2.4. Resumo do capítulo

Neste capítulo, demonstrei que as línguas naturais, conforme Comrie (1981), podem exibir basicamente três processos de causativização, a saber: lexical, perifrástica e morfológica. A partir desse panorama tipológico, foquei nas causativas morfológicas, em que a língua Tenetehára disponibiliza dois morfemas causativos, a saber: (i) o morfema {*mu-*} transforma verbos inacusativos e inergativos em transitivos e (ii) o morfema {-(*u*)*kar*} transforma verbos transitivos em bitransitivos. É notável que esses morfemas possuam uma natureza distinta quanto à causação, a saber: o morfema {*mu-*} exerce a função de um causativo direto enquanto que o morfema {-(*u*)*kar*} desempenha o papel de um causativo indireto.

---

<sup>14</sup> Conforme Boudin (1978), na cosmologia Tenetehára, *Tupiwár* é uma entidade espiritual que corresponde a um feiticeiro ou um demônio familiar (também caruára).

## CAPÍTULO 3: QUADRO TEÓRICO

---

O propósito deste capítulo é apresentar alguns desdobramentos mais recentes da Teoria Gerativa a fim de fundamentar a proposta teoria acerca dos morfemas causativos na língua Tenetehára, que será esboçada nos próximos capítulos. Mais precisamente, adoto a proposta teórica de Pylkkänen (2002, 2008), segundo a qual o núcleo causativo nas línguas naturais pode variar parametricamente: (i) os núcleos  $\text{Voice}^o$  e  $v^o_{\text{CAUSE}}$  podem se realizar em um núcleo sincrético ou em dois núcleos distintos e (ii) o núcleo  $v^o_{\text{CAUSE}}$  pode selecionar um complemento que seja uma raiz  $\sqrt{\quad}$ , um  $v\text{P}$  ou um  $v\text{P}$  fásico.

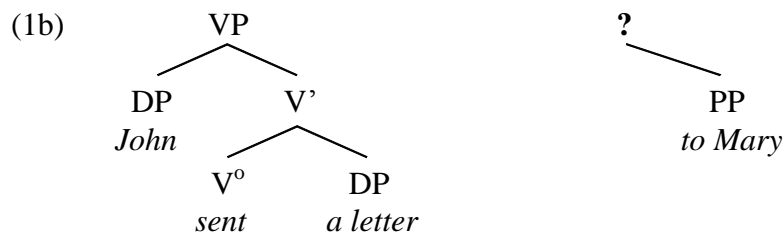
Este capítulo está organizado em 5 seções, a saber: na seção 3.1, introduzo a estrutura bipartida do VP (LARSON, 1988); na seção 3.2, mostro a proposta de incorporação de Hale & Keyser (1993, 2002); na seção 3.3, descrevo o modelo de Kratzer (1994, 1996), segundo a qual os argumentos

externos são introduzidos por VoiceP; nas seções 3.4 e 3.5, exibo a proposta teórica de Pylkkänen (2002, 2008), segundo a qual o núcleo  $v^{\circ}_{\text{CAUSE}}$  pode variar parametricamente de língua para língua quanto a (i) agregação de VoiceP e (ii) c-seleção de  $v^{\circ}_{\text{CAUSE}}$ ; por fim, na seção 3.6, apresento o resumo do capítulo.

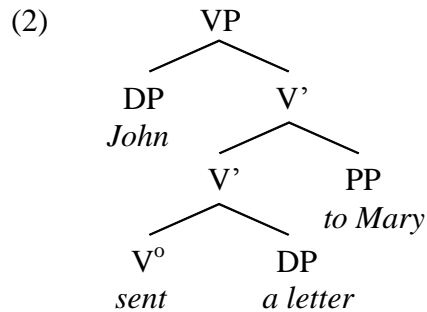
### 3.1. Proposta de Larson (1988)

Os primeiros argumentos a favor de uma estrutura verbal bipartida estão presentes no trabalho de Larson (1988). De acordo com o autor, há necessidade de se propor uma estrutura argumental complexa visto que o modelo estrutural do VP simples não suporta coerentemente as configurações de verbos bitransitivos. Verbos, constituídos por um argumento externo e dois argumentos internos, são um problema tanto teórico quanto empírico. A razão é que a estrutura do VP simples dispõe de apenas duas posições argumentais nucleares. Assim, os verbos bitransitivos teriam um terceiro argumento nuclear não alocado na estrutura argumental, conforme a configuração arbórea abaixo.

(1a) *John sent a letter to Mary*



Para dar conta da estrutura acima, Larson (1988) e Barss & Lasnik (1986) propõem que esse terceiro argumento nuclear seja adjungido ao nível intermediário V', conforme a derivação em (2).



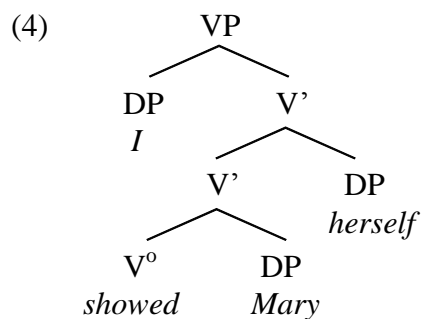
No entanto, Larson (1988) observa que há uma assimetria no comportamento dos dois objetos em construções de objeto duplo<sup>15</sup>. Segundo Barss & Lasnik (1986), a estrutura em (2) resultaria em uma relação errada de c-comando, já que, em exemplos com um dos objetos representado por uma anáfora pronominal, esta não pode c-comandar o segundo objeto, conforme sinaliza a agramaticalidade de (3b) abaixo:

- (3a) *I showed Mary herself*  
 (3b) *\*I showed herself Mary*

<sup>15</sup> “Barss and Lasnik (1986) point out a number of important asymmetries in the behavior of the two objects in double object constructions. All involve phenomena in which constituent structure relations – specifically, c-command – have been assumed to play a central role.” (LARSON, 1988, p. 336).



Note que o exemplo (3b) é agramatical justamente porque o pronome reflexivo anafórico *herself* ‘ela mesma’ deve ser c-comandado pelo seu antecedente *Mary*, como acontece em (3a). Portanto, a estrutura em (2) seria inadequada para exprimir esta relação de c-comando assimétrico. Mais especificamente, o pronome reflexivo *herself*, em (4), não é c-comandado pelo seu antecedente *Mary*, violando, assim, o princípio A da Teoria de Vinculação, segundo o qual uma anáfora tem que estar vinculada<sup>16</sup> em seu domínio de vinculação<sup>17</sup>.

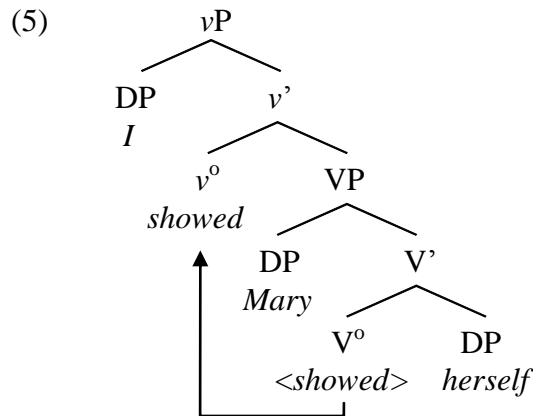


Para dar conta da assimetria acima, Larson (1988) postula uma estrutura argumental complexa, em que cada núcleo lexical projeta um nível sintagmático acima. Essa estrutura, adotada posteriormente no Programa Minimalista, conforme Chomsky (1995), é complexa porque possui dois VPs

<sup>16</sup> “Estar vinculada” significa ser c-comandada por um elemento que porte o mesmo índice referencial.

<sup>17</sup> “Domínio de vinculação” de  $\alpha$  é o XP mínimo que contém  $\alpha$ , o regente de  $\alpha$  e: (i) um sujeito distinto de  $\alpha$  e que não contém  $\alpha$ ; ou (ii) a flexão que atribui Caso Nominativo para  $\alpha$ .

distintos: o mais baixo possui um núcleo lexical  $V^0$ , enquanto o  $vP$  mais alto possui o núcleo causativo<sup>18</sup>  $v^0$ , conforme (5).



Portanto, nota-se que, na estrutura em (5), o pronome reflexivo *herself* é c-comandado pelo seu antecedente *Mary*, tornando o exemplo empírica e estruturalmente gramatical. O verbo *showed* ‘mostrou’, por sua vez, é gerado em  $V^0$  e move-se para o núcleo de  $vP$ . Nos termos de Baker (1988), o elemento gerado em  $V^0$  deve se incorporar no núcleo  $v^0$ . Tal processo ilustra o mecanismo adotado pelo autor, uma vez que há movimento de núcleo, de forma que o item é movido de sua posição original para uma posição mais alta. Além do mais, esse processo segue o Princípio de Categoria Vazia – ECP (i.e. o item

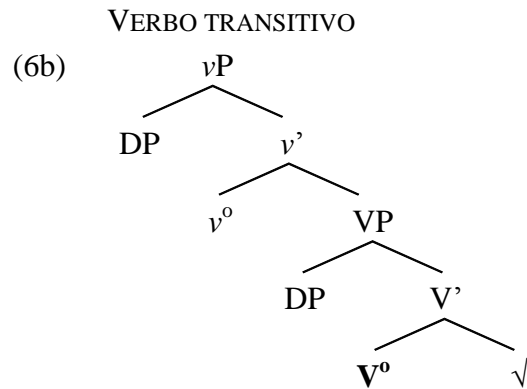
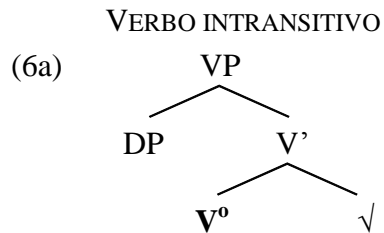
<sup>18</sup> Segundo Lopes (2009), quando se observa as construções causativas nas línguas, percebe-se que o núcleo causativo pode apresentar três realizações distintas, a saber:

- (i) semântica – quando ele se realiza em um nível abstrato e não fonético;
- (ii) morfológica – quando ocorrem processos morfológicos internos na palavra;
- (iii) sintática – quando a língua utiliza um verbo auxiliar.

deixa um vestígio em sua posição de base, o qual é regido por ele, por meio do c-comando) e obedece a Hipótese da Uniformidade Temática – UTAH (i.e. a estrutura temática e a estrutura sintática se correlacionam uniformemente).

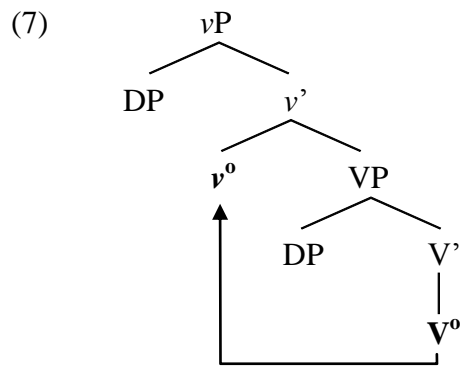
### 3.2. Proposta de Hale & Keyser (1993, 2002)

A complexidade da estrutura interna do sintagma verbal não se limita à proposta do VP bipartido de Larson (1988). De acordo com Hale & Keyser (1993, 2002), os verbos também são formados a partir da fusão de uma raiz  $\checkmark$  acategorial a um núcleo sintático. Para que um verbo seja formado, é imprescindível que haja um núcleo  $V^0$  e essa raiz  $\checkmark$ , conforme ilustram as configurações arbóreas abaixo.



Nessas configurações sintáticas, a raiz  $\checkmark$  é de suma importância, visto que ela é quem carrega os traços semânticos e fonológicos do verbo que será gerado. Será também por meio da composicionalidade e por meio da operação

*conflation* que as propriedades da raiz determinarão a valência do verbo. De acordo com Hale & Keyser (1993, 2002), um determinado núcleo pode se incorporar a outro núcleo e, em sucessivas incorporações, formar um núcleo complexo. Será, portanto, por meio da operação sintática *conflation*, que a matriz fonológica de V° é transferida para o núcleo do vP, conforme mostra a estrutura sintática abaixo:



De acordo com Hale & Keyser (2002), *conflation* se refere à fusão de núcleos sintáticos de forma que a derivação da matriz fonológica do núcleo de um complemento é inserida dentro do núcleo, vazio ou afixal, que o rege. Esse processo dá origem a uma única palavra, que pode ser: um verbo denominal, quando o núcleo que entra em *conflation* é N; um verbo deadjetival, quando o núcleo é um A; e assim por diante. Hale & Keyser (2002) defendem ainda que *conflation* é um processo que ocorre na derivação das estruturas sintáticas

concomitantemente com a operação juntar<sup>19</sup>, processo fundamental para definir a projeção da sintaxe que vem do léxico<sup>20</sup>. Logo, *conflation* e juntar têm acesso aos mesmos elementos linguísticos. Mais especificamente, Hale & Keyser (2002, p. 63) definem *conflation* da seguinte forma:

(8) CONFLATION

“*Conflation* consiste no processo de cópia da matriz fonológica do complemento dentro da matriz fonológica do núcleo, onde o último é ‘defectivo’”.<sup>21</sup>

Hale & Keyser (2002) propõem que a operação *conflation* não pode se realizar levando em consideração apenas as relações de c-comando, já que esse princípio permitiria uma derivação incorreta. Logo, os autores propõem que *conflation* é uma operação sintática que corresponde a uma relação de *Strict Complementation* ‘Complementação Estrita’, conforme (9).

---

<sup>19</sup> “Suppose that the derivation has reached the stage  $\Sigma$ , which we may take to be a set  $\{SO_1, \dots, SO_n\}$  of syntactic objects. One of the operations of  $C_{HL}$  is a procedure that selects a lexical item LI from the numeration, reducing its index by 1, and introduces it into the derivation as  $SO_{n+1}$ . Call the operation *Select*. At the LF interface,  $\Sigma$  can be interpreted only if it consists of a single syntactic object. Clearly, then,  $C_{HL}$  must include a second procedure that combines syntactic objects already formed. A derivation converges only if this operation has applied often enough to leave us with just a single object, also exhausting the initial numeration. The simplest such operation takes a pair of syntactic object SO. Call this operation *Merge*.” (CHOMSKY, 1995, p. 226).

<sup>20</sup> “We would like to take seriously the idea that conflation is a concomitant of Merge, the operation that is fundamental in defining the projection of syntax from the lexicon”. (HALE; KEYSER, 2002, p. 60).

<sup>21</sup> “Conflation consists in the process of copying the p-signature of the complement into the p-signature of the head, where the latter is ‘defective’.” (HALE; KEYSER, 2002, p. 63).

(9) COMPLEMENTAÇÃO ESTRITA

“Um núcleo X é o complemento estrito de um núcleo Y se e somente se Y está em uma relação mútua de c-comando (ou seja, irmandade) com a projeção categorial máxima de X”.<sup>22</sup>

Nos termos de Hale & Keyser (2002, p. 59), “as projeções categoriais de N são N’ e NP; de P são P’ e PP; e assim por diante.”<sup>23</sup> Os autores (2002, p. 59) salientam que “a projeção categorial máxima é um nó que não projeta outro nó acima. DP não é uma projeção da categoria N, nem o TP é uma projeção máxima da categoria VP, e assim por diante.”<sup>24</sup> Portanto, a operação *conflation* somente realiza-se em uma relação de irmandade, ou seja, em uma relação de um núcleo  $v^0$  e o núcleo do seu complemento, podendo ser  $V^0$ ,  $P^0$ ,  $N^0$  e  $A^0$ .

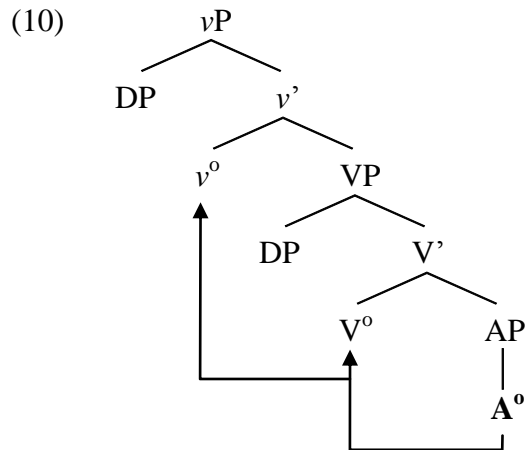
Conforme Hale & Keyser (1993, 2002), os verbos que denotam mudança de estado, por exemplo, possuem geralmente em sua base raízes adjetivais. De forma que, por meio da operação *conflation*, um determinado núcleo  $A^0$  concatena-se ao núcleo  $V^0$  e, posteriormente, se junta ao núcleo causativo  $v^0$ , conforme ilustra a derivação em (10).

---

<sup>22</sup> “A head X is the strict complement of a head Y iff Y is in a mutual c-command (i.e. sister) relation with the maximal categorial projection of X.” (HALE; KEYSER, 2002, p. 59).

<sup>23</sup> “The categorial projections of N are N’ and NP; of P, P’ and PP; and so on.” (HALE; KEYSER, 2002, p. 59).

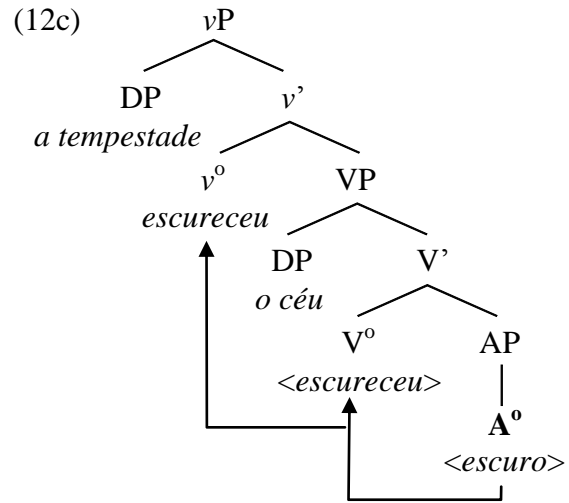
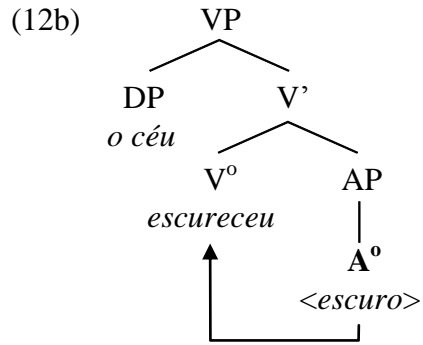
<sup>24</sup> “The maximal categorial projection is a node that does not project further. DP is not a categorial projection of N, nor is TP a categorial projection of VP, and so on.” (HALE; KEYSER, 2002, p. 59).



Acompanhando a proposta acima, assumo que o verbo *escurecer* em português, conforme os exemplos abaixo, deve ter a derivação proposta na configuração em (10), em que há dois processos consecutivos de *conflation*.

- (11a) *O céu está escuro*
- (11b) *O céu escureceu*
- (11c) *A tempestade escureceu o céu*

Com base nos exemplos em (11), note que há inicialmente o processo de *conflation* com o núcleo sintático  $V^0$ , resultando no verbo deadjetival *escureceu*, conforme a derivação em (12b). Em seguida, esse verbo intransitivo sofre nova operação *conflation* com o núcleo sintático  $v^0$ , resultando no sintagma verbal transitivo, como em (12c).



Nos exemplos acima, o princípio de Complementação Estrita é obedecido, uma vez que há uma relação de c-comando mútuo (i.e. irmandade) entre os núcleos  $v^o$ ,  $V^o$  e  $A^o$ .

Na próxima seção, o objetivo é discutir a proposta de Kratzer (1994, 1996), segundo a qual o núcleo responsável pela introdução de argumentos externos não é exatamente  $v^o$ , mas sim  $\text{Voice}^o$ .

### 3.3. Proposta de Kratzer (1994, 1996)

A proposta de Kratzer (1994, 1996) sustenta-se no fato de que agentes não são argumentos de verbos lexicais. A intuição da autora é a de que argumentos externos, diferentemente dos argumentos internos ao VP, são introduzidos por uma projeção funcional distinta do VP. Para tal, a autora



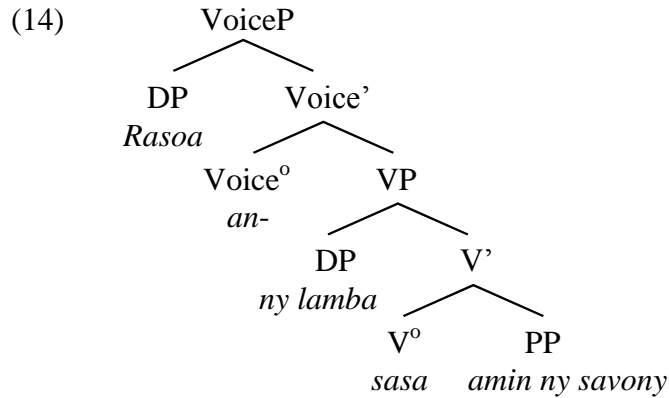
fundamenta sua proposta nos dados do malgaxe<sup>25</sup>, em que o prefixo {-an-} realiza fonologicamente a morfologia de voz ativa, conforme o exemplo (13).

- (13) *m-an-sasa*            *ny lamba*            (*amin ny savony*)    *Rasoa*  
 ?-ACT-lavar            as roupas            com o sabão        Rasoa  
 “Rasoa lava as roupas (com sabão)” (HUNG, 1988)

A autora propõe que esse sufixo {-an-} é a realização do núcleo cuja função é introduzir o argumento externo agente. A configuração em (14) mostra a estrutura verbal complexa em que a projeção mais alta exhibe o núcleo de VoiceP fonologicamente preenchido pelo morfema {-an-}. Este afixo é o que Kratzer (1994, 1996) denomina de núcleo funcional introdutor de argumento externo, a saber: Voice<sup>026</sup>.

<sup>25</sup> Segundo Campbell (2006), malgaxe é uma língua malaio-polinésia falada pela população de Madagascar.

<sup>26</sup> Para Kratzer (1994, 1996), o núcleo de VoiceP é o responsável pela introdução do argumento externo agente. Dentro do modelo teórico de Chomsky (1995), a projeção responsável por esse licenciamento é vP, cujo núcleo ainda denota uma leitura causativa nos contextos de verbos transitivos causativos. Além de assumir, neste trabalho, a terminologia VoiceP, adotaremos a projeção de vP nos termos de Marantz (1984). Para este autor, o núcleo de vP tem a função de verbalizar raízes (por meio de morfemas derivacionais, por exemplo). Veja que o vP de Marantz (1984) se difere substancialmente do vP de Chomsky (1995), uma vez que esse núcleo não tem a função de introduzir uma leitura causativa. Assumiremos, posteriormente, que o núcleo responsável pela leitura causativa é v<sup>0</sup><sub>CAUSE</sub>, o qual foi inserido por Pykkänen (2002, 2008) no modelo teórico de Kratzer (1996).



Adicionalmente, Kratzer (1994, 1996) ancora-se na proposta de Marantz (1984), segundo a qual (i) os argumentos externos tem um estatuto especial quando comparados com argumentos internos e (ii) os argumentos internos exibem uma função crucial na composição semântica dos verbos (em oposição aos argumentos externos, os quais não desempenham tais funções).

Para Marantz (1984), os argumentos externos são argumentos de predicados e não de verbos. A principal evidência a favor do autor reside nas expressões idiomáticas. Note que, nas construções abaixo, os argumentos internos estão intimamente ligados ao significado dos verbos (i.e. os objetos engatilham interpretações particulares nos predicados). Os argumentos externos, por seu turno, não contribuem em nada para a leitura idiomática.

#### EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS EM INGLÊS

- (15a) *kill a cockroach*
- (15b) *kill a conversation*
- (15c) *kill an evening watching TV*
- (15d) *kill a bottle* (i.e. *empty it*)
- (15e) *kill an audience* (i.e. *wow them*) (MARANTZ, 1984, p. 25)

#### EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS EM PORTUGUÊS

- (16a) *quebrar o vaso*
- (16b) *quebrar o braço*
- (16c) *quebrar a cabeça*
- (16d) *quebrar a empresa*
- (16e) *quebrar a regra*

As leituras idiomáticas em (15) e (16) estão estritamente condicionadas à presença dos argumentos internos. Dessa forma, para haver a interpretação de (16e), por exemplo, o verbo *quebrar* impõe uma série de restrições semânticas ao seu argumento interno (i.e. ele tem que ser um elemento passível de descumprimento e inadimplemento). Se o argumento interno tem propriedades físicas, por exemplo, então a leitura (16a) ou (16b) será a mais proeminente, em detrimento de (16e). Os argumentos externos, no entanto, não formam expressões idiomáticas. Veja que um possível DP *João* não é capaz de causar mudança de significado nos verbos se se combinar com (16a-e). Essa é a evidência de que somente argumentos internos participam da interpretação dos verbos. Logo, fazem parte da grade temática dos verbos.

Em suma, com base na proposta de Marantz (1984), Kratzer (1994, 1996) assume que Voice<sup>o</sup> é o único núcleo responsável pela presença de argumentos externos nas sentenças. Nesse sentido, VoiceP é sintática e semanticamente independente de VP.

### 3.4. Causativos: proposta de Pylkkänen (2002, 2008)

Com o intuito de aperfeiçoar a proposta de Kratzer (1994, 1996), Pylkkänen (2002, 2008), acompanhando Parsons (1990), propõe que todas as construções causativas, além de possuir um núcleo Voice<sup>o</sup>, devem necessariamente envolver um núcleo  $v^o_{\text{CAUSE}}$ , cuja função principal é relacionar o evento da causação com o evento causado<sup>27</sup>. Para tal, Pylkkänen (2002, 2008) dissocia o núcleo  $v^o_{\text{CAUSE}}$  do núcleo Voice<sup>o</sup>. Uma das evidências empíricas que a permitiu propor tal mapeamento deveu-se ao fato de línguas como o japonês e o finlandês aceitarem causativizações sem que um argumento externo agente seja

---

<sup>27</sup> De acordo com Pylkkänen (2002, 2008), uma causação é, na verdade, uma relação entre dois eventos: o evento da causação (i.e. o evento causador) e o evento causado. O evento da causação é um evento implícito, o qual é introduzido pelo núcleo de  $vP_{\text{CAUSE}}$ . Ele tem a função de desencadear o evento causado. Este último, por sua vez, corresponde à contraparte não causativa do predicado causativizado. Pylkkänen (2002, p. 79) ilustra essa relação com o exemplo a seguir:

- (i) John melted the ice
- (ii) *John was an agent of some event that caused a melting of the ice*
- (iii) The ice melted

Se a causação é uma relação entre dois eventos, o significado da sentença (i) é grosseiramente o sentido em (ii). Note que a sentença causativa (i) tem duas características que não existem na contraparte não causativa em (iii), a saber: uma relação de causação relaciona o evento da causação em direção ao evento causado e uma relação temática é estabelecida entre o evento da causação e o indivíduo expresso como argumento externo agente.

necessariamente introduzido ao evento. Nesse sentido, as causativas em japonês têm a chamada interpretação de adversidade, conforme o exemplo (17), retirado de Pykkänen (2002, p. 81).

- (17) *Taroo-ga musuko-o sin-ase-ta*  
Taro-NOM filho-ACC morrer-CAUS-PAST  
(i) “Taro fez seu filho morrer”  
(ii) “O filho de Taro morreu em detrimento de Taro” (causativa de adversidade)

Note que, em (17), a primeira interpretação é esperada, tendo em vista a morfologia causativa no verbo. No entanto, se considerarmos a segunda leitura, cujo argumento nominativo *Taroo-ga* ‘Taro’ é interpretado como um afetado pela mudança de estado sofrida pelo seu filho, não é tão clara a leitura causativa, apesar de haver morfologia causativa. Pykkänen (2002, 2008) afirma que o DP nominativo é um argumento externo na causativa lexical, conforme a interpretação (i), mas não o é na causativa de adversidade, conforme a interpretação (ii). A proposta da autora apoia-se no seguinte fato: a contraparte passiva da sentença (17) tem somente a leitura causativa e não tem a leitura de adversidade, conforme (18), retirado de Pykkänen (2002, p. 82):

- (18) *musuko-ga sin-ase-rare-ta*  
filho-NOM morrer-CAUS-PASS-PAST  
(i) “O filho foi morto”  
(ii) \* “O filho de alguém foi morto em detrimento desse alguém”  
(argumento afetado implícito)

Além do mais, Pylkkänen (2002, 2008) argumenta que a causativa de adversidade em (17) tem uma leitura semanticamente causativa. Para tal, a autora mostra que, a causativa de adversidade pode ser comparada a outra construção, a saber: passiva de adversidade em (19), retirado de Pylkkänen (2002, p. 82).

- (19) *Taroo-ga musuko-ni sin-are-ta*  
 Taro-NOM filho-DAT morrer-PASS-PAST  
 “O filho de Taro foi morto em detrimento de Taro” (passiva de adversidade)

Note que a causativa de adversidade em (17) tem uma leitura causativa, enquanto que a passiva de adversidade em (19) não tem. Além disso, essa proposta pode ser corroborada com os dados abaixo, em que somente a causativa de adversidade em (20a) pode ser modificada pelo sintagma posposicional que introduz uma especificação de evento causativo. Portanto, Pylkkänen (2002, 2008) propõe que somente causativas de adversidade tem um evento causativo que é ausente na passiva de adversidade como em (20b). Veja os exemplos abaixo retirados de Pylkkänen (2002, p. 82).

- CAUSATIVA DE ADVERSIDADE + PP EVENTO DA CAUSAÇÃO
- (20a) *Taroo-ga sensoo-ni.yotte musuko-o sin-ase-ta*  
 Taro-NOM guerra-por filho-ACC morrer-CAUS-PAST  
 “O filho de Taro foi morto em detrimento de Taro pela guerra”

PASSIVA DE ADVERSIDADE + PP EVENTO DA CAUSAÇÃO

- (20b) \* *Taroo-ga sensoo-ni.yotte musuko-ni sin-are-ta*  
Taro-NOM guerra-por filho-DAT morrer-PASS-PAST  
“O filho de Taro morreu em detrimento de Taro pela guerra”

Observe, mais precisamente, que o adjunto adverbial *sensoo-ni.yotte* ‘pela guerra’ só pode se adjungir a construções que denotam uma leitura causativa, como ocorre em (20a). Caso a construção não tenha morfologia causativa, como (20b), é impossível que o evento da causação emergja por meio de adjunção. Portanto, Pykkänen (2002, 2008) sustenta a hipótese de que as causativas lexicais em japonês com leitura de adversidade não introduzem um argumento externo. Note que, nos exemplos acima, apesar de o verbo ter sido causativizado, nenhum argumento externo agente foi introduzido na estrutura argumental do verbo. Mais especificamente, a causativização não proporciona mudança de valência.

Também em finlandês, é possível que um morfema causativo seja adicionado a verbos inergativos, conforme os exemplos em (21). O resultado é uma construção causativa com um argumento partitivo e um significado desiderativo. Apesar de a leitura causativa não ser clara, Pykkänen (2002, 2008) assume que essas construções envolvem um significado causativo. Logo, há uma semântica causativa sem a introdução de argumento externo.

- (21a) *Maija-a laula-tta-a*  
 Maija-PART cantar-CAUS-3.SG  
 “Maija sente vontade de cantar” (PYLKKÄNEN, 2002, p. 86)
- (21b) *Maija-a naura-tta-a*  
 Maija-PART sorrir-CAUS-3.SG  
 “Maija sente vontade de sorrir” (PYLKKÄNEN, 2002, p. 86)

Pylkkänen (2002, 2008) afirma que o DP partitivo em (21) não é argumento externo. A autora se fundamenta no fato de que o Caso partitivo emerge em DPs na função sintática de objetos em contexto de construção atética. De fato, as construções desiderativas de (21) são estativas. Assim, os DPs partitivos nos exemplos acima são sujeitos derivados de verbos estativos. Logo, não poderiam ser argumentos externos.

Schäfer (2008), por sua vez, afirma que as construções desiderativas com causativo em finlandês permitem que o evento da causação possa ser interrogado, como em (22a). No entanto, na construção desiderativa padrão, o evento da causação não pode ser interrogado (já que não há uma leitura causativa), de acordo com (22b).

#### CONSTRUÇÃO CAUSATIVA DESIDERATIVA

- (22a) *minu-a naura-tta-a mutt-en tiedä mikä*  
 eu-PART sorrir-CAUS-3.SG mas-não.1.SG saber o.que.NOM  
 “Algo me faz sentir vontade de sorrir, mas eu não sei o que (me faz sentir vontade de sorrir)” (SCHÄFER, 2008, p. 63)



CONSTRUÇÃO DESIDERATIVA PADRÃO

- (22b) \* *halua-isi-n*      *nauraa*      *mutt-en*      *tiedä*      *mikä*  
querer-COND-1.SG    sorrir      mas-não.1.SG    saber      o.que.NOM  
“Eu gostaria de sorrir, mas não sei o que (me faz querer sorrir)”  
(SCHÄFER, 2008, p. 63)

Com base nos exemplos (22a) e (22b), Schäfer (2008) afirma que as causativas desiderativas em finlandês tem um argumento implícito que é ausente na sentença desiderativa padrão. Este argumento implícito é um evento e não é um argumento externo.

Adicionalmente, na língua Paresi-Haliti<sup>28</sup>, há dois morfemas envolvidos no processo de causativização. Segundo Brandão (2010), o morfema {-*tya*} tem a função de causativizar verbos inacusativos. Nesse processo, um morfema de voz ativa {-*a*-} também se junta a esse complexo verbal. Proponho, com base em Kratzer (1994, 1996) e Pylkkänen (2002, 2008), que a coocorrência do prefixo de voz ativa com o morfema causativo é uma evidência morfológica da realização cindida das projeções VoiceP e  $vP_{CAUSE}$ , respectivamente. No exemplo (23), retirado de Brandão (2010, p. 34), o verbo *zotya* ‘estar vermelho’, a fim de ser causativizado, recebe os morfemas {-*a*-} e {-*tya*}.

- (23) *Aezo*                      ***a-zotya-tya***                      *no-tiho*  
*Aezo*                      ACT-vermelho-CAUS                      1.SG-rosto  
“*Aezo* fez meu rosto ficar vermelho (pintando-o com urucum)”

<sup>28</sup> Segundo Brandão (2010), a língua Paresi-Haliti pertence à família linguística Aruák.

Proponho que o morfema {-*tya*} é a realização fonológica do núcleo causativo  $v^{\circ}_{\text{CAUSE}}$  e o prefixo {*a-*}, por sua vez, é a realização fonológica do núcleo Voice<sup>o</sup>, cuja função é introduzir um argumento externo com as propriedades semânticas de agente.

A fim de apresentar mais um argumento robusto a favor da cisão proposta por Pylkkänen (2002, 2008), veja que, de acordo com Soares (2010), a língua Ticuna<sup>29</sup> também pertence ao conjunto das línguas naturais que projeta de forma cindida os núcleos VoiceP e  $vP_{\text{CAUSE}}$ .

Conforme Soares (2010), o fato de o morfema causativo {-*ẽ'ẽ*} em Ticuna sempre selecionar como complemento uma raiz da qual não é separado por uma morfologia verbalizante faz com que esse morfema seja capaz de criar expressões idiomáticas. Segundo a autora, nessas construções, é possível que o morfema causativo determine algumas nuances de significado, sem que o argumento externo agente exerça qualquer contribuição, conforme os exemplos apresentados a seguir:

- (24) *ngiã*            *ta-wüca-ẽ'ẽ-gü*  
EXORT            1.PL-caçar.com.espingarda-CAUS-PL  
“Vamos arranjar um parceiro (homem/mulher)” (SOARES, 2010, p. 222)

---

<sup>29</sup> Conforme Soares (2010), Ticuna é uma língua tonal, geneticamente isolada e falada na Amazônia.

- (25) *paa yi-gü ta-woma-ẽ'ẽ-gü*  
 IMP 1.PL-REFL 1.PL-enganar-CAUS-PL  
 “Vamos comer” (SOARES, 2010, p. 222)

Note que, em (24), o resultado da causativização do verbo *wüca* ‘caçar com a espingarda’, por meio da sufixação do morfema causativo {-ẽ'ẽ}, não significa ‘fazer caçar com a espingarda’, mas sim ‘arranjar um parceiro’. Paralelamente a esse exemplo, veja que, em (25), quando o verbo *woma* ‘enganar’ recebe o morfema causativo {-ẽ'ẽ}, o resultado não é ‘fazer enganar’, mas sim ‘comer’.

A afixação do morfema causativo, conforme os exemplos acima, não tem como resultado a causativização propriamente dita, mas a formação de expressões idiomáticas. Vale lembrar que, de acordo com Marantz (1984), argumentos externos são argumentos de predicados e não de verbos. Ademais, eles não contribuem em nada para a leitura idiomática. Se isso for verdade, as expressões idiomáticas em (24) e (25) são o produto da projeção  $vP_{CAUSE}$ , cujo núcleo é instanciado por {-ẽ'ẽ}, e não o resultado da projeção de VoiceP.

Em suma, Pylkkänen (2002, 2008) e Schäfer (2008) sustentam a hipótese de que as causativas em japonês e em finlandês não introduzem um argumento externo; logo, não projetam VoiceP. Mostramos ainda que a língua Ticuna, conforme a análise de Soares (2010), projeta VoiceP e  $v^o_{CAUSE}$  em núcleos não sincréticos. Adicionalmente, propus que, na língua Paresi-Haliti, os

núcleos  $\text{Voice}^{\circ}$  e  $v^{\circ}_{\text{CAUSE}}$  são cindidos, uma vez que esses núcleos são simultaneamente realizados por morfemas distintos.

### 3.4.1. Parâmetro: Agregação de VoiceP

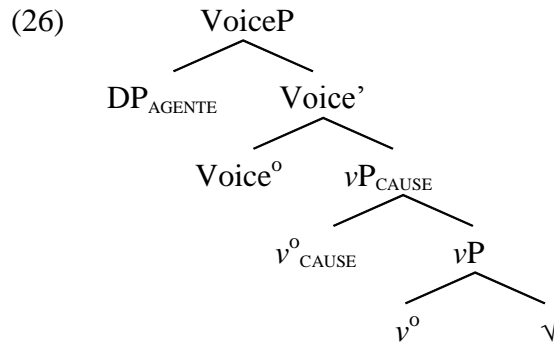
A consequência que exemplos como os do japonês e do finlandês trazem para a grade temática dos verbos causativos é que apenas o núcleo  $v^{\circ}_{\text{CAUSE}}$  estará presente. Desse modo, Pylkkänen (2002, 2008) propõe um núcleo  $v^{\circ}_{\text{CAUSE}}$  separado de  $\text{Voice}^{\circ}$ . Ressalto que a diferença entre os núcleos  $\text{Voice}^{\circ}$  e  $v^{\circ}_{\text{CAUSE}}$  é que  $\text{Voice}^{\circ}$  introduz o argumento externo agente, enquanto que  $v^{\circ}_{\text{CAUSE}}$  apenas introduz o evento da causação<sup>30</sup>. Essa proposta de Pylkkänen (2002, 2008) vai contra as propostas anteriores no que diz respeito ao fenômeno da causativização. Os morfemas causativos eram vistos como introdutores de argumento externo com a propriedade semântica de agente/causador. Entretanto, o japonês e o finlandês acima demonstram claramente que essa proposta está equivocada. Mais precisamente, Pylkkänen (2002, 2008) mostra que nem sempre um argumento externo agente deve ser introduzido em construções causativas.

Dessa maneira, tomando por base a existência do núcleo  $v^{\circ}_{\text{CAUSE}}$ , assumiremos, doravante, que a estrutura argumental das construções causativas

---

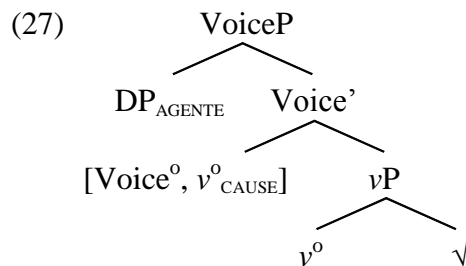
<sup>30</sup> “Thus the Finnish desiderative causative has the same restriction as the Japanese adversity causative: its implicit argument must be interpreted as an event. This means that it also requires the separation of causation from the external thematic relations.” (PYLKKÄNEN, 2002, p. 89).

permite uma configuração em que tanto  $\text{Voice}^{\circ}$  quanto  $v^{\circ}_{\text{CAUSE}}$  fazem parte do inventário de núcleos que podem vir realizados na estrutura argumental dos predicados causativos, conforme a estrutura abstrata proposta a seguir:



No âmbito da Teoria Gerativa, de acordo com Friedmann e Grodzinsky (1997, 2000) e Pylkkänen (2002, 2008), devido às variações que cada língua apresenta, os núcleos funcionais TP e AgrP, por exemplo, podem ter suas projeções realizadas separadamente em algumas línguas, enquanto que, em outras,  $T^{\circ}$  e  $\text{Agr}^{\circ}$  se realizam como um núcleo funcional sincrético. Segundo Pylkkänen (2002, 2008), a mesma situação pode dar-se em relação aos núcleos  $\text{Voice}^{\circ}$  e  $v^{\circ}_{\text{CAUSE}}$ . Por essa razão, Pylkkänen (2002, p. 90) propõe que “embora Cause e Voice sejam peças separadas no inventário universal dos núcleos funcionais, eles podem vir agrupados em um só morfema no léxico de uma

língua particular.”<sup>31</sup> Contudo, Pylkkänen (2002, 2008) ainda ressalta que uma teoria mais forte manteria os dois núcleos, Voice<sup>o</sup> e v<sup>o</sup><sub>CAUSE</sub>, separados, uma vez que há línguas que forçam essa separação. Em vista disso, a autora conclui que v<sup>o</sup><sub>CAUSE</sub> nunca introduziria um argumento externo<sup>32</sup>, uma vez que essa função é exclusiva de VoiceP. Assim, a estrutura apresentada em (26) pode assumir, alternativamente, o formato em (27), situação que dependerá das propriedades paramétricas de cada língua.



Portanto, adotarei a proposta de Pylkkänen (2002, 2008), segundo a qual o núcleo v<sup>o</sup><sub>CAUSE</sub> pode variar translinguisticamente, de acordo com suas seleções paramétricas, conforme (28), em que (a) e (b) correspondem aos diagramas (26) e (27), respectivamente.

<sup>31</sup> “While Cause and Voice are separate pieces in the universal inventory of functional heads, they can be grouped together into a morpheme in the lexicon of a particular language”. (PYLKKÄNEN, 2002, p. 90).

<sup>32</sup> “Since there are languages that force us to separate CAUSE from Voice, [...] so that CAUSE would never introduce an external argument.” (PYLKKÄNEN, 2002, p. 90).

(28) PARÂMETRO: AGREGAÇÃO DE VoiceP

- a. CISÃO DE Voice<sup>o</sup> E  $v^o_{CAUSE}$   
Voice<sup>o</sup> e  $v^o_{CAUSE}$  são realizados por núcleos funcionais distintos e separados. Cada núcleo tem uma projeção própria: VoiceP introduz um argumento externo e  $vP_{CAUSE}$  proporciona à sentença uma morfologia e uma semântica causativa. Assim, o núcleo causativo não requer obrigatoriamente a presença de um argumento causador.
- b. FUSÃO DE Voice<sup>o</sup> E  $v^o_{CAUSE}$   
Voice<sup>o</sup> e  $v^o_{CAUSE}$  não podem ocorrer como núcleos funcionais distintos e separados. O núcleo causativo, na realidade, é realizado sintaticamente como um núcleo sincrético, a saber: Voice<sup>o</sup>/ $v^o_{CAUSE}$ , o qual possui uma única projeção VoiceP/ $vP_{CAUSE}$ . Então, o núcleo causativo requer obrigatoriamente a presença de um argumento causador.

Caso uma determinada língua selecione o parâmetro (28a), Voice<sup>o</sup> e  $v^o_{CAUSE}$  são realizados por núcleos funcionais distintos, em que Voice<sup>o</sup> introduz o argumento externo e  $v^o_{CAUSE}$  introduz o sentido e a morfologia causativa. Essa escolha paramétrica não requer a presença obrigatória do argumento externo agente (causador), em contexto de causativização, conforme os dados do japonês e do finlandês. Por seu turno, se uma língua ativa o parâmetro (28b), Voice<sup>o</sup> e  $v^o_{CAUSE}$  não podem se realizar em núcleos funcionais distintos, mas sim em um núcleo sincrético. Além do mais, essa segunda escolha paramétrica requer a presença obrigatória do argumento externo agente (causador), quando do processo de causativização.

Na próxima seção, apresento a proposta de Pylkkänen (2002, 2008) sobre os tipos de c-seleção que o núcleo  $v^o_{CAUSE}$  permite nas línguas naturais.

### 3.4.2. Parâmetro: c-seleção de $v^0_{\text{CAUSE}}$

Pylkkänen (2002, 2008) assume que, dependendo do parâmetro de cada língua, o núcleo  $v^0_{\text{CAUSE}}$  pode selecionar, pelo menos, três tipos de complementos, conforme as alíneas em (29a-c).

- (29) PARÂMETRO: C-SELEÇÃO DO COMPLEMENTO DE  $v^0_{\text{CAUSE}}$
- a. SELEÇÃO DE RAIZ  
 $vP_{\text{CAUSE}}$  seleciona uma raiz acategorial (i.e.  $\sqrt{P}$ ).
  - b. SELEÇÃO DE VERBO  
 $vP_{\text{CAUSE}}$  seleciona um sintagma verbal sem argumento externo (i.e.  $vP$ ).
  - c. SELEÇÃO DE FASE  
 $vP_{\text{CAUSE}}$  seleciona um  $vP$  fásico (i.e. de acordo com Pylkkänen, uma fase é uma estrutura que deve hospedar um argumento externo ou um argumento aplicado alto).

Pylkkänen (2002, 2008) propõe as seleções paramétricas em (29) com base em um conjunto de diagnósticos morfológicos e sintáticos, reproduzidos no Quadro 3.



**QUADRO 3**  
Diagnósticos que predizem os complementos de  $v^0_{\text{CAUSE}}$

DIAGNÓSTICOS	SELEÇÃO DE RAIZ $\checkmark$	SELEÇÃO DE $vP$	SELEÇÃO DE $vP$ FÁSICO
a. Permite modificação adverbial de $vP$ abaixo de $v^0_{\text{CAUSE}}$ ?	Não	Sim	Sim
b. Permite morfologia verbal entre $v^0_{\text{CAUSE}}$ e a raiz $\checkmark$ ?	Não	Sim	Sim
c. Permite modificação adverbial orientada para agente abaixo de $v^0_{\text{CAUSE}}$ ?	Não	Não	Sim
d. Permite morfologia de aplicativo alto entre $v^0_{\text{CAUSE}}$ e a raiz $\checkmark$ ?	Não	Não	Sim

Fonte: PYLKKÄNEN, 2002, p. 96

Nas próximas subseções, analiso os três possíveis complementos de  $v^0_{\text{CAUSE}}$  nas línguas naturais, com base no Quadro 3. Apresentarei apenas alguns diagnósticos, visto que serão retomados com mais cuidado ao longo da proposta teórica.

#### **3.4.2.1. O núcleo $v^0_{\text{CAUSE}}$ c-seleciona uma raiz $\checkmark$**

Veremos, nesta seção, que, para Pylkkänen (2002, 2008), quando  $v^0_{\text{CAUSE}}$  seleciona diretamente uma raiz<sup>33</sup>, não é possível haver (i) morfologia verbal

<sup>33</sup> “With root-selecting, all verbalizing morphology should be impossible between the causative morpheme and the root. Any such morphology would verbalize the root and from a constituent that a root-selecting causative head would not be able to combine with.” (PYLKKÄNEN, 2002, p. 96).

entre o núcleo  $v^{\circ}_{\text{CAUSE}}$  e a raiz  $\surd$  e (ii) nenhuma modificação dessa raiz  $\surd$  por meio de advérbios modificadores de  $v\text{P}$ .

Para fins de ilustração, veja que, no exemplo (30a), a raiz *kog* ‘queimar-se’ deve juntar-se diretamente ao núcleo  $v^{\circ}_{\text{CAUSE}}$  {-*asi*} (esse afixo é um dos morfemas causativos lexicais em japonês).

- $v^{\circ}_{\text{CAUSE}}$  SELECIONA UMA RAIZ  $\surd$
- (30a) *Taroo-wa niku-o kog-asi-ta*  
 Taro-TOP carne-ACC queimar-CAUS-PAST  
 (i) “Taro queimou a carne”  
 (ii) “A carne foi queimada em detrimento de Taro” (leitura adversativa)

No contexto acima, não pode haver nenhum tipo de morfologia verbal entre o morfema causativo {-*asi*} e a raiz *kog* ‘queimar-se’, inclusive não pode existir morfemas verbalizadores. Pylkkänen (2002, 2008) assume a leitura adversativa em (ii) como evidência dessa seleção paramétrica: núcleo  $v^{\circ}_{\text{CAUSE}}$  que seleciona uma raiz  $\surd$ .

Caso a raiz *kog* ‘queimar-se’ receba algum morfema verbalizador, como em (30b), o causativo lexical {-*asi*} dá lugar ao causativo produtivo {-*sase*}. Em outras palavras, essa raiz  $\surd$  também pode receber o morfema {-*sase*-}; todavia, a raiz *kog* ‘queimar-se’ precisa receber antes um morfema de forma intransitiva (nesse caso, um tipo de verbalizador).

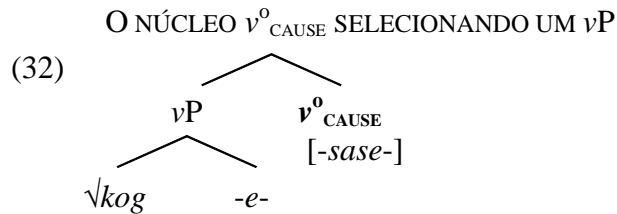
- $v^{\circ}_{\text{CAUSE}}$  NÃO SELECIONA UMA RAIZ  $\surd$
- (30b) *Taroo-wa niku-o kog-e-sase-ta*  
 Taro-TOP carne-ACC queimar-INTRANS-CAUS-PAST  
 (i) “Taro fez a carne se tornar queimada”  
 (ii) \*“A carne foi queimada em detrimento de Taro” (leitura adversativa)

Note que as construções com causativo lexical permitem a leitura adversativa, como em (30a), enquanto que, com o causativo produtivo em (30b), não emerge essa interpretação. Pylkkänen (2002, 2008) propõe que, quando o núcleo causativo seleciona uma raiz  $\surd$ , a leitura adversativa deve emergir. Caso essa interpretação não seja desencadeada, é prova de que não estamos diante de um núcleo  $v^{\circ}_{\text{CAUSE}}$  que seleciona uma raiz  $\surd$ .

Assim, com base nos argumentos acima, Pylkkänen (2002, 2008) assume que o formato da construção causativa em (30a), cujo núcleo  $v^{\circ}_{\text{CAUSE}}$  seleciona a raiz *kog*, é a estrutura configuracional em (31). Como pode ser visto, não há nenhum morfema verbal intervindo entre  $v^{\circ}_{\text{CAUSE}}$  e a raiz  $\surd$ .

- O NÚCLEO  $v^{\circ}_{\text{CAUSE}}$  SELECIONANDO UMA RAIZ  $\surd$
- (31)
- $$\begin{array}{c} \diagup \quad \diagdown \\ \surd kog \quad v^{\circ}_{\text{CAUSE}} \\ \quad \quad \quad [-asi-] \end{array}$$

No entanto, para o exemplo (30b), em que há um morfema intransitivizador entre  $v^{\circ}_{\text{CAUSE}}$  e a raiz  $\surd$ , Pylkkänen (2002, 2008) apresenta a estrutura configuracional abaixo:



Ademais, já que não pode haver nenhuma projeção que intervenha entre o núcleo causativo e a raiz  $\surd$  em (31), é de se esperar que não seja possível também que um advérbio orientado para  $v\text{P}$  tenha escopo abaixo de  $v^{\circ}_{\text{CAUSE}}$ . Tal evidência pode ser confirmada com os exemplos abaixo:

- (33a) *Taroo-ga musuko-o isagiyoku sin-ase-ta*  
 Taro-NOM filho-ACC corajosamente morrer-CAUS-PAST  
 (i) “Taro corajosamente fez seu filho morrer”  
 (ii) \* “Alguma coisa fez Taro ser negativamente afetado por seu filho morrer corajosamente” (PYLKKÄNEN, 2002, p. 99)

- (33b) *Taroo-ga musuko-o sizukani sin-ase-ta*  
 Taro-NOM filho-ACC silenciosamente morrer-CAUS-PAST  
 (i) “Taro silenciosamente fez seu filho morrer”  
 (ii) \* “Alguma coisa fez o filho de Taro morrer silenciosamente na guerra e Taro foi afetado” (PYLKKÄNEN, 2002, p. 99)

Observe nos exemplos em (33) que, se os advérbios *isagiyoku* ‘corajosamente’ e *sizukani* ‘silenciosamente’ tiverem escopo abaixo do núcleo  $v^{\circ}_{\text{CAUSE}}$ , a leitura adversativa do japonês não é possível. Tal fato corrobora a hipótese de que não há nenhuma projeção interveniente entre o núcleo causativo e a raiz  $\surd$  em japonês, nos contextos de leitura adversativa.

Em síntese, com base no que foi discutido acima, Pylkkänen (2002, 2008) assume que o formato de uma construção causativa cujo núcleo  $v^{\circ}_{\text{CAUSE}}$  seleciona raiz  $\sqrt{\quad}$  deve apresentar a seguinte estrutura sintática:



### 3.4.2.2. O núcleo $v^{\circ}_{\text{CAUSE}}$ c-seleciona um $v\text{P}$

Mostro, nesta seção, que, quando o núcleo  $v^{\circ}_{\text{CAUSE}}$  seleciona um  $v\text{P}$ , é possível haver (i) uma modificação de evento causado por advérbios modificadores de  $v\text{P}$ , (ii) não é possível que modificadores orientados para agente tenham escopo abaixo de  $v^{\circ}_{\text{CAUSE}}$  e (iii) é possível que ocorra morfologias verbais entre a raiz  $\sqrt{\quad}$  e  $v^{\circ}_{\text{CAUSE}}$ <sup>34</sup>.

De acordo com Pylkkänen (2002, 2008), o causativo  $\{-ya\}$  da língua Bemba seleciona com complemento um  $v\text{P}$  (sem argumento externo). A análise da autora se fundamenta no fato de esse causativo permitir que advérbios de modo (não orientados para agente) tenham escopo abaixo de  $v^{\circ}_{\text{CAUSE}}$ , conforme o exemplo (35), retirado de Givón (1976), segundo Pylkkänen (2002, p. 105).

<sup>34</sup> “Verb-selecting causatives [...] should allow verbal morphology between CAUSE and the root; in fact, they should require it since the root must be verbalized before the causative head can take it as an argument. By hypothesis, this verbalizing morphology should not, however, be able introduce external arguments, i.e. arguments of Voice or arguments of high APPL. Low applicatives, on the other hand, should have no problem occurring inside a verb-selecting causative.” (PYLKKÄNEN, 2002, p. 96).

- (35) *naa-butwiish-ya*                      *Mwape*              *ulubilo*  
 eu.PAST-correr-CAUS                      Mwape              rápido  
 (i) “Eu fiz Mwape CORRER RAPIDAMENTE”  
 (ii) \* “Eu RAPIDAMENTE FIZ Mwape correr”

Veja no exemplo acima que o morfema causativo em Bemba não seleciona um complemento correspondente a uma raiz  $\sqrt{\quad}$ , uma vez que o advérbio *ulubilo* ‘rapidamente’, o qual é orientado para  $vP$ , tem escopo sobre o evento causado. Contudo, o exemplo (35), isolado, é insuficiente para sustentar a proposta de Pylkkänen (2002, 2008), visto que os morfemas causativos que selecionam um  $vP$  fásico também permitem escopo de advérbios de modo abaixo de  $v^{\circ}_{\text{CAUSE}}$ . Assim, para distinguir o morfema  $\{-ya\}$  em Bemba dos demais causativos que selecionam  $vP$  fásico, Pylkkänen (2002, 2008) mostra que o causativo em Bemba não permite escopo para advérbios orientados para agente abaixo de  $v^{\circ}_{\text{CAUSE}}$ , conforme a impossibilidade da leitura (i) dos exemplos em (36). Esse causativo  $\{-ya\}$  permite escopo de advérbio agentivo apenas acima de  $v^{\circ}_{\text{CAUSE}}$ , conforme a leitura (ii) dos dados abaixo.

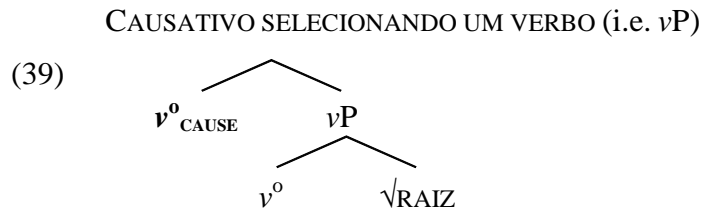
- (36a) *naa-mu-fuund-ishya*                      *uku-laanda*              *iciBemba*              *ku-mufulo*  
 eu.PAST-ele-aprender-CAUS              INFIN-falar              Bemba              de-propósito  
 (i) \* “Eu fiz ele de propósito aprender a falar Bemba”  
 (ii) “Eu, de propósito, fiz ele aprender a falar Bemba”

- (36b) *naa-butwiish-ya*                      *umuana*              *ukwiitemenwa*  
 eu.PAST-correr-CAUS                      menino              voluntariamente  
 (i) \* “Eu fiz o menino, voluntariamente, correr”  
 (ii) “Eu, voluntariamente, fiz o menino correr”

Além do mais, já que o causativo {-ya} em Bemba permite a modificação verbal de evento causado, conforme os exemplos acima, é provável que seja possível a ocorrência de morfologia verbal entre esse morfema causativo e a raiz  $\sqrt{\quad}$ . Pylkkänen (2002, 2008) mostra que, de fato, é possível que um morfema estativo, como em (37), ou recíproco, como em (38), intervenha entre  $v^{\circ}_{\text{CAUSE}}$  e a raiz  $\sqrt{\quad}$ , conforme os exemplos de Givón (1976), retirados de Pylkkänen (2002, p. 105), a seguir:

- (37) *naa-tem-ek-eshya*                      *iciimuti*  
 eu.PAST-cortar-STAT-CAUS      pau  
 “Eu fiz a vara ser cortada”
- (38) *naa-mon-an-ya*                      *Mwape*                      *na*                      *Mutumba*  
 eu.PAST-ver-REC-CAUS              Mwape                      e                      Mutumba  
 “Eu fiz Mwape e Mutumba ver um ao outro”

Portanto, com base nos fatos acima, Pylkkänen (2002, 2008) propõe que o formato de uma construção causativa cujo núcleo  $v^{\circ}_{\text{CAUSE}}$  seleciona um vP é o seguinte:



### 3.4.2.3. O núcleo $v^0_{\text{CAUSE}}$ c-seleciona um $v\text{P}$ fásico

Observe que, quando o núcleo  $v^0_{\text{CAUSE}}$  seleciona um  $v\text{P}$  fásico<sup>35</sup> (i.e. um  $v\text{P}$  com argumento externo, por exemplo), é possível a ocorrência de morfologia de aplicativo alto entre o causativo  $v^0_{\text{CAUSE}}$  e a raiz  $\sqrt{\quad}$ . Além do mais, a modificação abaixo de  $v^0_{\text{CAUSE}}$  por meio de advérbios orientados para agente é permitida. Pylkkänen (2002, 2008) exhibe uma série de afixos em Luganda e Venda (dentre eles: recíprocos, reversivos e estativos) que podem intervir entre o núcleo causativo  $v^0_{\text{CAUSE}}$  e a raiz  $\sqrt{\quad}$ . Entretanto, o que chama mais nossa atenção, visto que não foi constatado nos contextos anteriores, é a possibilidade de morfologia de aplicativo alto ocorrer entre o morfema causativo e a raiz  $\sqrt{\quad}$ , conforme os exemplos a seguir, retirados de Pylkkänen (2002, p. 108).

#### VENDA

(40a)	<i>-tshimbila</i>	“andar”	
(40b)	<i>-tshimbi-dz-a</i>	“fazer andar”	CAUS
(40c)	<i>-tshimbi-el-a</i>	“andar por”	APPL
(40d)	<i>-tshimbi-e-dz-a</i>	“fazer [andar por]”	APPL-CAUS

#### LUGANDA

(41a)	<i>-tambula</i>	“andar”	
(41b)	<i>-tambu-z-a</i>	“fazer andar”	CAUS
(41c)	<i>-tambul-ir-a</i>	“andar por”	APPL
(41d)	<i>-tambul-i-z-a</i>	“fazer [andar por]”	APPL-CAUS

---

<sup>35</sup> “Phase-selecting causatives should not exhibit any restrictions as regards the type of verbal morphology they allow between the root and CAUSE; all verbal heads should be possible, including high applicatives.” (PYLKKÄNEN, 2002, p. 96).



Adicionalmente, os causativos em Venda e Luganda também permitem a modificação agentiva abaixo de  $v^0_{\text{CAUSE}}$ , conforme os exemplos abaixo, retirados de Pylkkänen (2002, p. 108-109).

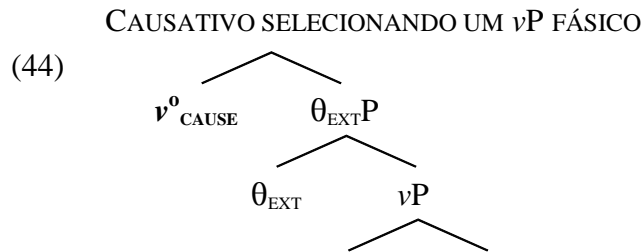
VENDA

- (42) *muuhambadzi*                    *o-reng-is-a*  
 vendedor                            3.SG.PAST-comprar-CAUS-VF
- Katonga*      *mođoro*      *nga*      *dzangalelo*  
 Katonga      carro              com      entusiasmo  
 “O vendedor fez Katonga, ansiosamente, comprar o carro”

LUGANDA

- (43) *omusomesa*                    *ya-wandi-s-a*  
 professor                            3.SG.PAST-escrever-CAUS-VF
- Katonga*      *ne*      *obu*      *nyikivu*  
 Katonga      com      a      dedicação  
 “O professor fez Katonga, com dedicação, escrever”

Por conseguinte, com base nesses exemplos, Pylkkänen (2002, 2008) propõe o formato em (44) para o causativo  $v^0_{\text{CAUSE}}$  que seleciona um vP fásico como complemento. Note que há a interveniência de uma projeção máxima, cuja função é introduzir um argumento externo (ou um argumento introduzido por um aplicativo alto).

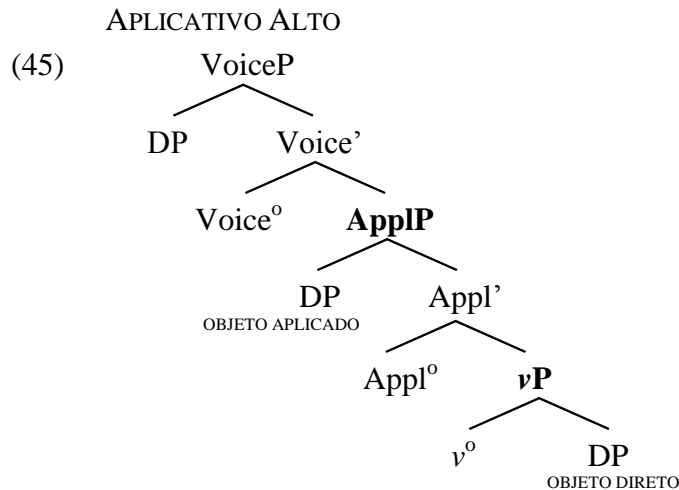


Na próxima seção, apresento sucintamente a proposta tipológica dos núcleos aplicativos nas línguas naturais sob a ótica de Pylkkänen (2002, 2008).

### 3.5. Aplicativos: proposta de Pylkkänen (2002, 2008)

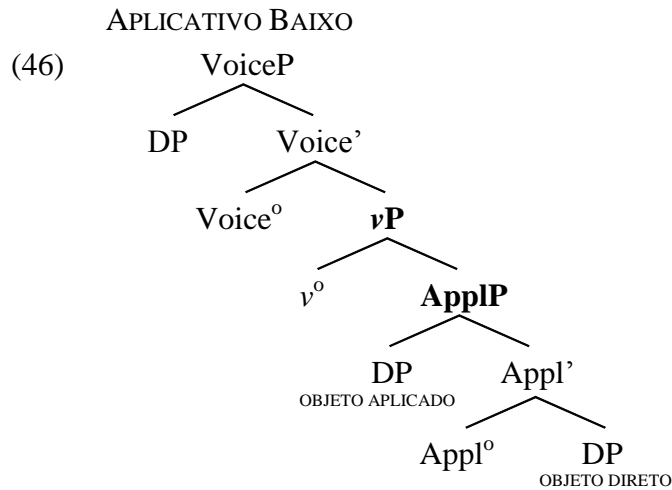
Além do núcleo Voice<sup>o</sup>, o qual licencia um argumento externo, as línguas naturais também projetam um núcleo aplicativo cuja função é introduzir um objeto à estrutura argumental dos verbos. Com base na proposta tipológica de Pylkkänen (2002, 2008), pode-se notar a existência de dois tipos de núcleos aplicativos, a saber: o aplicativo alto e o aplicativo baixo.

Conforme Pylkkänen (2002, 2008), o núcleo aplicativo alto denota uma relação de um objeto aplicado com o evento descrito pelo verbo. Logo, esse argumento aplicado deve se combinar sintaticamente com um  $vP$ , conforme a estrutura a seguir:



A consequência direta da estrutura em (45) é que esse aplicativo pode se juntar a verbos monovalentes e divalentes. Além do mais, em termos semânticos, um núcleo aplicativo alto introduz um argumento com as seguintes interpretações semânticas: beneficiário, comitativo, locativo, fonte, instrumento, etc.

Já o aplicativo baixo, segundo Pylkkänen (2002, 2008), denota uma relação de transferência de posse entre o objeto aplicado e o objeto direto. A consequência imediata é que um núcleo aplicativo baixo não possui a propriedade de se juntar a verbos monovalentes, mas se unirá apenas a verbos transitivos com objeto direto realizado. Além disso, o aplicativo baixo é projetado abaixo do  $vP$ . Mais precisamente, ele ocupa a posição de complemento do  $vP$ , conforme a estrutura configuracional apresentada a seguir:



Assim, com base na tipologia acima acerca dos núcleos aplicativos, Pylkkänen (2002, p. 23) propõe dois diagnósticos capazes de demonstrar a natureza do núcleo aplicativo, a saber:

(47) **DIAGNÓSTICO 1: RESTRIÇÕES DE TRANSITIVIDADE**

Somente aplicativos altos são capazes de se combinar com inergativos. Já que aplicativos baixos denotam uma relação entre um objeto direto e um objeto indireto, eles não possuem a propriedade sintática de figurar em uma estrutura que não tenha objeto direto.

(48) **DIAGNÓSTICO 2: SEMÂNTICA DO VERBO**

Aplicativos baixos não fazem sentido com verbos que são completamente estáticos, uma vez que implicam em transferência de posse. O evento de “segurar uma sacola”, por exemplo, não resulta como estado final a posse dessa sacola por alguém. Aplicativos altos, por outro lado, não exibem nenhuma dificuldade com verbos tais como, por exemplo, “segurar”: é plausível alguém ser beneficiário do evento “segurar uma sacola”.

### 3.5.1. Aplicativo alto nas línguas Tupí-Guaraní

De acordo com Vieira (2001, 2010), o prefixo  $\{(e)ro-\}$ , morfema denominado como causativo-comitativo na literatura descritiva de línguas indígenas brasileiras, é, na verdade, a realização morfológica do núcleo aplicativo alto, o qual licencia um objeto aplicado. Como pode ser visto nos exemplos abaixo da língua Guaraní, retirados de Vieira (2010), esse argumento aplicado, de fato, exerce a função semântica de companhia/comitativo:

(49a) *ava*            *o-ke*  
homem        3-dormir  
“O homem dormiu”

(49b) *ava*            *o-ke*            *mitã*            ***reve***  
homem        3-dormir        criança        **com**  
“O homem dormiu com a criança”

(49c) *ava*            *o(gwe)-ro-ke*            *mitã*  
homem        3-APPL-dormir        criança  
“O homem dormiu com a criança”

Note que o argumento *mitã* ‘a criança’ introduzido em (49b) por meio do sintagma posposicional *reve* ‘com’ se torna um objeto aplicado em (49c) mediante a afixação do morfema  $\{(e)ro-\}$  à raiz verbal. Vieira (2001, 2010) propõe que o morfema  $\{(e)ro-\}$  em Guaraní, assim como nas demais línguas da família Tupí-Guaraní, de fato, é a instanciação do núcleo da projeção de aplicativo alto com base em dois fatos empíricos, a saber: (i) sintaticamente o

morfema  $\{(e)ro-\}$  afixa-se a verbos monovalentes e (ii) semanticamente o argumento introduzido por  $\{(e)ro-\}$  não estabelece qualquer relação de transferência de posse. Esses dois argumentos associados ao fato de que esse morfema introduz um objeto à estrutura verbal sustenta a proposta de Vieira (2001, 2010).

Veja abaixo os exemplos da língua Tupinambá, retirado de Vieira (2010, p. 153), os quais empiricamente corroboram a proposta da autora, uma vez que o morfema  $\{(e)ro-\}$  introduz um objeto com a função semântica de comitativo.

(50) *a-ro-pytá*                      *ygara*  
1.SG-APPL-ficar                  canoa  
“Eu parei com a canoa” (LEMOS BARBOSA, 1956, p. 196)

(51) *a-ro-ker*                        *aoba*  
1.SG-APPL-dormir                roupa  
“Eu durmo com a roupa” (LEMOS BARBOSA, 1956, p. 199)

Viera (2010) ainda afirma que o aplicativo alto  $\{(e)ro-\}$  só pode se afixar a verbos inacusativos ou inergativos. Por esse motivo, para que esse morfema coocorra com um verbo transitivo, é necessário que seja primeiramente intransitivizado, por meio da incorporação nominal, por exemplo, conforme os dados da língua Tupinambá abaixo, retirados de Vieira (2010, p. 153).

(52a) *ere-î-epîak*      *ybák*  
 2.SG-3-ver      céu  
 “Você viu o céu?” (LEMOS BARBOSA, 1956, p. 199)

(52b) *ere-ro-ybák-epîak-pe*      *mitanga*  
 2.SG-APPL-céu-ver-INTER      criança  
 “Você viu o céu com a criança?” (LEMOS BARBOSA, 1956, p. 199)

Observe que, no exemplo (52a), há um verbo transitivo o qual licencia dois argumentos nucleares. No exemplo (52b), quando o verbo transitivo tem seu objeto incorporado, tornando-se, assim, intransitivo, o novo predicado é capaz de receber o morfema aplicativo alto  $\{(e)ro-\}$ , cuja função é a de selecionar um objeto aplicado, a saber: o DP *mitanga* ‘a criança’.

Adicionalmente, a fim de ilustrar a proposta de Pykkänen (2002, 2008), segundo a qual os objetos introduzidos por um núcleo aplicativo alto podem, de fato, receber interpretações semânticas diversas, forneço os exemplos abaixo da língua Paumarí, retirados de Vieira (2006, p. 128-129):

(53a) *o-asara-hi*  
 1.SG-chorar-MOD  
 “Eu chorei”

(53b) *o-ka-asara-há*      *ada*      *isai*  
 1.SG-APPL-chorar-MOD      DEMS      criança  
 “Eu chorei pela criança”

- (54a) *o-adara-hi*  
 1.SG-viajar-MOD  
 “Eu viajei”
- (54b) *o-va-adaraha-há*      *ada*      *isai*  
 1.SG-APPL-viajar-MOD      DEMS      criança  
 “Eu viajei com a criança”
- (55a) *bani-ki*      *ida*      *gamo*      *Porto Velho-a*  
 sofrer-MOD      DEMS      mulher      Porto Velho-OBL  
 “A mulher sofreu em Porto Velho”
- (55b) *Gisi-a*      *bi-va-bana-ki*      *ida*      *Porto Velho*  
 Gisi-ERG      3.SG-APPL-sofrer-MOD      DEMS      Porto Velho  
 “Gisi sofreu em Porto Velho”

Note que, no exemplo (53), o morfema aplicativo {*ka-*} introduz o DP objeto *ada isai* ‘o menino’, o qual recebe a interpretação de fonte. No exemplo (54), o morfema aplicativo {*va-*} introduz o objeto aplicado *ada isai* ‘o menino’ com a função semântica de companhia/comitativo. Por fim, no exemplo (55), o PP *Porto Velho*, o qual recebe a posposição {*-a*}, é alçado para a função de objeto aplicado, por meio do morfema aplicativo alto {*va-*}. Esse argumento recebe a interpretação semântica de locativo. Enfim, com base na proposta teórica de Pylkkänen (2002, 2008), Vieira (2006) assume, para os exemplos acima, a hipótese de que os morfemas {*ka-*} e {*va-*} instanciam o núcleo aplicativo alto na língua Paumarí. Tal hipótese é confirmada uma vez que essas unidades gramaticais afixam-se a verbos monovalentes e introduzem objetos



aplicados com acepções semânticas diversas, tais como: fonte, companhia (i.e. comitativo) e locativo, conforme os exemplos acima.

### 3.5.2. Aplicativo baixo nas línguas Tupí-Guaraní

Conforme propõe Pykkänen (2002, 2008), o núcleo aplicativo baixo denota uma relação entre o objeto aplicado e o objeto direto. Semanticamente, há uma transferência de posse entre esses dois argumentos. Por razões sintáticas e semânticas, somente os verbos transitivos permitem construções deste tipo.

Apesar de o aplicativo alto em Tupí-Guaraní, conforme Vieira (2010), ser fonologicamente preenchido, não há nenhum relato de construções que envolvam núcleos aplicativos baixos realizados morfologicamente em Tupí-Guaraní. Dessa forma, Vieira (2010), com base em Baker (1996) e Pykkänen (2002, 2008), em relação à morfossintaxe, sugere que as construções envolvendo alçamento de possuidor em Tupí-Guaraní envolvam um núcleo aplicativo baixo não realizado na morfologia, conforme os exemplos a seguir:

- TUPINAMBÁ
- (56a) *a-î-monhanag*            *xe*    *r-uba*            *kó*  
 1.SG-3-fazer                    1.SG    C-pai            **roça**  
 “Eu faço a roça do meu pai” (LEMOS BARBOSA, 1956, p. 207)
- (56b) *a-î-kó-monhanag*        *xe*    *r-uba*  
 1.SG-3-**roça**-fazer            1.SG    C-pai  
 “Eu faço a roça a (de) meu pai” (LEMOS BARBOSA, 1956, p. 207)

GUARANÍ

(57a) *xee a-joi ava'i py*  
eu 1.SG-lavar menino pé  
“Eu lavei o pé do menino” (VIEIRA, 2001, p. 157)

(57b) *xee a-py-joi ava'i*  
eu 1.SG-pé-lavar menino  
“Eu lavei o pé em benefício do menino” (VIEIRA, 2001, p. 157)

Em termos descritivos, note que, em (56b) e (57b), o elemento possuído se incorpora ao verbo, alçando o possuidor à função de objeto. Veja que quando o verbo incorpora seu objeto, o possuidor não apenas permanece fora do complexo verbal, como adquire uma relação gramatical íntegra de DP, a saber, a de objeto direto. A partir da interpretação dessas sentenças, Vieira (2010) levanta a hipótese de que esse processo envolve um morfema aplicativo baixo abstrato que licencia esse objeto. Sua proposta se fundamenta no fato de esse DP objeto ter a propriedade semântica de alvo e beneficiário e não um simples possuidor. Uma vez que o aplicativo baixo denota uma relação de transferência, a autora sugere que o núcleo envolvido seja do tipo baixo e não alto. Em termos descritivos, os DPs *xe ruba* ‘meu pai’ e *ava'i* ‘o menino’, em (56b) e (57b), são objetos aplicados com o papel de fonte, uma vez que “a roça veio do meu pai” e “o pé veio do menino”.

A análise de Vieira (2010) acerca da incorporação de objeto nas línguas Tupí-Guaraní se sustenta na análise que Pylkkänen (2002, 2008) faz sobre as

construções com alçamento de possuidor no hebraico, no alemão e no francês. De acordo com Pylkkänen (2002, 2008), essas construções se caracterizam pela manifestação do possuidor e do elemento possuído como dois argumentos sintáticos distintos, conforme os seguintes exemplos de Pylkkänen (2002, p. 43):

HEBRAICO

- (58a) *ha-yalda kilkela le-Dan et ha-radio*  
 a-garota estragou **para-Dan** ACC o-rádio  
 “A garota quebrou o rádio de Dan em detrimento dele” (LANDAU, 1999)

ALEMÃO

- (58b) *man hat ihm seine frau getötet*  
 INDEF tem **ele** sua esposa matou  
 “Mataram sua esposa em seu detrimento” (SHIBATANI, 1994)

FRANCÊS

- (58c) *on lui a tué sa femme*  
 INDEF **ele** tem matado sua esposa  
 “Mataram sua esposa em seu detrimento”

Pylkkänen (2002, 2008) propõe, com base nos exemplos acima, que essas estruturas são construções com aplicativo baixo, as quais correspondem a orações com dois objetos. Veja que o possuidor nos dados em (58) tem uma interpretação de fonte e não de um simples possuidor. Assim, esse argumento corresponde a um argumento introduzido por um núcleo aplicativo baixo, que nesse contexto não é realizado morfologicamente. A principal evidência de que o possuidor *Dan*, em (58a), por exemplo, não é o possuidor alçado da posição de especificador do DP objeto, é a possibilidade de se emergir outro

possuidor na construção, conforme o exemplo do hebraico abaixo, retirado de Pylkkänen (2002, p. 46):

- (59) *Gil šavar le-Rina et ha-miskafayim šel Sigal*  
Gil quebrou **para-Rina** ACC os-óculos **de Sigal**  
“Gil quebrou os óculos de Sigal em detrimento de Rina”

Em suma, com base nas evidências apresentadas por Pylkkänen (2002, 2008), Vieira (2010) estipula que as construções de ascensão do possuidor nas línguas Tupí-Guaraní são de fato a manifestação de um núcleo aplicativo baixo fonologicamente não preenchido.

### 3.6. Resumo do capítulo

Diante da discussão feita neste capítulo, assumo a proposta de Pylkkänen (2002, 2008), segundo a qual o núcleo  $v^{\circ}_{\text{CAUSE}}$  pode variar parametricamente. A primeira seleção que as línguas devem fazer diz respeito à realização dos núcleos  $\text{Voice}^{\circ}$  e  $v^{\circ}_{\text{CAUSE}}$ , conforme as escolhas em (60).

- (60) PARÂMETRO: AGREGAÇÃO DE  $\text{VoiceP}$

- a. CISÃO DE  $\text{Voice}^{\circ}$  E  $v^{\circ}_{\text{CAUSE}}$   
 $\text{Voice}^{\circ}$  e  $v^{\circ}_{\text{CAUSE}}$  são realizados por núcleos funcionais distintos e separados. Cada núcleo tem uma projeção própria:  $\text{VoiceP}$  introduz um argumento externo e  $v\text{P}_{\text{CAUSE}}$  proporciona à sentença uma morfologia e uma semântica causativa. Assim, o núcleo causativo não requer obrigatoriamente a presença de um argumento causador.

- b. FUSÃO DE  $\text{Voice}^0$  E  $v^0_{\text{CAUSE}}$   
 $\text{Voice}^0$  e  $v^0_{\text{CAUSE}}$  não podem ocorrer como núcleos funcionais distintos e separados. O núcleo causativo, na realidade, é realizado sintaticamente como um núcleo sincrético, a saber:  $\text{Voice}^0/v^0_{\text{CAUSE}}$ , o qual possui uma única projeção  $\text{VoiceP}/v\text{P}_{\text{CAUSE}}$ . Então, o núcleo causativo requer obrigatoriamente a presença de um argumento causador.

A segunda seleção que as línguas fazem diz respeito ao conteúdo selecionado pelos núcleos causativos. Mostro em (61) que esse parâmetro se refere ao complemento do núcleo  $v^0_{\text{CAUSE}}$ .

- (61) PARÂMETRO: C-SELEÇÃO DO COMPLEMENTO DE  $v^0_{\text{CAUSE}}$
- a. SELEÇÃO DE RAIZ  
 $v\text{P}_{\text{CAUSE}}$  seleciona uma raiz acategorial (i.e.  $\sqrt{\text{P}}$ ).
  - b. SELEÇÃO DE VERBO  
 $v\text{P}_{\text{CAUSE}}$  seleciona um sintagma verbal sem argumento externo (i.e.  $v\text{P}$ ).
  - c. SELEÇÃO DE FASE  
 $v\text{P}_{\text{CAUSE}}$  seleciona um  $v\text{P}$  fásico (i.e. de acordo com Pykkänen, uma fase é uma estrutura que deve hospedar um argumento externo ou um argumento aplicado alto).

Além disso, apresento a proposta de Pykkänen (2002, 2008) sobre a projeção dos núcleos aplicativos nas línguas naturais. De acordo com a autora, esses núcleos tem a função de introduzir um objeto à estrutura argumental dos verbos. Com base em sua proposta tipológica, há dois tipos de núcleos aplicativos, conforme (62).

(62) PROJEÇÃO DE NÚCLEOS APLICATIVOS

a. APLICATIVO ALTO

O argumento aplicado alto é introduzido por um núcleo que denota uma relação entre um evento e um indivíduo. Além disso, esse núcleo é projetado acima do verbo.

b. APLICATIVO BAIXO

O argumento aplicado baixo é introduzido por um núcleo, que é projetado abaixo do verbo e que, semanticamente, denota uma relação entre dois indivíduos.

## CAPÍTULO 4:

### PARÂMETRO: AGREGAÇÃO DE VOICEP

---

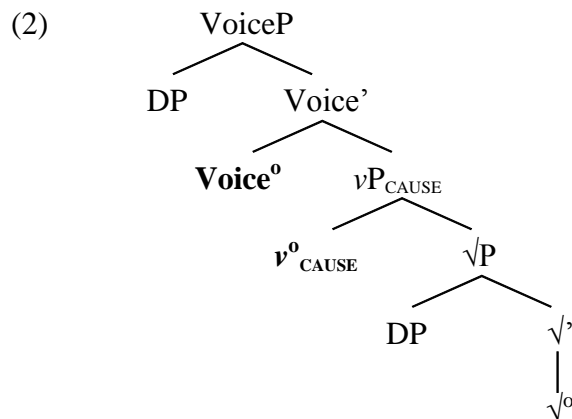
Neste capítulo, analiso o estatuto gramatical dos núcleos  $\text{Voice}^{\circ}$  e  $v^{\circ}_{\text{CAUSE}}$  na língua Tenetehára. Para isso, adoto a proposta de Pylkkänen (2002, 2008), segundo a qual esses núcleos podem variar quanto às suas realizações em um núcleo sincrético ou em núcleos cindidos. Para isso, considere o parâmetro a seguir:

(1) PARÂMETRO: AGREGAÇÃO DE VoiceP

- a. CISÃO DE  $\text{Voice}^{\circ}$  E  $v^{\circ}_{\text{CAUSE}}$   
 $\text{Voice}^{\circ}$  e  $v^{\circ}_{\text{CAUSE}}$  são realizados por núcleos funcionais distintos e separados. Cada núcleo tem uma projeção própria: VoiceP introduz um argumento externo e  $vP_{\text{CAUSE}}$  proporciona à sentença uma morfologia e uma semântica causativa. Assim, o núcleo causativo não requer obrigatoriamente a presença de um argumento causador.

- b. FUSÃO DE  $\text{Voice}^0$  E  $v^0_{\text{CAUSE}}$   
 $\text{Voice}^0$  e  $v^0_{\text{CAUSE}}$  não podem ocorrer como núcleos funcionais distintos e separados. O núcleo causativo, na realidade, é realizado sintaticamente como um núcleo sincrético, a saber:  $\text{Voice}^0/v^0_{\text{CAUSE}}$ , o qual possui uma única projeção  $\text{VoiceP}/v\text{P}_{\text{CAUSE}}$ . Então, o núcleo causativo requer obrigatoriamente a presença de um argumento causador.

Proponho que a língua Tenetehára opta por (1a), uma vez que as duas projeções devem vir mapeadas na sintaxe por meio de dois núcleos distintos, conforme a estrutura em (2).



Essa proposta se fundamenta em dois fatos empíricos. O primeiro diz respeito à possibilidade de os núcleos  $\text{Voice}^0$  e  $v^0_{\text{CAUSE}}$  serem preenchidos, na mesma estrutura, pelos morfemas reflexivo {ze-} e causativo {mu-}, respectivamente, conforme (3a). O segundo argumento se refere à coocorrência do aplicativo alto {eru-} e do causativo {mu-}, conforme o exemplo (3b).



- (3a) *u-ze-mu-pihun*            *awa*            *a'e*  
 3-REFL-CAUS-preto        homem        ele  
 “O homem se pintou de preto”

Veja que, em (3a), o verbo deadjetival *pihun* ‘ser preto’ é causativizado por meio do morfema {*mu-*}, formando o verbo transitivo *mupihun* ‘pintar de preto’. Posteriormente, esse verbo transitivo causativo sofre o processo de reflexivização, situação em que o DP sujeito passa a executar e sofrer a ação descrita pelo verbo. Visto que o morfema reflexivo altera as propriedades do DP sujeito, proporei que esse morfema é a instanciação do núcleo de VoiceP.

- (3b) *w-eru-mo-nohok*            *awa*            *kyhàhàm*        *a'e*  
 3-APPL-CAUS-partir.se        homem        corda            ele  
 “A corda (se) arrebentou com o homem”

No exemplo (3b), por sua vez, o DP *awa* ‘o homem’, apesar de exercer a função sintática de sujeito, é introduzido por meio do núcleo aplicativo alto, o qual é instanciado pelo morfema {*eru-*}. Esse morfema, para Vieira (2001, 2010), como foi mostrado na seção 3.5.1, tem como função introduzir um argumento aplicado com a função semântica de comitativo. Logo, nessa estrutura há a projeção de  $vP_{\text{CAUSE}}$  sem a instanciação de VoiceP.

Este capítulo está organizado em três seções. Na seção 4.1, demonstro como as construções reflexivas motivam a proposta de que os núcleos Voice<sup>o</sup> e  $v_{\text{CAUSE}}^o$  são projetados em núcleos distintos. Na seção 4.2, mostro que as

estruturas causativas podem introduzir um argumento aplicado, por meio de ApplP, ao invés de um argumento externo, por meio de VoiceP. Por fim, na seção 4.3, apresento as considerações finais.

#### 4.1. Realização morfológica do núcleo de VoiceP

Em Tenetehára, os morfemas  $\{mu-\}$  e  $\{-(u)kar\}$  instanciam o núcleo causativo  $v^0_{\text{CAUSE}}$ , enquanto que o núcleo  $\text{Voice}^0$  não é preenchido por um morfema em contexto de voz ativa, sendo, por isso, nulo  $\{\emptyset\}$ . No entanto, a realização fonológica do núcleo de VoiceP pode ser motivada por razões morfossintáticas, a saber: quando o verbo transitivo sofre o processo de reflexivização, um morfema de voz reflexiva deve ser acionado no verbo, conforme o exemplo a seguir:

(4a) *u-zuka*            *awa*            *zapukaz*            *a'e*  
 3-matar            homem            galinha            ele  
 “O homem matou a galinha”

(4b) *u-ze-zuka*            *awa*            *a'e*  
 3-REFL-matar            homem            ele  
 “O homem se matou”

Note que, no exemplo (4), o verbo transitivo *zuka* ‘matar’ pode receber o prefixo reflexivo  $\{ze-\}$ , cuja função é indicar que a ação descrita pelo predicado é executada pelo DP *awa* ‘o homem’ e este mesmo argumento sofre a

ação. Portanto, postulo que o reflexivo<sup>36</sup> {ze-}, quando ocorre em predicados transitivos, tem a função de alterar a natureza do argumento externo introduzido por VoiceP. É com base nesse fato empírico que proponho que o morfema {ze-} instancia o núcleo de VoiceP. A seguir apresento a reflexivização de um verbo transitivo, cujo núcleo de  $vP_{CAUSE}$  é fonologicamente preenchido:

- (5a) *i-pihun*      *kwarer*      *a'e*  
 3-preto      menino      ele  
 “O menino está pintado de preto”
- (5b) *u-mu-pihun*      *awa*      *kwarer*      *a'e*  
 3-CAUS-preto      homem      menino      ele  
 “O homem pintou de preto o menino”
- (5c) *u-ze-mu-pihun*      *awa*      *a'e*  
 3-REFL-CAUS-preto      homem      ele  
 “O homem se pintou de preto”

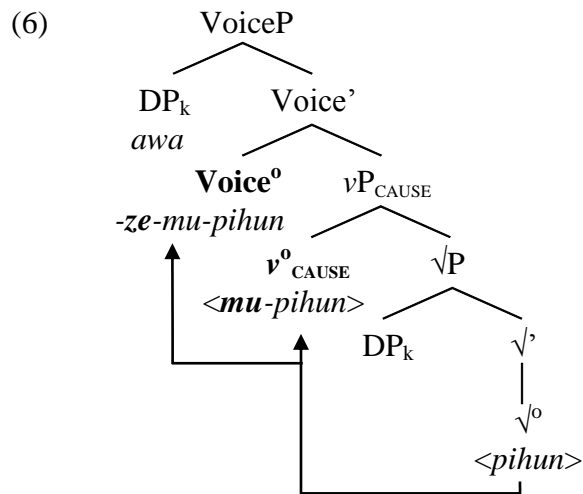
Veja que, em (5), o verbo deadjetival *pihun* ‘estar pintado de preto’ recebe o morfema causativo {mu-} em (b) e, posteriormente, o morfema reflexivo {ze-} em (c). A função do causativo {mu-} é selecionar o evento causado em (5a) e introduzir a leitura causativa. O DP agente *awa* ‘homem’ é introduzido pelo núcleo de VoiceP, cujo morfema, em (5b), é nulo { $\emptyset$ }. Todavia, quando ocorre a construção reflexiva em (5c), o morfema {ze-} de voz

<sup>36</sup> Há línguas que, em construções reflexivas, não preenchem morfologicamente o núcleo de VoiceP. No inglês, por exemplo, as construções reflexivas são indicadas pelo uso de pronomes reflexivos, conforme os exemplos abaixo:

- (i) *The man<sub>k</sub> killed himself<sub>k</sub>*  
 (ii) *The woman<sub>j</sub> found herself<sub>j</sub> in the mirror*

reflexiva é acionado no núcleo de VoiceP, a fim de modificar a natureza morfosintática do argumento externo, o qual é introduzido por VoiceP.

Em vista dos processos descritos acima, mostro que, de fato, o núcleo  $v^{\circ}_{\text{CAUSE}}$  se realiza fonologicamente por meio do morfema  $\{mu-\}$  e o núcleo de VoiceP é instanciado pelo reflexivo  $\{ze-\}$ , uma vez que o estatuto do argumento externo é alterado. Assim, o exemplo (5c) assume a estrutura configuracional<sup>37</sup> em (6).



Na próxima seção, apresento um contexto no qual o verbo transitivo causativo não licencia um argumento externo agente (causador). Mais

<sup>37</sup> Quanto à descrição da língua Tenetehára por meio das árvores sintáticas, mostrarei, neste trabalho, apenas as projeções máximas pertencentes ao nível lexical, o qual é capaz de c-selecionar seus argumentos. Como o objetivo da presente pesquisa não inclui a descrição das projeções máximas do nível funcional, não explicitaremos toda a derivação dos predicados verbais. Acerca da linearização na língua Tenetehára, direciono o leitor aos trabalhos de Duarte (1997, 1998, 2000, 2003, 2007, 2012).

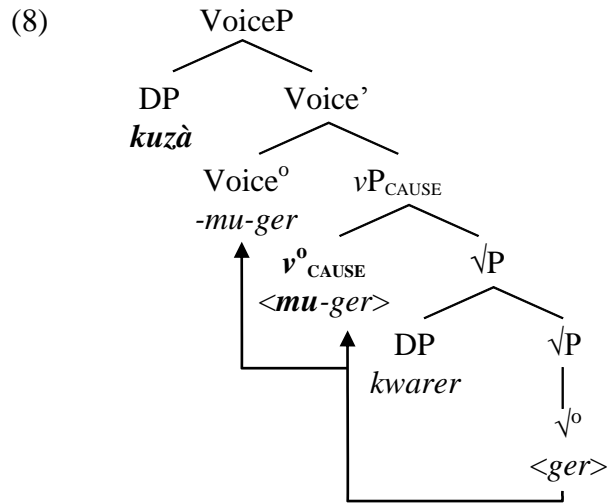
precisamente, mostrarei uma construção causativa sem a projeção de VoiceP, com o propósito de corroborar a proposta de que  $\nu P_{\text{CAUSE}}$  pode ser projetado sem que VoiceP esteja presente na estrutura configuracional.

#### 4.2. Projeção de $\nu P_{\text{CAUSE}}$ sem a introdução de VoiceP

Como foi mostrado na seção 2.3, nas construções causativas com o morfema  $\{mu-\}$ , um argumento externo, com a função semântica de agente (causador), é introduzido na posição sintática de sujeito, conforme o exemplo abaixo:

	MORFEMA CAUSATIVO + ARGUMENTO EXTERNO			
(7)	<i>u-mu-ger</i>	<i>kuzà</i>	<i>kwarer</i>	<i>a'e</i>
	3-CAUS-dormir	mulher	menino	ela
	“A mulher fez o menino dormir”			

Com base na proposta de Pykkänen (2002, 2008), para o exemplo (7), proponho que o morfema causativo  $\{mu-\}$  introduz a leitura causativa e seleciona como complemento o evento causado ‘o menino dormir’. Nessa estrutura, o DP agente (causador) *kuzà* ‘a mulher’ é selecionado por meio do núcleo Voice<sup>o</sup>, o qual não é realizado fonologicamente. Dessa forma, adoto, para o exemplo acima, a configuração em (8).



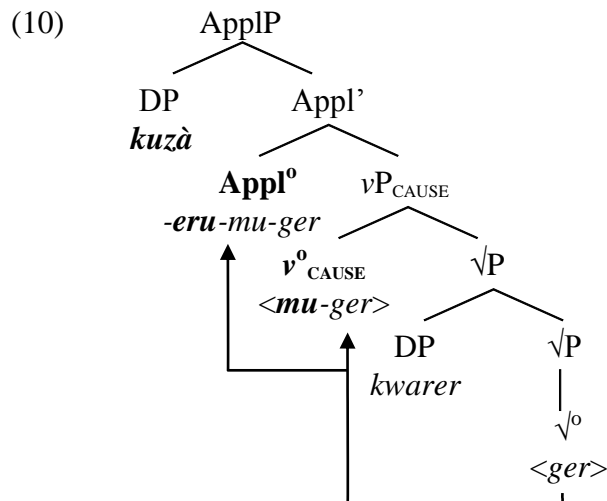
Note que, na estrutura configuracional acima, o núcleo de VoiceP tem a função de introduzir o argumento externo, o DP *kuzà* ‘a mulher’, com a função semântica de agente (causador), conforme a proposta de Kratzer (1994, 1996) e Pylkkänen (2002, 2008). As ações desse argumento, por sua vez, têm um impacto imediato sobre o evento causado ‘o menino dormir’.

A língua Tenetehára, no entanto, permite que um argumento aplicado, licenciado por ApplP, seja introduzido na estrutura argumental do verbo transitivo causativo, ao invés de um agente (causador), o qual seria introduzido pelo núcleo de VoiceP. Nessa situação, o verbo transitivo causativo *mu-ger* ‘fazer dormir’ recebe o morfema aplicativo alto {*eru-*}, cuja função é introduzir o DP *kuzà* ‘a mulher’ com a função semântica de comitativo, conforme o exemplo em (9) a seguir.

MORFEMA CAUSATIVO + ARGUMENTO APLICADO

- (9) *w-eru-mu-ger*      *kuzà*      *kwarer*      *a'e*  
 3-APPL-CAUS-dormir    mulher      menino      ela  
 “O menino dormiu com a mulher”

Como pode ser notado no exemplo acima, o DP sujeito *kuzà* ‘a mulher’, o qual recebe a interpretação semântica de comitativo e não de agente, é introduzido pelo núcleo aplicativo alto, o qual é instanciado pelo morfema {*eru-*}. Nessa sentença, apesar da morfologia causativa, não há o licenciamento de um argumento externo agente (causador). É neste ponto que a língua Tenetehára difere de línguas como o português, o inglês, o finlandês e o japonês, pois é possível que, em uma construção causativa, um argumento aplicado alto seja introduzido no lugar de um argumento externo agente. Diante disso, defendo a estrutura (10) como a representação do exemplo (9).



Note que a projeção VoiceP não está presente na estrutura configuracional acima, já que não há, no exemplo (9), um argumento externo agente que tenha a função semântica de desencadear o evento causado. No mais, o DP *kuzà* ‘a mulher’ é introduzido pelo núcleo aplicativo {*eru-*}, cujo papel é acrescentar um argumento aplicado alto com a função semântica de comitativo. Veja outro exemplo abaixo que ilustra esse contexto:

MORFEMA CAUSATIVO + ARGUMENTO EXTERNO

- (11a) *o-mo-nohok*                      *awa*                      *kyhàhàm*                      *a’e*  
 3-CAUS-partir.se                      homem                      corda                      ele  
 “O homem arrebentou a corda”

MORFEMA CAUSATIVO + ARGUMENTO APLICADO

- (11b) *w-eru-mo-nohok*                      *awa*                      *kyhàhàm*                      *a’e*  
 3-APPL-CAUS-partir.se                      homem                      corda                      ele  
 “A corda (se) arrebentou com o homem”

Observe que, em (11), as construções causativas, por meio do morfema {*mu-*}, apresentam o seguinte contraste: em (a), há a introdução, por meio de VoiceP, do argumento externo DP *awa* ‘o homem’ com a função semântica de agente (causador); em (b), há a inserção, por meio de ApplP, do argumento aplicado alto DP *awa* ‘o homem’ com a propriedade semântica de comitativo.

Observe que as sentenças em (11) permitem diferentes interpretações para os seus sujeitos. Na primeira, o DP *awa* ‘o homem’ é interpretado como agente (causador), cujas ações têm um efeito direto no evento causado ‘a corda



(se) arrebentou’. Essa leitura de agente (causador) pode ser comprovada pela agramaticalidade da sentença (12a), a qual introduz o evento da causação por meio do adjunto *kuzà puhuzhaw pe* ‘pelo peso da mulher’.

ARGUMENTO EXTERNO AGENTE + ADJUNÇÃO DO EVENTO DA CAUSAÇÃO

(12a)	* <i>o-mo-nohok</i>	<i>awa</i>	<i>kyhàhàm</i>
	3-CAUS-partir.se	homem	corda
	<i>kuzà</i>	$\emptyset$ - <i>puhuz-haw</i>	$\emptyset$ - <i>pe</i> <i>a’e</i>
	mulher	C-pesado-NOML	C-por      ele
	* “O homem arrebentou a corda pelo peso da mulher”		

Mais precisamente, a leitura em (12a) é bloqueada para evitar um conflito semântico entre causadores do evento causado ‘a corda (se) arrebentou’, a saber: o DP *awa* ‘o homem’ e o PP *kuzà puhuzhaw pe* ‘pelo peso da mulher’ disputam a função de causa do evento causado. Tal situação é proibida pelo Critério Theta<sup>38</sup>.

Por sua vez, em (12b), o DP sujeito, o qual é introduzido pelo núcleo de ApplP, é o argumento aplicado com a função semântica de comitativo. A análise de que esse argumento não exerce a função semântica de agente (causador) pode ser fundamentada empiricamente pela ocorrência, em (12b), do evento da causação, por meio do adjunto *kuzà puhuzhaw pe* ‘pelo peso da mulher’. Note que esse exemplo não implica em agramaticalidade.

---

<sup>38</sup> De acordo com o Critério Theta, cada argumento tem que receber um e somente um papel temático e cada papel temático deve ser atribuído a um e somente um argumento.

ARGUMENTO APLICADO COMITATIVO + ADJUNÇÃO DO EVENTO DA CAUSAÇÃO

- (12b) *w-eru-mo-nohok*                      *awa*                      *kyhàhàm*  
 3-APPL-CAUS-partir.se                      homem                      corda
- kuzà*                       $\emptyset$ -*puhuz-haw*                       $\emptyset$ -*pe*                      *a'e*  
 mulher                      C-pesado-NOML                      C-por                      ele
- “A corda (se) arrebentou com o homem pelo peso da mulher”

De fato, o DP *awa* ‘o homem’ em (12b) não é interpretado como um agente (causador), visto que o PP *kuzà puhuzhaw pe* ‘pelo peso da mulher’ é o responsável em desencadear a ação descrita pelo evento causado ‘a corda (se) arrebentou’. Ademais, esse DP sujeito é introduzido pelo núcleo aplicativo alto ApplP, com a função semântica de comitativo. Logo, não há um bloqueio na leitura da sentença acima, uma vez que o Critério Theta é satisfeito.

Além disso, o significado de comitativo está presente apenas quando da realização do aplicativo alto, enquanto que está ausente na construção causativa sem o morfema {*eru-*}. A evidência empírica dessa distinção semântica é o fato de a construção causativa com argumento aplicado não permitir que a interpretação de comitativo seja negada, conforme o exemplo (13b).

ARGUMENTO EXTERNO AGENTE + NEGAÇÃO DE COMITATIVO

- (13a) *o-mo-nohok*                      *awa*                      *ywyrà*                      *a'e*  
 3-CAUS-partir.se                      homem                      árvore                      ele
- n-u-iko-kwaw*                      *awa*                      *ywyrà*                      *r-ehe*                      *a'e*  
 NEG-3-estar-NEG                      homem                      árvore                      C-em                      ele
- “O homem arrebentou a árvore, mas ele não estava sobre ela”

ARGUMENTO APLICADO COMITATIVO + NEGAÇÃO DE COMITATIVO

- (13b) \* *w-eru-mo-nohok*    *awa*    *ywyra*    *a'e*  
 3-APPL-CAUS-partir.se    homem    árvore    ele
- n-u-iko-kwaw*    *awa*    *ywyra*    *r-ehe*    *a'e*  
 NEG-3-estar-NEG    homem    árvore    C-em    ele
- \* “A árvore (se) arrebentou com o homem, mas ele não estava sobre ela”

Mais precisamente, veja que, no exemplo (13a), o DP sujeito da oração principal exerce a função semântica de agente (causador), cujas ações têm um impacto direto sobre o evento causado ‘a árvore (se) arrebentou’. Já que esse argumento não possui a interpretação semântica de comitativo, essa propriedade semântica pode ser negada sem afetar a gramaticalidade da sentença. No entanto, em (13b), o DP sujeito é introduzido pelo núcleo de ApplP, o qual é instanciado pelo morfema {*eru-*}. Esse morfema, como foi visto anteriormente, tem a função de introduzir um argumento aplicado alto com a função semântica de comitativo. Por esse motivo, a sentença (13b) é agramatical, já que a interpretação de comitativo não pode ser negada. Assim sendo, essa sentença é bloqueada porque é contraditória.

Diante disso, tendo em vista os testes aplicados em (12) e (13), proponho que os DPs sujeitos devem ser introduzidos por núcleos funcionais distintos. Nos exemplos em (a), esse argumento deve ser introduzido pelo núcleo de VoiceP com a função semântica de agente (causador), conforme a derivação em (8). Nos dados em (b), esse argumento é introduzido pelo núcleo

de ApplP com a propriedade semântica de comitativo, conforme a configuração apresentada em (10).

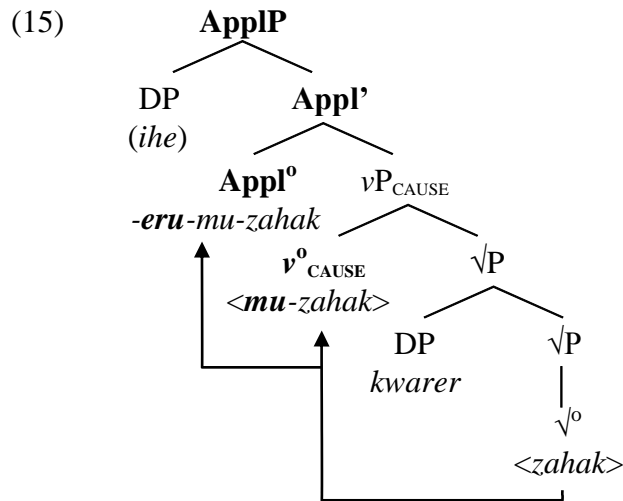
O fato inusitado em relação a Pylkkänen (2002, 2008) é que, de acordo com os dados apresentados acima, a língua Tenetehára permite que um argumento aplicado seja introduzido na estrutura verbal com a função sintática de sujeito de verbo transitivo causativo. Note que, de acordo com o quadro teórico de Pylkkänen (2002, 2008), esperar-se-ia a introdução de um objeto na estrutura<sup>39</sup>. Vejam outros exemplos que sustentam essa proposta:

- |       |                                  |                |            |
|-------|----------------------------------|----------------|------------|
| (14a) | <i>a-(e)ru-mu-ger</i>            | <i>kwarer</i>  | <i>ihe</i> |
|       | 1-APPL-CAUS-dormir               | menino         | eu         |
|       | “O menino dormiu comigo”         |                |            |
| (14b) | <i>a-(e)ru-mo-nohok</i>          | <i>kyhàhàm</i> | <i>ihe</i> |
|       | 1-APPL-CAUS-partir.se            | corda          | eu         |
|       | “A corda (se) arreventou comigo” |                |            |
| (14c) | <i>a-(e)ru-mu-aku</i>            | <i>kwarer</i>  | <i>ihe</i> |
|       | 1-APPL-CAUS-quente               | menino         | eu         |
|       | “O menino (se) aqueceu comigo”   |                |            |
| (14d) | <i>a-(e)ru-mu-zahak</i>          | <i>kwarer</i>  | <i>ihe</i> |
|       | 1-APPL-CAUS-banhar               | menino         | eu         |
|       | “O menino banhou comigo”         |                |            |

---

<sup>39</sup> Como foi apresentado do quadro teórico, Pylkkänen (2002, 2008) propõe tipologicamente dois tipos de argumento aplicado: um alto e outro baixo. Dentre os aplicativos altos, as línguas Chaga, Luganda e Venda, por exemplo, introduzem um objeto com as funções semânticas diversas. Segundo a autora, esse aplicativo estabelece uma relação entre um objeto aplicado e o evento descrito pelo verbo. Quanto aos aplicativos baixos, as línguas disponibilizam um objeto, o qual pode ser a fonte, como no hebraico, ou o alvo, como no inglês, da transferência de posse do objeto direto do verbo transitivo. Nos dois contextos, segundo Pylkkänen (2002, 2008), há a introdução de um argumento na função sintática de objeto.

Note que, nos exemplos acima, os verbos transitivos causativos, os quais preenchem morfologicamente o núcleo de  $vP_{\text{CAUSE}}$  com o causativo  $\{mu-\}$ , recebem ainda o morfema aplicativo alto  $\{eru-\}$ , cuja função é introduzir um argumento aplicado alto com a função semântica de comitativo. No entanto, ao invés de introduzir um objeto extra na estrutura argumental, esse morfema, nesse contexto, introduz um sujeito de primeira pessoa do singular, como pode ser notado pelo prefixo de concordância  $\{a-\}$  no verbo. Esse DP sujeito, por ser introduzido pelo morfema aplicativo, exerce a função de comitativo e não de (agente). Para dar conta da derivação da sentença (14d), por exemplo, apresento a estrutura arbórea a seguir:



Veja que, em (15), o verbo transitivo causativo *muzahak* ‘banhar’, ao invés de projetar VoiceP, cuja função seria introduzir uma agente (causador), instancia o núcleo de ApplP, por meio do morfema {*eru-*}, o qual introduz um argumento aplicado com a função semântica de comitativo. Nas derivações posteriores, esse argumento aplicado se move para uma posição mais alta, a saber: a posição de sujeito.

Enfim, demonstro acima que a língua Tenetehára, diferente das línguas Chaga, Luganda, Venda, inglês e hebraico, permite que o argumento aplicado introduzido pelo núcleo aplicativo alto, o qual é instanciado pelo morfema {*eru-*}, exerça a função sintática de sujeito e não de objeto. Tal fato, portanto, sustenta nossa análise de que os núcleos de VoiceP e de  $vP_{\text{CAUSE}}$  são projetados de forma cindida e não sincrética na língua em análise, uma vez que temos uma predicação verbal transitiva e causativa sem a introdução de VoiceP, conforme os exemplos apresentados neste capítulo.

### **4.3. Resumo do capítulo**

A proposta que assumo, com base no quadro teórico de Pylkkänen (2002, 2008) e Kratzer (1994, 1996), é a de que as construções causativas na língua Tenetehára devem necessariamente envolver um núcleo  $v^{\circ}_{\text{CAUSE}}$  separado de VoiceP. Essa análise teórica se fundamenta em dois fatos empíricos, a saber:

(i) nas construções reflexivas de transitivos causativos, os núcleos  $\text{Voice}^0$  e  $v^0_{\text{CAUSE}}$  são preenchidos pelos morfemas  $\{ze-\}$  e  $\{mu-\}$ , respectivamente;

(ii) paralelamente ao japonês e ao finlandês, em contexto de causativo com sujeito comitativo, o núcleo  $v^0_{\text{CAUSE}}$  pode ser projetado sem a introdução de argumento externo agente (ou seja,  $\text{VoiceP}$  não é instanciado). Ademais, demonstrei que a língua Tenetehára permite que um argumento aplicado seja introduzido na função sintática de sujeito e não de objeto. Essa variação paramétrica faz com que o Tenetehára apresente uma construção sintática diferente das estruturas de línguas como Chaga, Luganda, Venda, japonês, hebraico, inglês e português. Por fim, baseando-se nas seleções paramétricas propostas por Pytkäinen (2002, 2008), assumo que o Tenetehára opta por (16a).

(16) PARÂMETRO: AGREGAÇÃO DE  $\text{VoiceP}$

- a. CISÃO DE  $\text{Voice}^0$  E  $v^0_{\text{CAUSE}}$   
 $\text{Voice}^0$  e  $v^0_{\text{CAUSE}}$  são realizados por núcleos funcionais distintos e separados. Cada núcleo tem uma projeção própria:  $\text{VoiceP}$  introduz um argumento externo e  $vP_{\text{CAUSE}}$  proporciona à sentença uma morfologia e uma semântica causativa. Assim, o núcleo causativo não requer obrigatoriamente a presença de um argumento causador.
- b. FUSÃO DE  $\text{Voice}^0$  E  $v^0_{\text{CAUSE}}$   
 $\text{Voice}^0$  e  $v^0_{\text{CAUSE}}$  não podem ocorrer como núcleos funcionais distintos e separados. O núcleo causativo, na realidade, é realizado sintaticamente como um núcleo sincrético, a saber:  $\text{Voice}^0/v^0_{\text{CAUSE}}$ , o qual possui uma única projeção  $\text{VoiceP}/vP_{\text{CAUSE}}$ . Então, o núcleo causativo requer obrigatoriamente a presença de um argumento causador.

## CAPÍTULO 5:

### ESTATUTO DO MORFEMA CAUSATIVO {*mu-*}

---

O objetivo deste capítulo é mostrar que o prefixo {*mu-*} é a realização morfológica do núcleo causativo na língua Tenetehára. Mais precisamente, minha hipótese é a de que esse morfema é a realização de um núcleo  $v^{\circ}_{\text{CAUSE}}$  que seleciona uma raiz  $\sqrt{\quad}$  como seu complemento imediato. De modo geral, esta proposta fundamenta-se principalmente nos seguintes fatos: (i) o complemento de  $v^{\circ}_{\text{CAUSE}}$  não pode ser modificado por advérbios orientados para  $v\text{P}$ , como em (1), e (ii) não pode haver morfologia de aplicativo alto intervindo entre o causativo {*mu-*} e a raiz  $\sqrt{\quad}$ , como em (2).

- (1) *u-mu- 'ytaw*      *awa*      *kwarer*      *yrykaw*      *ø-pe*      *a'e*  
3-CAUS-nadar      homem      menino      riacho      C-em      ele  
“O homem FEZ o menino NADAR NO RIACHO” (falso se o homem não estiver no riacho)



Note que, no exemplo (1), o advérbio de lugar *yrykaw pe* ‘no riacho’, o qual é orientado para *vP*, tem escopo sobre a ação do homem, a qual incide diretamente sobre o menino. Logo, esse advérbio não pode ter escopo apenas sobre o evento causado ‘o menino nadou’, mas sim sobre o evento da causação. Tal fato demonstra que o núcleo causativo não seleciona como complemento uma estrutura que comporte uma projeção *vP*. Logo, esse advérbio deve se juntar necessariamente ao *vP*<sub>CAUSE</sub>, instanciado pelo morfema {*mu-*}.

(2)	* <i>u-mu-eru-ata</i>	<i>awa</i>	( <i>kwarer</i>	( $\emptyset$ - <i>pe</i> ))	<i>a'e</i>
	3-CAUS-APPL-andar	homem	menino	C-por	ele

Por seu turno, veja que, no exemplo (2), o morfema aplicativo alto {*eru-*} não pode intervir entre o morfema causativo {*mu-*} e a raiz  $\sqrt{\quad}$ . A impossibilidade dessa construção decorre do fato de que o morfema {*mu-*} é incapaz de selecionar como complemento um evento causado que contenha um argumento aplicado, introduzido por ApplP.

Assim, com base nessas duas evidências empíricas, as quais sustentam a hipótese de que o morfema {*mu-*} seleciona como complemento uma raiz  $\sqrt{\quad}$  e não um *vP* (sem argumento externo) ou um *vP* fásico (com argumento externo ou argumento aplicado), proponho a estrutura configuracional abaixo que representa a configuração dos verbos transitivos causativos em Tenetehára:



Enfim, para fundamentar a hipótese de que o morfema  $\{mu-\}$  de fato seleciona uma raiz  $\sqrt{\quad}$ , aplicarei na língua Tenetehára os diagnósticos relacionados no quadro abaixo, os quais são inspirados em Pykkänen (2002, 2008), Schäfer (2008) e Blanco (2010).

QUADRO 4  
Diagnósticos para causativos que selecionam uma raiz  $\sqrt{\quad}$

DIAGNÓSTICOS	SELEÇÃO DE RAIZ $\sqrt{\quad}$
a. Permite modificação adverbial de $vP$ abaixo de $v^{\circ}_{\text{CAUSE}}$ ?	Não
b. Permite morfologia verbal intervindo entre $v^{\circ}_{\text{CAUSE}}$ e a raiz $\sqrt{\quad}$ ?	Não
c. Permite modificação adverbial orientada para agente abaixo de $v^{\circ}_{\text{CAUSE}}$ ?	Não
d. Permite morfologia de aplicativo alto entre $v^{\circ}_{\text{CAUSE}}$ e a raiz $\sqrt{\quad}$ ?	Não
e. Permite causativização de inergativos e transitivos?	Não
f. Permite a negação do evento causado?	Não

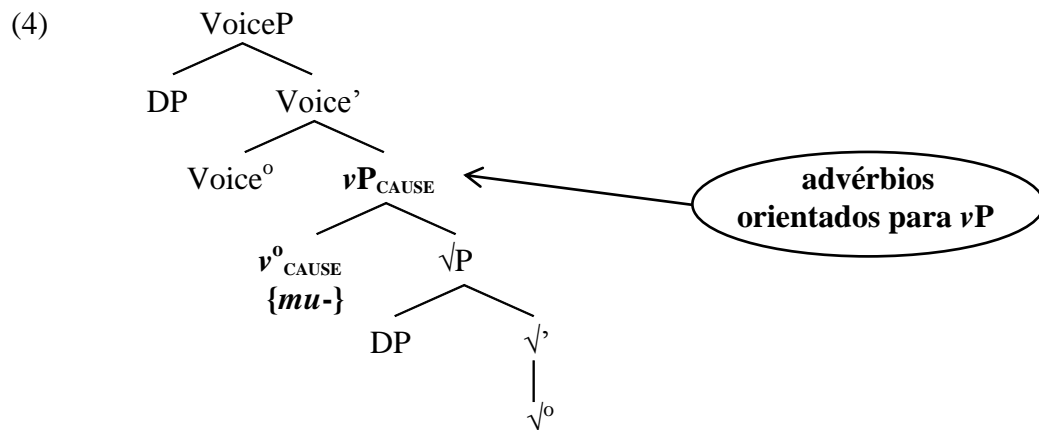
Fonte: adaptado de PYLKKÄNEN, 2002, 2008; SCHÄFER, 2008; BLANCO, 2011

Este capítulo está organizado da seguinte forma: na seção 5.1, mostro a impossibilidade de um advérbio orientado para  $vP$  modificar o complemento de  $v^0_{\text{CAUSE}}$ , quando esse núcleo é instanciado pelo morfema  $\{mu-\}$ ; na seção 5.2, demonstro que a causativização em Tenetehára não permite a interveniência de morfologia verbal entre o causativo  $\{mu-\}$  e a raiz  $\sqrt{\quad}$ ; na seção 5.3, justifico o porquê do complemento do morfema  $\{mu-\}$  não ser modificado por advérbios orientados para agente; na seção 5.4, explico o motivo da agramaticalidade das construções causativas, quando um morfema aplicativo alto intervém entre  $\{mu-\}$  e a raiz  $\sqrt{\quad}$ ; na seção 5.5, explano acerca da impossibilidade de causativização, por meio do morfema  $\{mu-\}$ , de bases transitivas e inergativas; na seção 5.6, esclareço que, em contexto de causativização por intermédio de  $\{mu-\}$ , o evento causado não pode ser negado ou contestado; por fim, na seção 5.7, apresento o resumo do capítulo.

### **5.1. Modificação de $vP$ abaixo de $v^0_{\text{CAUSE}}$**

Para Pylkkänen (2002, 2008), em construções causativas, o evento causado só pode ser modificado por advérbio orientado para  $vP$ , se e somente se, o complemento de  $v^0_{\text{CAUSE}}$  for um  $vP$  (sem argumento externo) ou um  $vP$  fásico. Visto que nossa proposta se sustenta no fato de que o morfema  $\{mu-\}$

seleciona como complemento uma raiz  $\sqrt{\quad}$ , os advérbios orientados para  $vP$  só podem ter escopo sobre a projeção  $vP_{\text{CAUSE}}$ , conforme a estrutura abaixo:



Note que, uma vez que o núcleo  $v^{\circ}_{\text{CAUSE}}$  seleciona uma raiz  $\sqrt{\quad}$  como seu complemento, é impossível que haja advérbios modificadores de  $vP$  com escopo abaixo de  $v^{\circ}_{\text{CAUSE}}$ . Logo, sentenças com o causativo direto  $\{mu-\}$  não serão ambíguas quanto ao uso desses advérbios. Nas próximas duas subseções, apresento dados que sustentam essa hipótese.

### 5.1.1. Advérbio de modo

O causativo  $\{mu-\}$  em Tenetehára tem um padrão de seleção diferente do causativo em Bemba, mais precisamente a hipótese que estou defendendo neste trabalho é a de que o núcleo  $v^{\circ}_{\text{CAUSE}}$  sempre seleciona uma raiz  $\sqrt{\quad}$ . Uma

evidência a favor desta hipótese é o escopo do advérbio *meweharupi*<sup>40</sup> ‘lentamente’, o qual tem a função de modificar um  $vP$ <sup>41</sup> (sem argumento externo agente).

(5a) *meweharupi*    *u-mu-ata*            *awa*            *kwarer*            *a'e*  
 lentamente        3-CAUS-andar        homem        menino        ele  
 “O homem FEZ o menino ANDAR LENTAMENTE” (falso se a ação do homem não for lenta)

(5b) *u-mu-ata*            *awa*            *kwarer*            *meweharupi*            *a'e*  
 3-CAUS-andar        homem        menino        lentamente        ele  
 “O homem FEZ o menino ANDAR LENTAMENTE” (falso se a ação do homem não for lenta)

Note que esse advérbio não pode ter escopo apenas sobre o evento causado ‘o menino andou’, o qual é o complemento de  $v^0_{\text{CAUSE}}$ . Na verdade, o advérbio de modo em Tenetehára deve ter escopo sobre o evento da causação (i.e. ação executada pelo DP *awa* ‘o homem’), o qual incide diretamente sobre o evento causado. O evento descrito acima não é uma situação na qual o menino seja levado pelo homem a realizar a ação independente; ao contrário, a ação do

<sup>40</sup> O advérbio *meweharupi* ‘lentamente’ possui a seguinte derivação morfológica:

(i) *mewe-ha(w)*        *r-upi*  
 lento-NOML        C-com  
 “lentamente”

<sup>41</sup> A fim de demonstrar que o advérbio *meweharupi* ‘lentamente’ de fato tem escopo sobre um  $vP$ , o qual não introduz argumento externo agente, veja que, no exemplo abaixo, o único argumento da predicação é o DP *ka'a* ‘folha’, o qual não é introduzido pelo núcleo de VoiceP, uma vez que não exerce a função semântica de agente.

(i) *meweharupi*        *u-'ar*        *ka'a*        *wà*  
 lentamente        3-cair        folha        PL  
 “As folhas caíram lentamente”

menino está totalmente vinculada à ação do homem (i.e. causativo direto). Dessa forma, a sentença (5) é falsa se o advérbio não se referir à ação do homem sobre o menino.

Semelhantemente ao que ocorre em (5), no exemplo (6) abaixo, o advérbio *na'aritykahy* 'rapidamente' também não pode ter escopo sobre o evento causado, mas sim sobre o evento realizado pelo DP sujeito.

(6a) *na'aritykahy*    *u-mu-zerew*            *awa*            *zawar*            *a'e*  
 rapidamente    3-CAUS-deitar.se    homem    cachorro    ele  
 “O homem DEITOU o cachorro RAPIDAMENTE” (falso se a ação do homem não for rápida)

(6b) *u-mu-zerew*            *awa*            *zawar*            *na'aritykahy*            *a'e*  
 3-CAUS-deitar.se    homem    cachorro    rapidamente    ele  
 “O homem DEITOU o cachorro RAPIDAMENTE” (falso se a ação do homem não for rápida)

Note que, em (6), o advérbio *na'aritykahy* 'rapidamente' não pode ter escopo sobre o evento causado (i.e. sobre o evento 'o cachorro deitou'), uma vez que  $v^o_{CAUSE}$  seleciona uma raiz  $\sqrt{\quad}$  e não um  $vP$ . Esse advérbio de modo tem escopo sobre todo o evento, inclusive sobre a ação do homem. Mais precisamente, o evento descrito em (6) não é uma situação na qual o cachorro seja impelido pelo homem a realizar a ação independentemente da do homem.

Note que a sentença (6) é falsa se o advérbio não se referir ao evento desencadeado pelo DP *awa* 'o homem'. Se o causativo {*mu-*} selecionasse um

vP, seria totalmente possível que o advérbio *na'aritykahy* ‘rapidamente’ tivesse escopo apenas sobre o evento causado, situação impossível em Tenetehára.

Portanto, essa é uma evidência de que o núcleo  $v^0_{\text{CAUSE}}$ , quando instanciado pelo morfema {*mu-*}, não seleciona um vP nem um vP fásico. Se assim fosse, seria totalmente possível distinguir uma interpretação semântica em que os advérbios *meweharupi* ‘lentamente’ e *na'aritykahy* ‘rapidamente’ tivessem escopo apenas sobre o complemento de  $v^0_{\text{CAUSE}}$  (i.e. evento causado). Como foi visto, tal interpretação semântica não é possível.

### 5.1.2. Advérbio de lugar

Assim como os advérbios de modo, os advérbios de lugar também não têm escopo sobre raiz  $\sqrt{\quad}$ , mas sim sobre vPs<sup>42</sup>. Veja que, no exemplo a seguir, o advérbio de lugar em Tenetehára deve ter escopo sobre todo o evento, inclusive sobre o evento da causação, o qual é engatilhado pelo DP *awa* ‘o homem’.

- (7) *u-mu-kuhem*      *awa*      *kwarer*      *ka'a*       $\emptyset$ -*pe*      *a'e*  
 3-CAUS-gemer      homem      menino      mata      C-em      ele  
 “O homem ASSUSTOU o menino NA MATA” (falso se o homem não estiver na mata com o menino)

<sup>42</sup> Veja que, no exemplo abaixo, o advérbio de lugar *ka'a pe* ‘pela mata’ tem escopo sobre um vP, o qual não introduz argumento externo agente. Dessa forma, veja que os advérbios de modo em Tenetehára tem escopo sobre vP e não sobre vP fásico.

- (i) *u-pyta*      *temi'u*      *tàpuz*       $\emptyset$ -*me*      *a'e*  
 3-ficar      comida      casa      C-em      ela  
 “O alimento ficou na casa”

Para uma melhor compreensão do exemplo (7), observe que, em termos pragmáticos, o homem e o menino estavam andando pela mata, quando de repente o homem o assusta (i.e. causativo direto). Assim, essa sentença é falsa se o advérbio não tiver como escopo a ação do homem sobre o menino. Isto mostra que o causativo {*mu-*} em Tenetehára não seleciona como complemento um *vP* ou *vP* fásico, mas sim uma raiz  $\sqrt{\quad}$ .

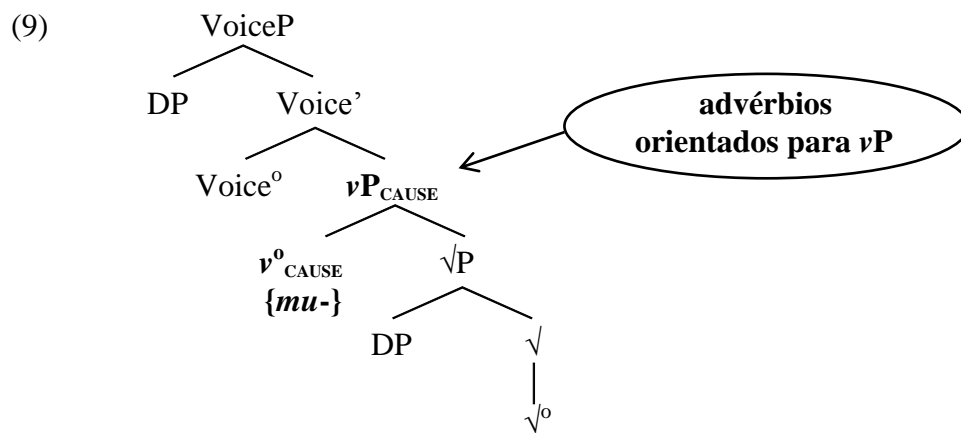
Adicionalmente, no exemplo (8), o advérbio de lugar *yrykaw pe* ‘no riacho’ também não pode ter escopo apenas sobre o evento causado, mas sim sobre evento da causação, o que opera diretamente sobre o evento causado.

- (8) *u-mu-’ytaw*      *awa*      *kwarer*      *yrykaw*      *ø-pe*      *a’e*  
 3-CAUS-nadar      homem      menino      riacho      C-em      ele  
 “O homem FEZ o menino NADAR NO RIACHO” (falso se o homem não estiver no riacho com o menino)

A estrutura bieventiva acima não é uma situação na qual o menino seja levado pelo homem a realizar a ação de nadar de forma independente. Ao contrário, as ações do sujeito agente (causador) tem impacto imediato sobre o participante causado (i.e. o DP *kwarer* ‘o menino’). Em termos pragmáticos, a predicação em (8) significa: o homem segura o menino com as mãos e faz com que ele nade (neste contexto, o menino é necessariamente incapaz de nadar ou não sabe nadar).



Com essas considerações, concluo, portanto, que os advérbios de modo e de lugar agregam um forte argumento a favor da hipótese de que o morfema causativo {*mu-*} realmente seleciona como complemento uma raiz  $\sqrt{\quad}$ , conforme a estrutura configuracional repetida abaixo:

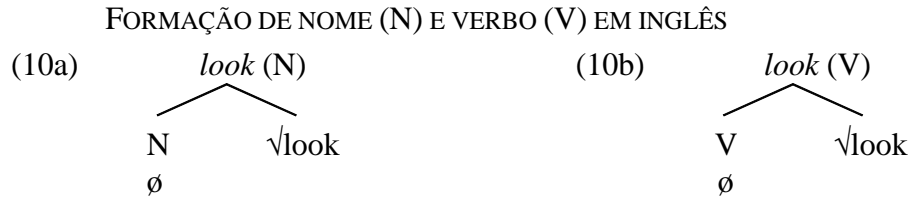


Na próxima seção, apresento outro diagnóstico a favor da hipótese delineada neste capítulo.

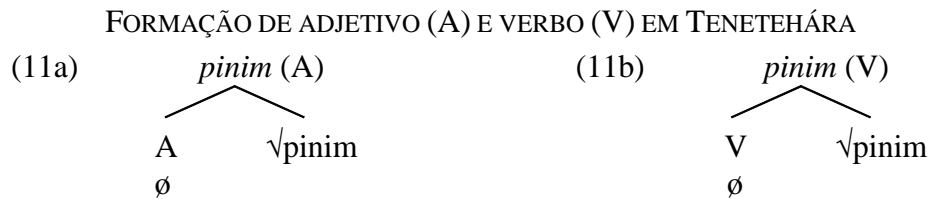
## 5.2. Morfologia verbal entre $v^{\circ}_{CAUSE}$ e a raiz $\sqrt{\quad}$

Segundo Pykkänen (2002, 2008), o que entra na sintaxe são (i) raízes categoricamente neutras e (ii) núcleos funcionais categoricamente definidos (por exemplo: V deriva verbos, N produz nomes, A gera adjetivos, etc). Desse modo, segundo a autora, o nome *look* “o olhar” e o verbo *look* “olhar”, em inglês, são tratados da seguinte maneira: há apenas uma raiz  $\sqrt{\quad}$ , mas dois

núcleos funcionais distintos, a saber: N e V, respectivamente. Constatase que nas estruturas em (10), retiradas de Pylkkänen (2002, p. 94), os núcleos funcionais em inglês são fonologicamente indistinguíveis (= nulos { $\emptyset$ }).



Os dados colhidos até o momento demonstram que um padrão semelhante também ocorre na língua Tenetehára. Note que, no exemplo abaixo, há apenas uma raiz  $\sqrt{\quad}$ , a saber: *pinim*, que significa ‘pintado’. Essa raiz  $\sqrt{\quad}$  pode ser selecionada por dois núcleos funcionais não realizados fonologicamente. Mais precisamente, essa seleção gera o adjetivo *pinim* ‘pintado’ em (11a) e o verbo *pinim* ‘ser pintado’ em (11b).



O que me permite propor e fundamentar o contraste das configurações em (11) são os dados abaixo. Veja que, em (12a), temos a raiz *pinim* ‘pintado’

atuando como um adjetivo, enquanto, em (12b), essa mesma raiz  $\sqrt{\text{funde-se}}$  a um núcleo de natureza verbal.

ADJETIVO (A) EM TENETEHÁRA

- (12a) *zàwàruhu pinim*  
onça pintado  
“Onça pintada”

VERBO DESCRITIVO (V) EM TENETEHÁRA

- (12b) *zàwàruhu i-pinim*  
onça 3-pintado  
“A onça é pintada”

Vale ressaltar que o prefixo {*i-*} em (12b) não é a realização morfológica de um verbalizador na língua, mas equivale ao prefixo de pessoa que sinaliza a concordância do verbo com o sujeito da sentença. Note que esse prefixo de concordância não é engatilhado no exemplo (12a), uma vez que esse núcleo não é um verbo deadjetival, mas sim um núcleo adjetival.

Apesar de não existir morfologia de verbalização em Tenetehára que possa detectar se é possível ou não haver morfologia entre o núcleo  $v^{\circ}_{\text{CAUSE}}$  e a raiz  $\sqrt{\text{funde-se}}$ , temos de averiguar se outros morfemas verbais podem intervir entre esses dois núcleos.

Os dados colhidos até o momento apontam para o fato de que o morfema reflexivo {*ze-*}, por exemplo, deve figurar antes do núcleo causativo {*mu-*} e da raiz  $\sqrt{\text{funde-se}}$ , conforme os dados a seguir:

- (13a) *i-pinim*      *kwarer*      *zany paw*       $\emptyset$ -*pupe*      *a'e*  
 3-pintado      menino      jenipapo      C-com      ele  
 “O menino está pintado com jenipapo”
- (13b) *u-mu-pinim*      *awa*      *kwarer*      *zany paw*       $\emptyset$ -*pupe*      *a'e*  
 3-CAUS-pintado      homem      menino      jenipapo      C-com      ele  
 “O homem pintou o menino com jenipapo”
- (13c) *u-ze-mu-pinim*      *awa*      *zany paw*       $\emptyset$ -*pupe*      *a'e*  
 3-REFL-CAUS-pintado      homem      jenipapo      C-com      ele  
 “O homem se pintou com jenipapo”

Caso o morfema reflexivo {ze-} intervenha entre o morfema causativo {mu-} e a raiz *pinim* ‘pintado’, a sentença torna-se agramatical, conforme se vê pelo exemplo (14) abaixo.

- (14) \**u-mu-ze-pinim*      *kwarer*      *zany paw*       $\emptyset$ -*pupe*      *a'e*  
 3-CAUS-REFL-pintado      menino      jenipapo      C-com      ele

A agramaticalidade de (14) acima sinaliza para o fato de que o único ordenamento possível é aquele em que o morfema causativo figure sempre após o morfema reflexivo e mais próximo à raiz, nunca o contrário. A mesma situação se observa com o verbo *zuka* ‘matar’, já que o reflexivo {ze-} não pode intervir entre o prefixo causativo {mu-} e a raiz  $\sqrt{\text{ }}$ . Se isso ocorrer, o resultado é uma sentença agramatical, como em (15c).

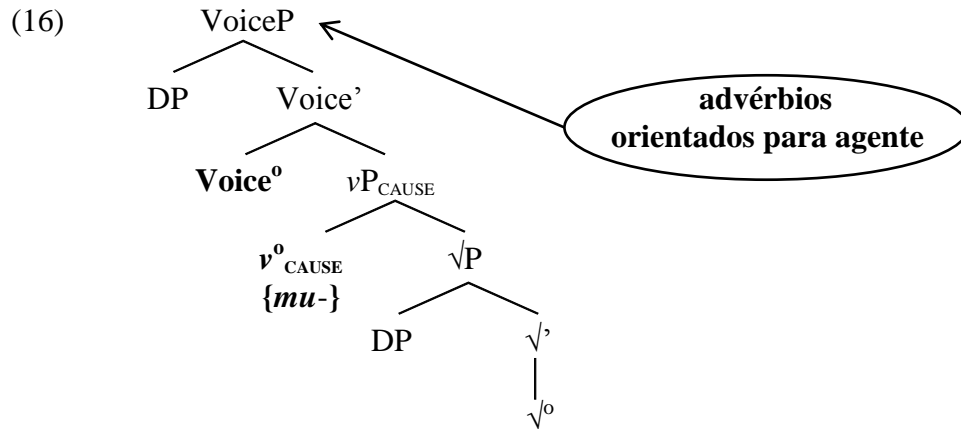
- (15a) *u-zuka*      *kuzà*      *zapukaz*      *a'e*  
 3-matar      mulher      galinha      ela  
 “A mulher matou a galinha”
- (15b) *u-ze-zuka*      *kuzà*      *a'e*  
 3-REFL-matar      mulher      ela  
 “A mulher se matou”
- (15c) \**u-mu-ze-zuka*      *kuzà*      (*awa*      ( $\emptyset$ -*pe*))      *a'e*  
 3-CAUS-REFL-matar      mulher      homem      C-por      ela

Em suma, as restrições de ordenamento dos afixos reflexivo e causativo favorece a proposta de que o morfema {*mu-*} realmente seleciona apenas uma raiz  $\surd$ . Na seção seguinte, forneço mais evidências a favor dessa hipótese.

### 5.3. Modificação orientada para agente abaixo de $v^0_{\text{CAUSE}}$

De acordo com Pylkkänen (2002, 2008), a modificação de evento causado por meio de advérbios orientados para agente somente é possível em contexto no qual o núcleo  $v^0_{\text{CAUSE}}$  seleciona  $v\text{P}$  fásico, uma vez que esse complemento contém um argumento externo agente. Estruturas desse tipo permitem uma leitura ambígua, já que há duas posições sintáticas capazes de receber modificadores orientados para agente: o VoiceP mais alto e o VoiceP mais baixo. Já nos contextos em que  $v^0_{\text{CAUSE}}$  seleciona uma raiz  $\surd$ , é impossível haver ambiguidade, visto que modificadores adverbiais orientados para agente podem manter escopo apenas sobre o argumento introduzido por Voice<sup>0</sup>, o qual é projetado acima

$v^0_{\text{CAUSE}}$ . Neste tipo de estrutura, o complemento de  $v^0_{\text{CAUSE}}$  (i.e. o evento causado) não projeta argumento externo agente. Assim, não há como advérbios orientados para agente se adjunjam a  $\sqrt{\text{P}}$ , conforme demonstra a configuração a seguir:



Línguas cujo núcleo  $v^0_{\text{CAUSE}}$  seleciona um  $v\text{P}$  ou uma raiz  $\sqrt{\text{P}}$  só podem exibir ambiguidade caso o modificador seja orientado, respectivamente, para  $v\text{P}$ , como em (17), retirado de Pylkkänen (2002, p. 106), ou orientado para raiz  $\sqrt{\text{P}}$ , como em (18), extraído de Pylkkänen (2002, p. 101).

FINLANDÊS: O NÚCLEO  $v^0_{\text{CAUSE}}$  SELECIONA UM  $v\text{P}$

(17) *opettaja laula-tti kuoro-a kauniisti*  
 professor cantar-CAUS coro-PART lindamente  
 “O professor fez o coro CANTAR LINDAMENTE” (a ação do professor não precisa ser linda)

INGLÊS: O NÚCLEO  $v^0_{\text{CAUSE}}$  SELECIONA UMA RAIZ  $\sqrt{\text{P}}$

(18a) *John partly closed the door*  
 (18b) *Roger half filled the glass*  
 (18c) *Nicolas mostly filled the glass* (TENNY, 2000, p. 304)

Os dados do Tenetehára demonstram que o prefixo causativo {*mu-*} seleciona apenas raiz  $\sqrt{\quad}$ , como no inglês em (18) acima. Assim, o advérbio orientado para agente *hameteharomo*<sup>43</sup> ‘com dedicação’ não pode ter escopo sobre o argumento do evento causado, mas somente sobre o argumento introduzido pelo núcleo VoiceP, acima de  $v^0_{\text{CAUSE}}$ . Isso fica particularmente instanciado pelas interpretações apuradas em (i) e (ii) abaixo.

- (19a) *hameteharomo*    *u-mu-zahak*            *kuzà*        *kwarer*        *a’e*  
 com.dedicação    3-CAUS-banhar.se    mulher    menino    ela  
 (i) “A MULHER COM DEDICAÇÃO banhou o menino” (falso se a mulher não tiver dedicação em banhar o menino)  
 (ii) \* “A mulher banhou O MENINO COM DEDICAÇÃO”
- (19b) *u-mu-zahak*            *kuzà*        *kwarer*        *hameteharomo*    *a’e*  
 3-CAUS-banhar.se    mulher    menino    com.dedicação    ela  
 (i) “A MULHER COM DEDICAÇÃO banhou o menino” (falso se a mulher não tiver dedicação em banhar o menino)  
 (ii) \* “A mulher banhou O MENINO COM DEDICAÇÃO”

Nos exemplos em (19), o advérbio *hameteharomo* tem como referência o argumento externo *kuzà* ‘a mulher’, projetado acima de  $v^0_{\text{CAUSE}}$ , conforme a interpretação em (i). Caso esse advérbio tenha referência sobre o argumento interno, o qual é projetado abaixo de  $v^0_{\text{CAUSE}}$  (i.e. evento causado), a sentença torna-se agramatical, conforme a leitura em (ii). Enfim, o fato de a interpretação

---

<sup>43</sup> O advérbio *hameteharomo* ‘com dedicação’ possui a seguinte derivação morfológica:

(i)    *hamete-ha(r)*    *romo*  
 verdade-NOML    ASSOC  
 “de verdade / com dedicação”

em (ii) não ser possível constitui um forte argumento adicional a favor da hipótese de que o morfema causativo {*mu-*} realmente não seleciona como complemento um *vP* fásico. Mas especificamente, não há a projeção de um argumento externo agente abaixo do morfema causativo {*mu-*}.

A subseção seguinte fornece outro diagnóstico de que o morfema {*mu-*} seleciona exclusivamente uma raiz  $\sqrt{\quad}$ , a saber: não pode haver morfologia de aplicativo alto entre o morfema causativo e a raiz  $\sqrt{\quad}$ .

#### 5.4. Morfologia de aplicativo alto entre $v^0_{\text{CAUSE}}$ e a raiz $\sqrt{\quad}$

Conforme Pylkkänen (2002, 2008), línguas que possuem um núcleo  $v^0_{\text{CAUSE}}$  capaz de selecionar *vP* fásico permitem a realização de morfologia de aplicativo alto entre  $v^0_{\text{CAUSE}}$  e a raiz  $\sqrt{\quad}$ . Isso se confirma em línguas como Venda e Luganda, uma vez que o morfema aplicativo pode intervir entre o núcleo causativo e a raiz  $\sqrt{\quad}$ , como pode ser notado nos exemplos abaixo, extraídos de Pylkkänen (2002, p. 108).

LUGANDA

- (20) *-tshimbila-e-dz-a*  
andar-APPL-CAUS-RADIC  
“fazer [andar por]”

VENDA

- (21) *-tambul-i-z-a*  
andar-APPL-CAUS-RADIC  
“fazer [andar por]”



Contudo, quando o núcleo  $v^{\circ}_{\text{CAUSE}}$  seleciona apenas uma raiz  $\sqrt{\quad}$ , não pode haver uma situação em que morfemas de aplicativo alto intervenham entre o núcleo causativo e a raiz  $\sqrt{\quad}$ . Essa restrição se confirma em Tenetehára, já que o morfema aplicativo alto {*eru-*} de fato não pode figurar entre  $v^{\circ}_{\text{CAUSE}}$ , o qual é instanciado pelo morfema {*mu-*}, e a raiz  $\sqrt{\quad}$ , conforme atesta a agramaticalidade dos exemplos em (c) abaixo.

- |       |                                    |            |                 |                              |                         |            |
|-------|------------------------------------|------------|-----------------|------------------------------|-------------------------|------------|
| (22a) | <i>u-mu-ata</i>                    | <i>awa</i> | <i>kwarer</i>   | <i>a'e</i>                   |                         |            |
|       | 3-CAUS-andar                       | homem      | menino          | ele                          |                         |            |
|       | “O homem fez o menino andar”       |            |                 |                              |                         |            |
|       |                                    |            |                 |                              |                         |            |
| (22b) | <i>w-eru-ata</i>                   | <i>awa</i> | <i>kwarer</i>   | <i>a'e</i>                   |                         |            |
|       | 3-APPL-andar                       | homem      | menino          | ele                          |                         |            |
|       | “O homem anda com o menino”        |            |                 |                              |                         |            |
|       |                                    |            |                 |                              |                         |            |
| (22c) | * <i>u-mu-eru-ata</i>              | <i>awa</i> | ( <i>kwarer</i> | ( $\emptyset$ - <i>pe</i> )) | <i>a'e</i>              |            |
|       | 3-CAUS-APPL-andar                  | homem      | menino          | C-por                        | ele                     |            |
|       |                                    |            |                 |                              |                         |            |
| (23a) | <i>u-mu-hem</i>                    | <i>awa</i> | <i>kwarer</i>   | <i>tàpuz</i>                 | $\emptyset$ - <i>wi</i> | <i>a'e</i> |
|       | 3-CAUS-sair                        | homem      | menino          | casa                         | C-de                    | ele        |
|       | “O homem tirou o menino da casa”   |            |                 |                              |                         |            |
|       |                                    |            |                 |                              |                         |            |
| (23b) | <i>w-eru-hem</i>                   | <i>awa</i> | <i>kwarer</i>   | <i>tàpuz</i>                 | $\emptyset$ - <i>wi</i> | <i>a'e</i> |
|       | 3-APPL-sair                        | homem      | menino          | casa                         | C-de                    | ele        |
|       | “O homem sai da casa com o menino” |            |                 |                              |                         |            |
|       |                                    |            |                 |                              |                         |            |
| (23c) | * <i>u-mu-eru-hem</i>              | <i>awa</i> | ( <i>kwarer</i> | ( $\emptyset$ - <i>pe</i> )) | <i>a'e</i>              |            |
|       | 3-CAUS-APPL-sair                   | homem      | menino          | C-por                        | ele                     |            |

Se o morfema {*mu-*} selecionasse como complemento um  $vP$  fásico, dados como (22c) e (23c) seriam gramaticais na língua. Todavia, não é o que

pode ser visto acima. Diante disso, a impossibilidade do morfema aplicativo {*eru-*} intervir entre o morfema causativo {*mu-*} a raiz  $\sqrt{\text{ }}$  serve como diagnóstico a favor da hipótese de que o núcleo  $v^{\circ}_{\text{CAUSE}}$  não seleciona como complemento um  $v\text{P}$  fásico.

### 5.5. Causativização de verbos transitivos e inergativos

O morfema causativo {*mu-*}, em Tenetehára, é incapaz de afixar-se a bases que sejam estruturalmente transitivas ou inergativas, uma vez que estas duas configurações projetam argumento externo agente, o qual é licenciado pelo núcleo de VoiceP. Veja a causativização de um verbo transitivo a seguir:

- (24a) *u-zuka*      *kuzà*      *zapukaz*      *a'e*  
 3-matar      mulher      galinha      ela  
 “A mulher matou a galinha”
- (24b) \**u-mu-zuka*      *awa*      *zapukaz*      *kuzà*      *ø-pe*      *a'e*  
 3-CAUS-matar      homem      galinha      mulher      C-por      ele  
 “O homem fez a mulher matar a galinha”

Note que, em (24a), o verbo *zuka* ‘matar’ projeta dois argumentos nucleares: o DP agente *kuzà* ‘mulher’, cuja função é a de sujeito, e o DP *zapukaz* ‘galinha’ que figura na posição sintática de objeto. Em (24b), todavia, o dado se torna agramatical, visto que o prefixo {*mu-*} não pode causativizar estruturas que projetem argumento externo agente.

Para que o verbo *zuka* ‘matar’ seja causativizado, é necessário que a base transitiva *zuka* receba o morfema causativo  $\{-(u)kar\}$  e não o morfema  $\{mu-\}$ , conforme o exemplo abaixo:

- (24c) *u-zuka-kar*      *awa*      *zapukaz*      *kuzà*       $\emptyset$ -*pe*      *a’e*  
 3-matar-CAUS      homem      galinha      mulher      C-por      ele  
 “O homem fez a mulher matar a galinha”

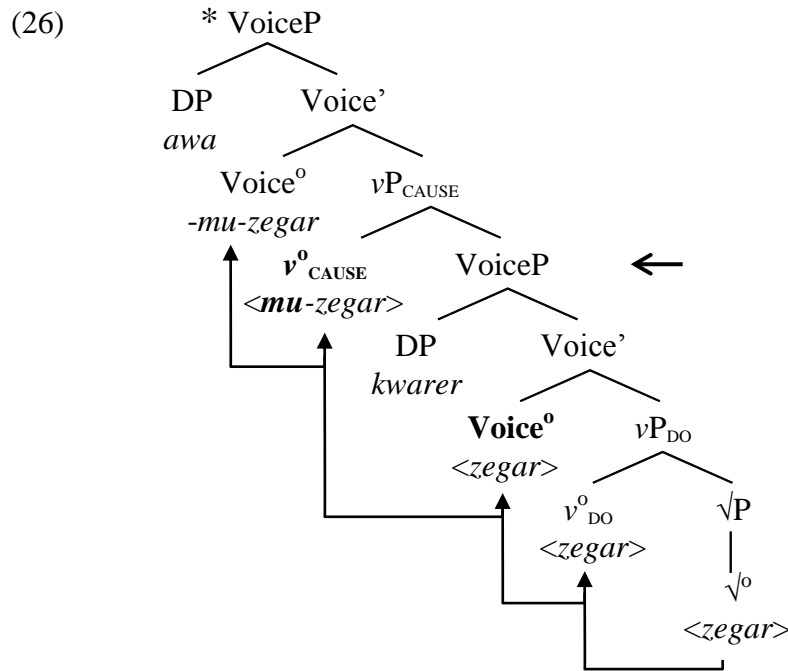
Paralelamente ao que ocorre com os verbos transitivos, os verbos estritamente inergativos também não podem ser causativizados com o morfema causativo  $\{mu-\}$ , conforme o exemplo abaixo:

- (25a) *u-zegar*      *kwarer*      *a’e*  
 3-cantar      menino      ele  
 “O menino cantou”

- (25b) \**u-mu-zegar*      *awa*      *kwarer*      *a’e*  
 3-CAUS-cantar      homem      menino      ele  
 “O homem fez o menino cantar”

Observe que o verbo *zegar* ‘cantar’, em (25a), o qual projeta o DP agente *kwarer* ‘o menino’, argumento que exerce a função sintática de sujeito, não pode receber o morfema causativo  $\{mu-\}$ , como em (25b). Mais precisamente, verbos inergativos tais como *zegar* ‘cantar’ obstam a causativização direta, já que as ações de um suposto DP agente (causador) não pode ter impacto imediato sobre o evento causado. Note que, na estrutura configuracional abaixo, o evento causado

(i.e. o complemento de  $v^0_{\text{CAUSE}}$ ) possui na sua configuração interna a projeção de VoiceP, cuja função é introduzir um argumento agente. O fato de esse verbo inergativo projetar tal argumento agente inviabiliza a causativização por meio do morfema {*mu-*}. Assim, esse processo não converge.



Para que o verbo *zegar* ‘cantar’ seja causativizado, é necessário que a base inergativa seja inicialmente transitivizada pelo causativo {*mu-*}, só depois é possível a causativização do verbo transitivo *mu-zegar* pelo morfema causativo {-(*u*)kar}. Vale ressaltar que o sufixo {-(*u*)kar} tem a função de causativizar um evento de forma indireta, conforme mostra o exemplo a seguir:

- (25c) *u-mu-zegar-kar*                      *awa*                      *kwarer*                      *a'e*  
 3-CAUS-cantar-CAUS                      homem                      menino                      ele  
 “O homem fez o menino cantar”

O curioso é que, como foi mostrado na seção 2.3.1.1, alguns verbos inergativos em Tenetehára podem ser causativizados pelo morfema {*mu-*}, o que, sem a análise que será desenvolvida nas próximas linhas, contraria a análise acima. Veja os exemplos repetidos abaixo:

- (27a) *w-ata*                      *kwarer*                      *a'e*  
 3-andar                      menino                      ele  
 “O menino andou”

- (27b) *u-mu-ata*                      *awa*                      *kwarer*                      *a'e*  
 3-CAUS-andar                      homem                      menino                      ele  
 “O homem fez o menino andar”

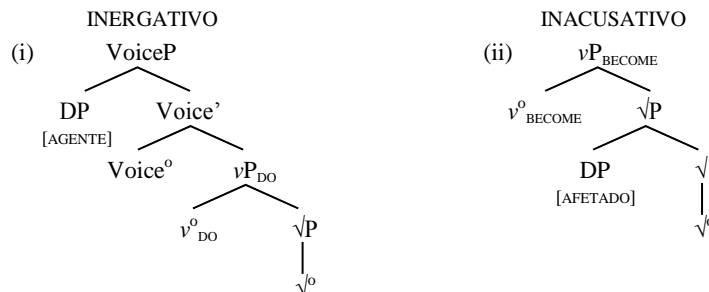
- (28a) *u-zahak*                      *kwarer*                      *a'e*  
 3-banhar                      menino                      ele  
 “O menino tomou banho”

- (28b) *u-mu-zahak*                      *kuzà*                      *kwarer*                      *a'e*  
 3-CAUS-banhar                      mulher                      menino                      ela  
 “A mulher banhou o menino”

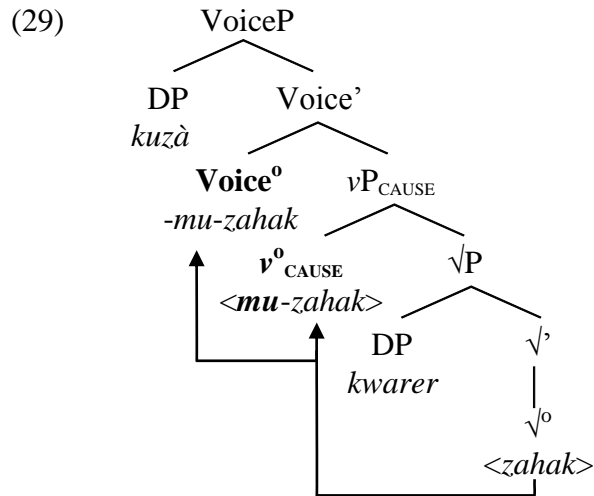
Veja que, em (27a) e (28a), há dois verbos inergativos, *ata* ‘andar’ e *zahak* ‘banhar’, os quais introduzem o DP sujeito *kwarer* ‘o menino’ com a função semântica de agente. No entanto, quando examinamos criteriosamente esse sujeito, o qual passa a exercer a função de objeto em (27b) e (28b), notamos que esse DP deixa de assumir a função semântica de agente, como em

(a), para receber a propriedade de afetado, como nas sentenças em (b). Mais especificamente, o DP *kwarer* ‘o menino’, em (27a) e (28a), recebe a propriedade semântica de agente, enquanto, em (27b) e (28b), recebe a função semântica de afetado. Tal fato demonstra que esses argumentos nos exemplos em (b), na verdade, não são introduzidos pelo núcleo de VoiceP, como ocorre em (a). Defendo que, apesar de os exemplos acima serem de verbos inergativos, quando são causativizados, eles se comportam sintaticamente como verbos inacusativos<sup>44</sup>, conforme a derivação do exemplo (28b) a seguir:

<sup>44</sup> Com base nos trabalhos de Hale & Keyser (1993, 2002), Pylkkänen (2002, 2008), Harley (1995, 2008) e Kratzer (1994, 1996), proponho que os verbos inergativos e inacusativos tenham as seguintes estruturas configuracionais:



Assumo que a raiz do verbo inergativo em (i) não projeta argumento interno. Ademais, essa raiz, ao se incorporar no núcleo  $v^{\circ}_{DO}$ , permite que VoiceP seja projetado a fim de introduzir o argumento externo agente. Veja que essa análise incorpora essencialmente as propostas de Hale & Keyser (1993), segundo a qual os verbos inergativos são formados a partir da incorporação de uma raiz nominal ao núcleo verbal, e de Kratzer (1994, 1996), segundo a qual o argumento externo agente, por não pertencer a grade temática do verbo, deve ser introduzido por um núcleo independente de vP, a saber: VoiceP. Por sua vez, adoto a estrutura (ii), retirada de Harley (2008, p. 39), como a configuração dos verbos inacusativos. Note que essa raiz inacusativa pode projetar um argumento interno com a função semântica de afetado (ou objeto estativo). Além disso, essa raiz se incorpora ao núcleo  $v^{\circ}_{BECOME}$ , o qual foi proposto por Harley (1995) e Marantz (1997), a fim de diferenciar esse núcleo do núcleo causativo  $v^{\circ}_{CAUSE}$ . Segundo esses autores, esse núcleo está presente em construções incoativas, mas não projeta argumento externo. A meu ver,  $v^{\circ}_{BECOME}$  é o núcleo responsável pela denotação da forma incoativo-intransitivo, nos termos de Parsons (1990) e Hale & Keyser (1993).



Observe que, se compararmos a estrutura em (26) e (29), podemos notar que em (26) a raiz do verbo inergativo *zegar* ‘cantar’ é incapaz introduzir um argumento, razão pela qual essa raiz se incorpora ao núcleo  $v^{\circ}_{DO}$  e, posteriormente, projeta VoiceP, a fim de que um DP agente seja introduzido na estrutura argumental. A consequência direta é que o causativo {*mu-*} não pode causativizar esse tipo de estrutura. Na configuração em (29), por sua vez, o verbo inergativo *zahak* ‘banhar’, apesar de projetar um DP agente em (26), quando é causativizado, comporta-se com verbo inacusativo, uma vez que introduz um argumento interno com a função semântica de afetado.<sup>45</sup>

<sup>45</sup> Levanto como solução a hipótese de que os verbos inergativos em Tenetehará se subdividem em dois subgrupos, a saber: (i) os que podem ser causativizados com o morfema {*mu-*} e (ii) os que não podem ser causativizados com o morfema {*mu-*}. No primeiro caso, quando são submetidos ao processo de causativização, esses verbos se comportam necessariamente como verbos inacusativos, uma vez que seu argumento interno recebe o papel temático de afetado. No segundo caso, os verbos são incapazes de licenciar um argumento afetado, uma vez que a raiz dessa subclasse de verbos inergativos não introduz argumento interno. Diante desse contexto,

Portanto, tendo em vista a agramaticalidade dos exemplos em (24b) e (25b) acima, assumo que, parametricamente, o morfema {*mu-*} em Tenetehára não pode selecionar como complemento um *v*P fásico (i.e. um *v*P que introduz um argumento externo). Se o morfema {*mu-*} em Tenetehára fosse capaz de selecionar *v*P fásico, esperaríamos que dados como (24b) e (25b) fossem gramaticais, uma vez que o evento causado projetaria argumento externo agente. Situação impossível na língua em análise.

### 5.6. Negação do evento causado

Quando ocorre causativização por meio do morfema {*mu-*}, o evento causado não pode ser negado. A impossibilidade dessa negação demonstra que o argumento nuclear projetado abaixo de  $v^0_{\text{CAUSE}}$  não recebe as propriedades semânticas de agente. Isto é evidente, tendo em vista que esse DP não pode desencadear ou interromper o predicado causativizado. Assim, proponho, com base neste diagnóstico, que o morfema causativo {*mu-*} é incapaz de selecionar um complemento *v*P fásico que projete um argumento externo agente. Para fins de ilustração, note que a sentença (30) é contraditória, uma vez que não existe a possibilidade de o evento causado ser contestado.

---

postulo essas duas subclasses devido às propriedades da raiz, nos termos de Alexiadou (2001). Trabalhos futuros deverão investigar mais detalhadamente o processo de causativização desses verbos inergativos na língua Tenetehára.



- (30) \**u-mu-zahak*      *kuzà*      *kwarer*      *a'e*  
 3-CAUS-banhar.se      mulher      menino      ela
- n-u-zahak-kwaw*      *kwarer*      *a'e*  
 NEG-3-banhar.se-NEG      menino      ele
- \* “A mulher banhou o menino, mas o menino não tomou banho”

Caso o DP *kwarer* ‘o menino’ fosse capaz de iniciar ou interromper o evento causado em (30), esse argumento deveria ser introduzido pela projeção VoiceP. Entretanto, esse argumento não recebe as propriedades semânticas de agente, o que indica que ele não é um argumento externo, mas sim um argumento interno. Portanto, tendo em vista esse fato, o causativo {*mu-*} na sentença acima não seleciona um vP fásico.

Em termos semânticos, uma possível solução para a contradição em (30) seria acrescentar o sufixo desiderativo {-*wer*} à segunda sentença, conforme (31). Essa alteração, no entanto, não cria um ambiente sintático capaz de permitir a negação do evento causado. Ao contrário, reforça o fato de que o complemento de  $v^0_{\text{CAUSE}}$  não pode ser refutado.

- (31) *u-mu-zahak*      *kuzà*      *kwarer*      *a'e*  
 3-CAUS-banhar.se      mulher      menino      ela
- n-u-zahak-wer-kwaw*      *kwarer*      *a'e*  
 NEG-3-banhar.se-DESID-NEG      menino      ele
- “A mulher banhou o menino, mas o menino não queria tomar banho”  
 (falso se o menino não tomou banho)

## 5.7. Resumo do capítulo

Em suma, o inventário de diagnósticos apresentados acima serve como evidência a favor de que o morfema causativo {*mu-*} realmente seleciona como complemento apenas uma raiz  $\sqrt{\quad}$ , conforme a estrutura configuracional repetida a seguir:



Por fim, os argumentos que corroboram a proposta de configuração sintática acima são mostrados resumidamente no quadro a seguir:

**QUADRO 5**  
Diagnósticos para causativos que selecionam uma raiz  $\sqrt{\text{ }}$

<b>DIAGNÓSTICOS</b>	<b>SELEÇÃO DE RAIZ <math>\sqrt{\text{ }}</math></b>
a. Permite modificação adverbial de vP abaixo de $v^o_{\text{CAUSE}}$ ?	Não
b. Permite morfologia verbal intervindo entre $v^o_{\text{CAUSE}}$ e a raiz $\sqrt{\text{ }}$ ?	Não
c. Permite modificação adverbial orientada para agente abaixo de $v^o_{\text{CAUSE}}$ ?	Não
d. Permite morfologia de aplicativo alto entre $v^o_{\text{CAUSE}}$ e a raiz $\sqrt{\text{ }}$ ?	Não
e. Permite causativização de inergativos e transitivos?	Não
f. Permite a negação do evento causado?	Não

Fonte: adaptado de PYLKKÄNEN, 2002, 2008; SCHÄFER, 2008; BLANCO, 2011

## CAPÍTULO 6:

### ESTATUTO DO MORFEMA CAUSATIVO $\{-(u)kar\}$

Neste capítulo, busco motivar minha proposta de que o núcleo  $v^{\circ}_{\text{CAUSE}}$ , quando vem realizado por meio do sufixo causativo  $\{-(u)kar\}$ , deve selecionar como complemento  $v$ Ps fásicos. Pode-se afirmar que uma das principais propriedades de  $v$ Ps fásicos é o fato de se constituírem de uma estrutura argumental completa, incluindo um núcleo  $\text{Appl}^{\circ}$ , o qual introduz um argumento aplicado alto, ou um núcleo  $\text{Voice}^{\circ}$ , responsável por licenciar o argumento externo agente, conforme a estrutura abstrata abaixo:



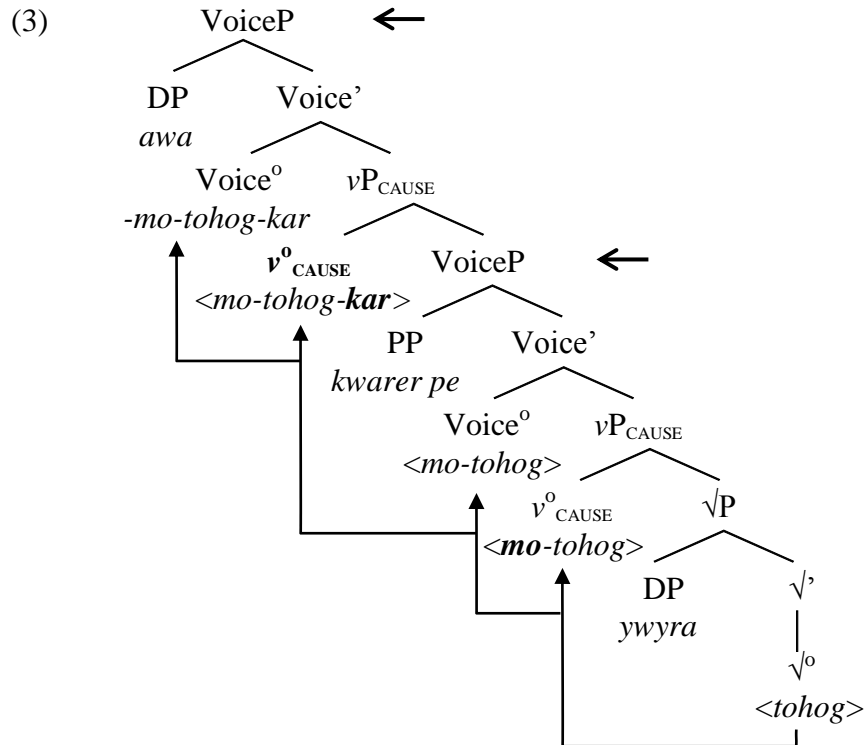
Veja que, na configuração acima, o morfema causativo  $\{- (u)kar\}$  seleciona como complemento um verbo transitivo causativo, uma vez que o evento causado é composto por uma estrutura que instancia, além do morfema causativo  $\{mu-\}$ , a projeção VoiceP, cuja função é introduzir um argumento externo agente (causador). De acordo com Pykkänen (2002, 2008), essa estrutura representa um  $v\text{P}$  fásico por causa da projeção de argumento externo

<sup>46</sup> A notação  $v^0_{(\text{CAUSE})}$ , na estrutura configuracional em (1), significa que o núcleo  $v^0$  pode ser de natureza causativa ou não. No caso dos verbos transitivos causativos, tais como *zuka* ‘matar’, *zuhaw* ‘quebrar’ e *kixi* ‘cortar’, o núcleo  $v^0_{\text{CAUSE}}$  é projetado, mesmo que não seja preenchido fonologicamente por meio do morfema causativo  $\{mu-\}$ . No caso dos verbos transitivos não causativos, tais como *exak* ‘ver’, *kwaw* ‘conhecer’ e *putar* ‘desejar’, o núcleo  $v^0_{\text{CAUSE}}$  não é projetado, uma vez que esses verbos não pertencem à classe de verbos causativos. Na verdade, construções desse tipo instanciam o núcleo  $v^0$ .

por meio de VoiceP. Essa estrutura em (1) fica particularmente representada pela causativização do verbo transitivo causativo no exemplo (2).

- (2a) *o-mo-tohog*            *kwarer*        *ywyrá*        *a'e*  
 3-CAUS-balançar    menino        árvore        ele  
 “O menino balançou a árvore”
- (2b) *o-mo-tohog-kar*        *awa*            *ywyrá*        *kwarer*    *ø-pe*        *a'e*  
 3-CAUS-balançar-CAUS    homem        árvore        menino    C-por        ele  
 “O homem fez o menino balançar a árvore”

Note que, no exemplo em (2a), o verbo transitivo causativo *motohog* ‘balançar’ seleciona o DP argumento externo *kwarer* ‘o menino’, na função sintática de sujeito, e o DP argumento interno *ywyrá* ‘a árvore’, na função de objeto. Veja que o DP sujeito em (2a) recebe a propriedade semântica de agente (causador). Contudo, após receber o morfema causativo  $\{- (u)kar\}$  em (2b), o verbo transitivo passa a projetar três argumentos. Esse processo implementa as seguintes mudanças: (i) O DP *awa* ‘o homem’ é inserido na posição de sujeito em (2b), com a função semântica de agente (causador); (ii) o sujeito em (2a) recebe a posposição *pe* ‘por’ em (2b), passando a exercer a função de agente-afetado; (iii) o DP objeto *zawar* ‘o cachorro’, por fim, mantém sua função sintática e semântica inalterada. A derivação da causativização do exemplo em (2b) pode ser vista na estrutura em (3) abaixo.



Nesta configuração, note que dois nódulos de VoiceP são projetados. O VoiceP mais baixo introduz o argumento externo *kwarer* 'o menino', o qual recebe a posposição *pe* 'por' como uma operação de Último Recurso, nos termos de Chomsky (1991). O objetivo dessa posposição é (i) garantir que a derivação atenda as condições do Princípio de Interpretação Plena<sup>47</sup> e (ii) permitir que esse DP receba Caso abstrato ao longo da derivação sintática.

<sup>47</sup> De acordo com Chomsky (1995), o Princípio de Interpretação Plena requer que todo elemento da Forma Fonética e da Forma Lógica receba uma interpretação apropriada. Mais precisamente, esse princípio fornece o critério que legitima as representações da Forma Fonética e da Forma Lógica, que só convergem se puderem receber uma interpretação externa à sintaxe por meio de regras universais.

O núcleo de VoiceP mais alto, por sua vez, introduz o argumento externo *awa* ‘o homem’, que exerce a função de agente (causador).

A hipótese, segundo a qual o núcleo  $v^{\circ}_{\text{CAUSE}}$ , quando vem realizado por meio do morfema causativo  $\{-(u)kar\}$ , seleciona sempre um  $vP$  fásico (que introduz um argumento externo ou um argumento aplicado), se fundamenta basicamente nos diagnósticos apresentados no quadro a seguir, os quais foram adaptados a partir dos trabalhos de Pylkkänen (2002, 2008), Schäfer (2008) e Blanco (2011).

**QUADRO 6**  
Diagnósticos para causativos que selecionam um  $vP$  fásico

DIAGNÓSTICOS	SELEÇÃO DE $vP$ FÁSICO
a. Permite modificação adverbial de $vP$ abaixo de $v^{\circ}_{\text{CAUSE}}$ ?	Sim
b. Permite morfologia verbal intervindo entre $v^{\circ}_{\text{CAUSE}}$ e a raiz $\sqrt{}$ ?	Sim
c. Permite modificação adverbial orientada para agente abaixo de $v^{\circ}_{\text{CAUSE}}$ ?	Sim
d. Permite morfologia de aplicativo alto entre $v^{\circ}_{\text{CAUSE}}$ e a raiz $\sqrt{}$ ?	Sim
e. Permite causativização de inergativos e transitivos?	Sim
f. Permite a negação do evento causado?	Sim

Fonte: adaptado de PYLKKÄNEN, 2002, 2008; SCHÄFER, 2008; BLANCO, 2011

O capítulo está organizado da seguinte forma: na seção 6.1, mostro que um advérbio orientado para  $vP$  pode modificar o complemento de  $v^{\circ}_{\text{CAUSE}}$ , quando esse núcleo é instanciado pelo morfema  $\{-(u)kar\}$ ; na seção 6.2,

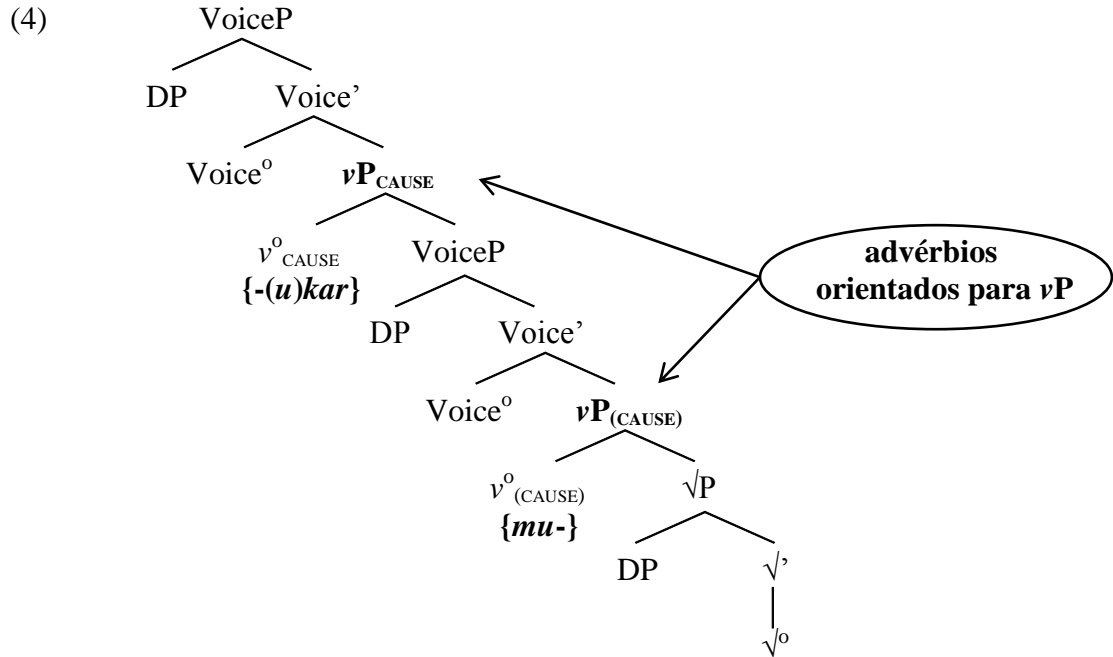


demonstro que a causativização em Tenetehára permite a interveniência de morfologia verbal entre o causativo  $\{- (u)kar\}$  e a raiz  $\sqrt{\quad}$ ; na seção 6.3, evidencio que o complemento do morfema  $\{- (u)kar\}$  é capaz de ser modificado por advérbios orientados para agente; na seção 6.4, explico o motivo da gramaticalidade das construções causativas quando um morfema aplicativo alto intervém entre  $\{- (u)kar\}$  e a raiz  $\sqrt{\quad}$ ; na seção 6.6, explano acerca da possibilidade de causativização de bases transitivas e inergativas; na seção 6.6, esclareço que, em contexto de causativização por meio de  $\{- (u)kar\}$ , o evento causado pode ser negado ou contestado; por fim, na seção 6.7, apresento o resumo do capítulo.

### **6.1. Modificação de $\nu P$ abaixo de $\nu^0_{CAUSE}$**

Conforme Pylkkänen (2002, 2008), a modificação de evento causado por meio de advérbios orientados para  $\nu P$  só é possível quando o complemento de  $\nu^0_{CAUSE}$  for um  $\nu P$  ou um  $\nu P$  fásico. A estrutura sintática abaixo ilustra a última ocorrência, a qual é a configuração que propomos para o Tenetehára:

POSIÇÕES DE MODIFICADORES DE  $\nu$ P



Uma vez que o núcleo  $v^{\circ}_{\text{CAUSE}}$ , o qual é instanciado pelo morfema causativo  $\{- (u)kar\}$ , seleciona um  $\nu$ P fásico como seu complemento, é possível que haja advérbios modificadores de  $\nu$ P com escopo abaixo desse núcleo. As próximas subseções discutem em detalhe esse contexto. Começemos então com advérbios de modo.

### 6.1.1. Advérbio de modo

Os advérbios de modo só têm escopo sobre  $\nu$ Ps, com ou sem argumento externo. Assim, observe que, no exemplo (5), o advérbio *meweharupi* ‘lentamente’ pode ter escopo sobre o evento introduzido por  $\{- (u)kar\}$ ,

conforme a interpretação (i), ou sobre o evento causado, conforme a interpretação (ii).

- (5) *meweharupi*                      *u-mihir-kar*                      *kuzà*                      *ka'i*  
lentamente                      3-assar-CAUS                      mulher                      macaco
- awa*                       $\emptyset$ -*pe*                      *a'e*  
homem                      C-por                      ela
- (i) “A mulher fez, lentamente, o homem assar o macaco”  
(ii) “A mulher fez o homem assar, lentamente, o macaco” (a ação da mulher não precisa ser lenta)

Note que a ambiguidade acima decorre do fato de o morfema causativo  $\{-(u)kar\}$  selecionar como complemento um  $vP$  fásico. Logo, é totalmente possível que um advérbio de modo possa ter escopo apenas sobre o  $vP$  mais alto ou unicamente sobre o  $vP$  baixo. Mais precisamente, na interpretação (i), o evento desencadeado pela mulher, o qual tem um impacto indireto sobre o evento causado, deve ser executado de forma lenta. Em termos pragmáticos, a mulher, por exemplo, pode executar lentamente uma ação que cause o homem assar o macaco (neste contexto, o homem pode inclusive executar rapidamente a ação). Por seu turno, na interpretação (ii), o advérbio *meweharupi*, por ter escopo sobre o evento causado, não faz referência ao evento da causação desencadeado pela mulher (i.e. o núcleo de  $vP_{CAUSE}$  não recebe modificação adverbial).

Veja que o significado (ii) do exemplo (5) acima é uma evidência de que, abaixo de  $v^0_{\text{CAUSE}}$ , o qual é preenchido por  $\{-(u)kar\}$ , há uma estrutura que aloca a projeção de  $vP$ , uma vez que o advérbio orientado para  $vP$  tem escopo sobre o evento causado.

No exemplo abaixo, o advérbio *na'aritykahy* ‘rapidamente’ possui a mesma distribuição apresentada acima, tendo em vista que pode ter escopo unicamente sobre o evento da causação, conforme a interpretação (i), ou apenas sobre o evento causado, segundo a interpretação (ii).

- (6) *na'aritykahy*                      *u-zuka-kar*                      *awa*                      *zapukaz*  
 rapidamente                      3-matar-CAUS                      homem                      galinha
- kuzà*                       $\emptyset$ -*pe*                      *a'e*  
 mulher                      C-por                      ele
- (i) “O homem fez, rapidamente, a mulher matar a galinha”  
 (ii) “O homem fez a mulher matar, rapidamente, a galinha” (a ação do homem não precisa ser rápida)

Devido aos dois possíveis escopos do advérbio *na'aritykahy* ‘rapidamente’, a sentença (6) é sintaticamente ambígua. Na leitura (i), o escopo do advérbio de modo incide sobre o evento da causação (i.e. sobre o evento desencadeado pelo homem e não sobre a ação da mulher). Na interpretação (ii), o advérbio *na'aritykahy* não tem escopo sobre a ação do homem. Neste contexto, a ação de matar a galinha deve ser executada pela mulher de forma rápida. Mostro, a seguir, a aplicação desse mesmo diagnóstico com os advérbios de lugar.

### 6.1.2. Advérbio de lugar

Assim como os advérbios de modo, os advérbios de lugar em Tenetehára também não têm escopo sobre a raiz  $\sqrt{\quad}$ , mas sim sobre  $\nu$ Ps. No exemplo (7) abaixo, o advérbio *tàpuz izywyr* ‘ao redor da casa (i.e. no quintal)’ deve ter escopo sobre o evento introduzido por  $\{-(u)kar\}$ , conforme a interpretação (i), ou sobre o evento causado, segundo a interpretação (ii).

- (7) *u-mihir-kar*                      *awa*                      *ka'i*  
 3-assar-CAUS                      homem                      macaco
- kuzà*                       $\emptyset$ -*pe*                      *tàpuz*  $\emptyset$ -*izywyr*                      *a'e*  
 mulher                      C-por                      casa                      C-ao.redor                      ele
- (i) “O homem fez, no quintal, a mulher assar o macaco”  
 (ii) “O homem fez a mulher assar, no quintal, o macaco” (o homem não precisa estar necessariamente no quintal)

A ambiguidade em (7) mostra que há duas posições sintáticas capazes de receber a adjunção do sintagma adverbial de lugar *tàpuz izywyr* ‘no quintal’. Quando o advérbio tem escopo sobre o evento da causação, introduzido pelo morfema causativo  $\{-(u)kar\}$ , a ação do agente (causador), o DP *awa* ‘o homem’, é modificada. Quando o advérbio tem escopo sobre o evento causado, a ação do DP *awa* ‘o homem’ não sofre qualquer modificação. Nesse sentido, o DP agente (causador) pode, inclusive, ter executado o evento da causação em lugar diferente daquele indicado pelo PP *tàpuz izywyr* ‘no quintal’.

Portanto, veja que o fato de as construções com o causativo  $\{-(u)kar\}$  permitirem que os advérbios orientados para  $vP$  gerem estruturas sintaticamente ambíguas evidencia, conforme (4), que há, pelo menos, dois  $vPs$  capazes de receber a adjunção do AdvP, a saber: (i) o  $vP_{CAUSE}$ , cujo núcleo é instanciado por  $\{-(u)kar\}$  e (ii) o  $vP_{(CAUSE)}$ <sup>48</sup> que pertence à estrutura do evento causado.

Na próxima seção, mostro que o processo de causativização com o morfema  $\{-(u)kar\}$  permite morfologia verbal entre o núcleo  $v^o_{CAUSE}$  e a raiz  $\surd$ .

## 6.2. Morfologia verbal entre $v^o_{CAUSE}$ e a raiz $\surd$

De acordo com Pylkkänen (2002, 2008), nas línguas em que  $v^o_{CAUSE}$  seleciona como complemento um  $vP$  fásico, não pode haver restrições quanto à ocorrência de morfologias verbais entre o causativo e a raiz  $\surd$ . Diferentemente do causativo  $\{mu-\}$ , o morfema  $\{-(u)kar\}$  permite sim morfologia verbal intervindo entre  $v^o_{CAUSE}$  e a raiz  $\surd$ . Tal evidência indica que o morfema  $\{-(u)kar\}$  não pode selecionar como complemento uma raiz  $\surd$ . Veja os exemplos abaixo:

(8a) *u-petek*      *awa*      *zawar*      *a'e*  
 3-bater      homem      cachorro      ele  
 “O homem bateu no cachorro”

(8b) *u-petek-kar*      *kuzà*      *zawar*      *awa*      *ø-pe*      *a'e*  
 3-bater-CAUS      mulher      cachorro      homem      C-por      ela  
 “A mulher fez o homem bater no cachorro”

<sup>48</sup> Ver nota 46, na página 154.

- (8c) *u-petek-wi-kar*      *kuzà*      *zawar*      *awa*      *ø-pe*      *a'e*  
 3-bater-ASPEC-CAUS      mulher      cachorro      homem      C-por      ela  
 “A mulher fez o homem bater novamente no cachorro”

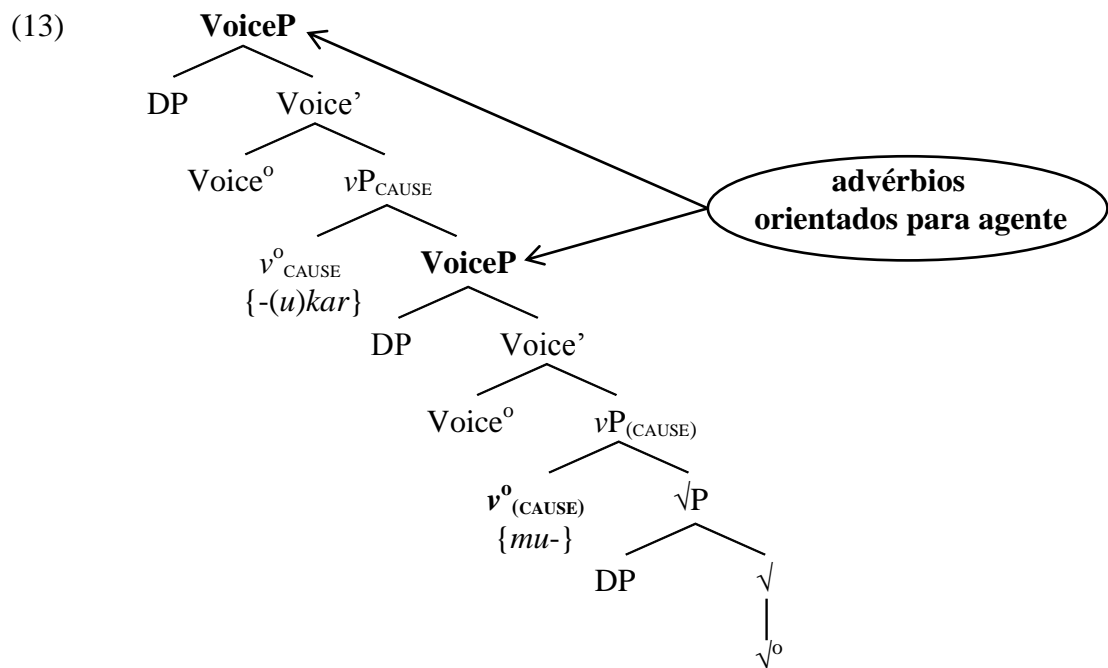
Observe que, em (8c), há o morfema de aspecto iterativo {-wi} intervindo entre o causativo {-(u)kar} e a raiz *petek* ‘bater’. Adicionalmente, outros morfemas aspectuais, tais como intensivo {-ahy} e {-katu}, iterativo {-wiwi} e paucal {-wewer}, podem ainda intervir entre  $v^{\circ}_{\text{CAUSE}}$  e a raiz  $\surd$ , conforme o paradigma abaixo:

- ASPECTO INTENSIVO {-ahy}
- (9) *u-petek-ahy-kar*  
 3-bater-ASPEC-CAUS  
 “Ele fez alguém BATER COM FORÇA”
- ASPECTO INTENSIVO {-katu}
- (10) *u-petek-katu-kar*  
 3-bater-ASPEC-CAUS  
 “Ele fez alguém BATER BEM”
- ASPECTO ITERATIVO {-wiwi}
- (11) *u-petek-wiwi-kar*  
 3-bater-ASPEC-CAUS  
 “Ele fez alguém BATER VÁRIAS VEZES”
- ASPECTO PAUCAL {-wewer}
- (12) *u-petek-wewe(r)-kar*  
 3-bater-ASPEC-CAUS  
 “Ele fez alguém BATER POUCO”

Na seção seguinte, demonstro que o causativo {-(u)kar} permite que advérbios orientados para agente tenham escopo abaixo do núcleo  $v^{\circ}_{\text{CAUSE}}$ .

### 6.3. Modificação orientada para agente abaixo de $v^0_{CAUSE}$

De acordo com Pylkkänen (2002, 2008), um dos diagnósticos mais robustos, capaz de indicar que determinado núcleo  $v^0_{CAUSE}$  seleciona um  $vP$  fásico como complemento, se baseia na possibilidade de haver modificação de evento causado por meio de advérbios orientados para agente. Configurações desse tipo permitem uma leitura ambígua, já que há duas posições sintáticas capazes de receber modificadores orientados para agente, conforme a estrutura configuracional abaixo:



Para fins de ilustração, note que, no exemplo (14), o advérbio *hameteharomo* ‘com dedicação’, o qual é orientado para DPs na função



semântica de agente, pode ter escopo orientando tanto para o agente (causador) mais alto quanto para o argumento agente-afetado o qual pertence ao evento causado.

- (14a) *hameteharomo*                      *u-mu-zahak-kar*                      *awa*  
 com.dedicação                      3-CAUS-banhar.se-CAUS                      homem
- kwarer*                      *kuzà*                       $\emptyset$ -*pe*                      *a'e*  
 menino                      mulher                      C-por                      ele
- (i) “O homem, com dedicação, fez a mulher banhar o menino”  
 (ii) “O homem fez a mulher, com dedicação, banhar o menino” (o homem não precisa ter dedicação)
- (14b) *u-mu-zahak-kar*                      *awa*                      *kwarer*  
 3-CAUS-banhar.se-CAUS                      homem                      menino
- kuzà*                       $\emptyset$ -*pe*                      *hameteharomo*                      *a'e*  
 mulher                      C-por                      com.dedicação                      ele
- (i) “O homem, com dedicação, fez a mulher banhar o menino”  
 (ii) “O homem fez a mulher, com dedicação, banhar o menino” (o homem não precisa ter dedicação)

Por razão puramente sintática, como pode ser notado, o exemplo (14) é ambíguo, uma vez que o advérbio *hameteharomo* pode se adjungir a duas posições sintáticas, conforme a estrutura em (13). Tal ambiguidade desencadeia duas possíveis interpretações. Na interpretação (i), o advérbio orientado para agente tem escopo sobre o argumento externo introduzido acima de  $v^0_{\text{CAUSE}}$ , o qual é instanciado pelo morfema  $\{-(u)kar\}$ , mais precisamente o DP *awa* ‘o homem’. No sentido (ii), o argumento gerado abaixo de  $v^0_{\text{CAUSE}}$ , o PP *kuzà* ‘a mulher’, recebe o escopo do advérbio agentivo.

Assim, veja que os dados acima sustentam a hipótese, segundo a qual o núcleo  $v^0_{\text{CAUSE}}$ , quando é instanciado pelo morfema  $\{-(u)kar\}$ , seleciona como complemento um  $vP$  fásico, uma vez que o evento causado contém um argumento externo agente.

Na próxima seção, implemento o diagnóstico de Pylkkänen (2002, 2008) acerca da interveniência de morfologia de aplicativo alto entre o núcleo causativo  $\{-(u)kar\}$  e a raiz  $\sqrt{\quad}$ .

#### 6.4. Morfologia de aplicativo alto entre $v^0_{\text{CAUSE}}$ e a raiz $\sqrt{\quad}$

Para Pylkkänen (2002, 2008), línguas que possuem um núcleo  $v^0_{\text{CAUSE}}$ , que selecionam uma raiz  $\sqrt{\quad}$  ou um  $vP$ , não permitem a realização morfológica de um núcleo aplicativo alto entre o núcleo  $v^0_{\text{CAUSE}}$  e a raiz  $\sqrt{\quad}$ . Contudo, línguas que possuem um núcleo  $v^0_{\text{CAUSE}}$  capaz de selecionar  $vP$  fásico permitem essa interveniência. Isto fica particularmente evidente com os exemplos abaixo.

(15a) *w-ata*            *awa*            *a'e*  
 3-andar            homem            ele  
 “O homem andou”

(15b) *w-eru-ata*            *awa*            *kwarer*            *a'e*  
 3-APPL-andar            homem            menino            ele  
 “O homem andou com o menino”

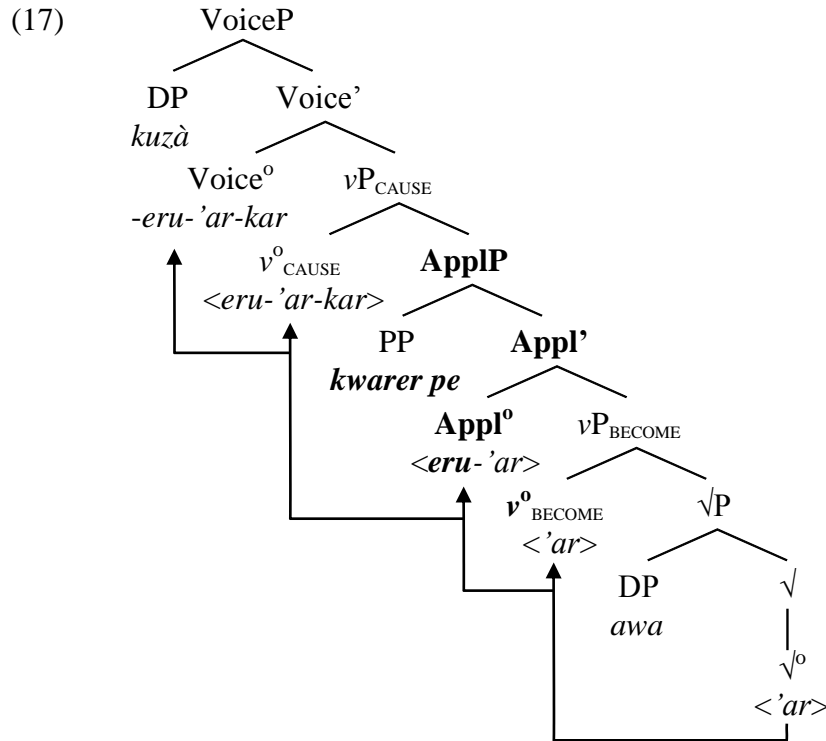
(15c) *w-eru-ata-kar*            *kuzà*            *awa*            *kwarer*            *ø-pe*            *a'e*  
 3-APPL-andar-CAUS            mulher            homem            menino            C-por            ela  
 “A mulher fez o homem andar com o menino”

- (16a) *u-’ar*            *awa*            *a’e*  
 3-cair            homem            ele  
 “O homem caiu”
- (16b) *w-eru-’ar*            *awa*            *kwarer*            *a’e*  
 3-APPL-cair            homem            menino            ele  
 “O homem caiu com o menino”
- (16c) *w-eru-’ar-kar*            *kuzà*            *awa*            *kwarer*            *ø-pe*            *a’e*  
 3-APPL-cair-CAUS            mulher            homem            menino            C-por            ela  
 “A mulher fez o homem cair com o menino”

Note que, nos exemplos acima, os verbos *ata* ‘andar’ e *’ar* ‘cair’, após receberem a morfologia de aplicativo alto {*eru-*}, em (b), podem ser causativizados por meio do morfema {-(*u*)*kar*}, em (c). Vejam que esses exemplos mostram que é possível a interveniência<sup>49</sup> do aplicativo {*eru-*} entre  $v^0_{\text{CAUSE}}$  e a raiz  $\sqrt{\text{ }}$ . A fim de explicitar a derivação sintática da sentença (16c), por exemplo, considere a estrutura a seguir:

---

<sup>49</sup> Apesar de o aplicativo alto {*eru-*}, na ordem linear, não intervir entre a raiz verbal e o sufixo causativo {-(*u*)*kar*}, estruturalmente esse aplicativo é projetado entre  $v^0_{\text{CAUSE}}$  e a raiz  $\sqrt{\text{ }}$ . O principal argumento que sustenta essa análise se baseia no fato de que os verbos monovalentes *ata* ‘andar’ e *hem* ‘sair’ não podem receber o morfema causativo {-(*u*)*kar*} sem que tenham recebido anteriormente o morfema aplicativo {*eru-*}. Se o morfema aplicativo não interviesse, seria possível que o morfema causativo {-(*u*)*kar*} se afixasse diretamente a esses verbos monovalentes: derivação que não converge em Tenetehára.



A partir dos exemplos acima, demonstro que o núcleo aplicativo pode intervir entre  $v^{\circ}_{\text{CAUSE}}$  a raiz  $\sqrt{\text{ }}$  apenas em contexto cujo morfema  $\{-(u)kar\}$  seja a realização fonológica de  $v^{\circ}_{\text{CAUSE}}$ . Apresento ainda esquematicamente a seguir o paradigma de derivação dos morfemas discutidos em (c) acima.

APLICATIVO  $\{eru-\}$  E CAUSATIVO  $\{-(u)kar\}$

(18a)	-ata-	“andar”	VERBO
(18b)	*-ata-kar	“fazer andar”	VERBO-CAUS
(18c)	-eru-ata-	“andar com”	APPL-VERBO
(18d)	-eru-ata-kar	“fazer [andar com]”	APPL-VERBO-CAUS

(19a)	- 'ar-	“cair”	VERBO
(19b)	*- 'ar-kar	“fazer cair”	VERBO-CAUS
(19c)	-eru- 'ar-	“cair com”	APPL-VERBO
(19d)	-eru- 'ar-kar	“fazer [cair com]”	APPL-VERBO-CAUS

Observe que as ocorrências em (b) acima são agramaticais porque as raízes *ata* ‘andar’ e *'ar* ‘cair’ são incapazes de receber o causativo  $\{-(u)kar\}$ , sem que recebam antes o morfema aplicativo  $\{eru-\}$ . Esse fato demonstra que o morfema causativo  $\{-(u)kar\}$  pode selecionar como complemento uma estrutura que contém um argumento aplicado alto, conforme a estrutura em (17).

Na seção seguinte, mostro que verbos transitivos e inergativos podem ser causativizados por meio do morfema  $\{-(u)kar\}$ .

### 6.5. Causativização de verbos transitivos e inergativos

O morfema causativo  $\{-(u)kar\}$  é capaz de afixar-se a bases que sejam estruturalmente transitivas (i.e. uma estrutura que instancia um argumento externo). Isto fica particularmente assentado, por exemplo, pelo fato de o verbo transitivo *zuka* ‘matar’ poder coocorrer com o sufixo causativo  $\{-(u)kar\}$ , fazendo com que o evento descrito em (20a) passe a ser reinterpretado como evento causado em (20b). Compare os exemplos abaixo:

- (20a) *u-zuka*      *kuzà*      *zapukaz*      *a'e*  
 3-matar      mulher      galinha      ela  
 “A mulher matou a galinha”
- (20b) *u-zuka-kar*      *awa*      *zapukaz*      *kuzà*      *ø-pe*      *a'e*  
 3-matar-CAUS      homem      galinha      mulher      C-por      ele  
 “O homem fez a mulher matar a galinha”

Os verbos inergativos também permitem a causativização com o morfema causativo  $\{-(u)kar\}$ . Esta é, por exemplo, a situação do verbo *zegar* ‘cantar’, em (21b). Há, contudo, uma pequena diferença, não trivial, a qual reside no fato de que os verbos inerentemente inergativos, para que sejam causativizados, precisam antes receber prefixo causativo  $\{mu-\}$ . Mais precisamente, para que sejam causativizados por meio do sufixo  $\{-(u)kar\}$ , os inergativos precisam antes se tornarem transitivos, conforme se nota pelos exemplos abaixo:

- (21a) *u-zegar*      *kwarer*      *a'e*  
 3-cantar      menino      ele  
 “O menino cantou”
- (21b) *u-mu-zegar-kar*      *awa*      *kwarer*      *a'e*  
 3-CAUS-cantar-CAUS      homem      menino      ele  
 “O homem fez o menino cantar”
- (21c) *u-mu-zegar-kar*      *awa*      *kwarer*      *kuzà*      *ø-pe*      *a'e*  
 3-CAUS-cantar-CAUS      homem      menino      mulher      C-por      ele  
 “O homem fez a mulher fazer o menino cantar”

Caso o verbo *zegar* ‘cantar’ receba apenas um dos morfemas causativos, a sentença torna-se agramatical, conforme mostram os exemplos abaixo:

- (22a) \**u-mu-zegar*      *awa*      *kwarer*      *a'e*  
 3-CAUS-cantar      homem      menino      ele  
 “O homem fez o menino cantar”
- (22b) \**u-zegar-kar*      *awa*      *kwarer*      *a'e*  
 3-cantar-CAUS      homem      menino      ele  
 “O homem fez o menino cantar”

Na próxima seção, mostro que o complemento (i.e. evento causado) do núcleo  $v^{\circ}_{\text{CAUSE}}$ , que é preenchido pelo morfema  $\{-(u)kar\}$ , pode ser negado, uma vez que o complemento do núcleo causativo contém um argumento externo agente, o qual tem controle sobre o evento causado, podendo desencadeá-lo ou interrompê-lo.

## 6.6. Negação do evento causado

Quando ocorre a causativização por meio do morfema  $\{-(u)kar\}$ , o evento causado pode ser negado. A possibilidade de negação desse evento mostra que há um argumento externo agente com controle projetado abaixo de  $v^{\circ}_{\text{CAUSE}}$ . Esse argumento é capaz de iniciar e interromper o evento descrito pelo complemento do morfema causativo  $\{-(u)kar\}$ , conforme os exemplos abaixo.

- (23) *u-mu-zahak-kar*      *awa*      *kwarer*      *kuzà*       $\emptyset$ -*pe*      *a'e*  
 3-CAUS-banhar.se-CAUS      homem      menino      mulher      C-por      ele  
*n-u-mu-zahak-kwaw*      *kuzà*      *kwarer*      *a'e*  
 NEG-3-CAUS-banhar.se-NEG      mulher      menino      ele  
 “O homem fez a mulher banhar o menino, mas ela não o banhou”
- (24) *u-mu-ger-kar*      *awa*      *kwarer*      *kuzà*       $\emptyset$ -*pe*      *a'e*  
 3-CAUS-dormir-CAUS      homem      menino      mulher      C-por      ele  
*n-u-mu-ger-kwaw*      *kuzà*      *kwarer*      *a'e*  
 NEG-3-dormir-NEG      mulher      menino      ela  
 “O homem fez a mulher fazer o menino dormir, mas ela não o fez dormir”

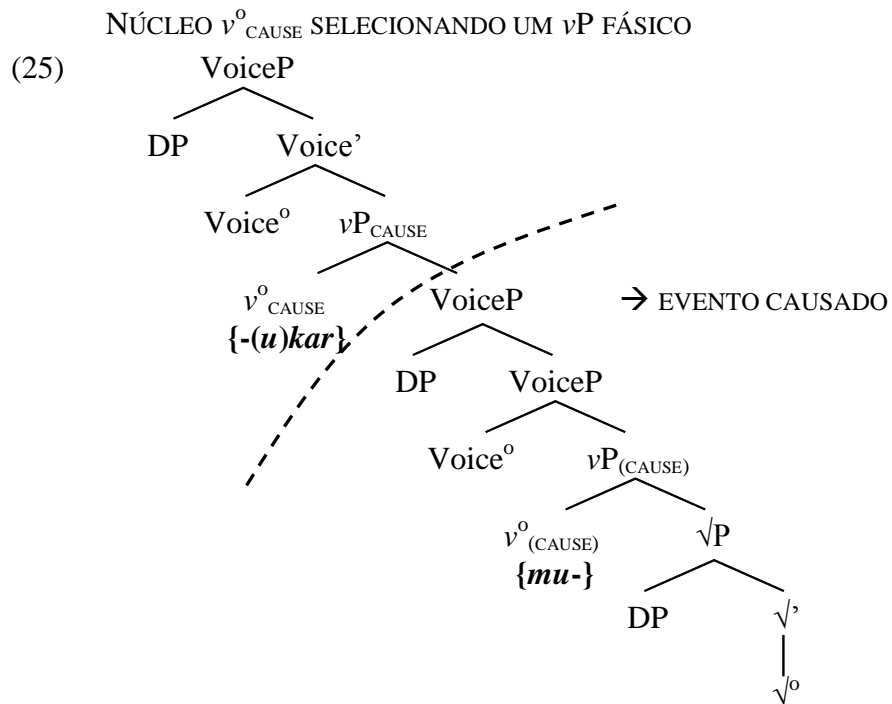
Veja que, em (23) e (24), o evento causado (i.e. o complemento do morfema  $\{-(u)kar\}$ ) pode ser negado, uma vez que os PPs *kuzà pe* ‘pela mulher’ possuem propriedades agentivas (i.e. este argumento pode desencadear ou interromper o evento descrito pelo evento causado). Se não houvesse um argumento externo agente abaixo de  $v^0_{\text{CAUSE}}$ , o qual é instanciado pelo causativo  $\{-(u)kar\}$ , não seria possível que o evento fosse negado, como corre nas causativizações com o morfema  $\{mu-\}$  (cf. seção 5.6).

## 6.7. Resumo do capítulo

Os diagnósticos apresentados até aqui mostram que o morfema causativo  $\{-(u)kar\}$  é a manifestação fonológica do núcleo  $v^0_{\text{CAUSE}}$ , cuja função é selecionar como complemento um  $vP$  fásico (i.e. uma estrutura que introduz um



argumento externo agente ou um argumento aplicado comitativo), conforme a configuração repetida a seguir:



Em suma, os argumentos que sustentam a proposta de configuração acima são apresentados resumidamente no quadro abaixo:

**QUADRO 7**  
**Diagnósticos para causativos que selecionam um vP fásico**

<b>DIAGNÓSTICOS</b>	<b>SELEÇÃO DE vP FÁSICO</b>
a. Permite modificação adverbial de vP abaixo de $v^o_{\text{CAUSE}}$ ?	Sim
b. Permite morfologia verbal intervindo entre $v^o_{\text{CAUSE}}$ e a raiz $\sqrt{}$ ?	Sim
c. Permite modificação adverbial orientada para agente abaixo de $v^o_{\text{CAUSE}}$ ?	Sim
d. Permite morfologia de aplicativo alto entre $v^o_{\text{CAUSE}}$ e a raiz $\sqrt{}$ ?	Sim
e. Permite causativização de inergativos e transitivos?	Sim
f. Permite a negação do evento causado?	Sim

Fonte: adaptado de PYLKKÄNEN, 2002, 2008; SCHÄFER, 2008; BLANCO, 2011

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

---

Esta dissertação teve como objetivo descrever a estrutura causativa em Tenetehára à luz dos desenvolvimentos mais recentes do Programa Minimalista (CHOMSKY, 1995). No primeiro capítulo, fiz uma breve revisão sobre o povo Tenetehára, apresentando sua cultura e sua organização política e social. Ademais, fiz uma alusão sucinta acerca do Tronco Tupí e da família Tupí-Guaraní, nas quais a língua Tenetehára é classificada a partir de Rodrigues (1985).

No capítulo 2, demonstrei que as línguas naturais, conforme Comrie (1981), podem exibir basicamente três processos de causativização, a saber: o lexical, o perifrástico e o morfológico. A partir deste panorama tipológico, foquei nas causativas morfológicas, em que a língua Tenetehára disponibiliza dois morfemas causativos, a saber: (i) o morfema {*mu-*} altera verbos

inacusativos e inergativos para verbos transitivos; (ii) o morfema  $\{-(u)kar\}$  transforma verbos transitivos em bitransitivos. Como foi visto, é notável que esses morfemas possuem uma natureza distinta quanto à causação, a saber: o morfema  $\{mu-\}$  exerce a função de um causativo direto enquanto que o morfema  $\{-(u)kar\}$  desempenha o papel de um causativo indireto.

No capítulo 3, discuti, no quadro teórico, os recentes desenvolvimentos da teoria gerativa, a saber: Larson (1988), Hale & Keyser (1993, 2002), Kratzer (1994, 1996) e Pylkkänen (2002, 2008). De modo geral, ancorei-me principalmente na proposta teórica de Pylkkänen (2002, 2008), segundo a qual os núcleos causativos nas línguas naturais podem variar parametricamente, a saber: (i) os núcleos  $\text{Voice}^0$  e  $v^0_{\text{CAUSE}}$  podem se realizar em um núcleo sincrético ou em dois núcleos distintos; (ii) o núcleo causativo  $v^0_{\text{CAUSE}}$  pode c-selecionar uma raiz  $\sqrt{\quad}$ , um  $vP$  ou um  $vP$  fásico.

No capítulo 4, mostrei que os núcleos  $\text{Voice}^0$  e  $v^0_{\text{CAUSE}}$  em Tenetehára devem vir realizados em núcleos funcionais distintos. Essa proposta fundamentou-se basicamente em duas evidências empíricas. Na primeira, em contexto de reflexivização de transitivos causativos, os núcleos  $\text{Voice}^0$  e  $v^0_{\text{CAUSE}}$  devem ser preenchidos pelos morfemas  $\{ze-\}$  e  $\{mu-\}$ , respectivamente. Na segunda, quando um transitivo causativo recebe morfologia de aplicativo alto, o núcleo  $v^0_{\text{CAUSE}}$  é instanciado pelo morfema  $\{mu-\}$  e o DP sujeito é introduzido

pelo morfema {*eru-*} (neste contexto, VoiceP não é projetado na estrutura configuracional). Tais coocorrências demonstram que os núcleos Voice<sup>o</sup> e  $v^o_{\text{CAUSE}}$  devem, de fato, serem cindidos e não sincréticos na língua em análise.

No capítulo 5, analisei o estatuto gramatical do morfema {*mu-*} quanto às suas seleções paramétricas, a saber: esse morfema seleciona apenas uma raiz  $\sqrt{\quad}$ . Os principais argumentos a favor dessa proposta ancoram-se nos seguintes diagnósticos propostos por Pylkkänen (2002, 2008): (i) não pode haver nenhum tipo de morfologia verbal que intervenha entre o causativo e a raiz verbal e (ii) os advérbios orientados para  $vP$  (i.e. advérbios de modo e de espaço) não podem ter escopo abaixo de  $v^o_{\text{CAUSE}}$  (i.e. o evento causado não pode ser modificado por advérbios de  $vP$ ).

No capítulo 6, avaliei o estatuto do causativo {-(*u*)*kar*} quanto às suas seleções paramétricas. Esse morfema seleciona como complemento um  $vP$  fásico (i.e. uma construção que projeta argumento externo agente ou argumento aplicado comitativo). Os argumentos a favor dessa proposta baseiam-se principalmente nos seguintes diagnósticos: (i) não há restrição quanto à ocorrência de morfologias verbais que intervenham entre o causativo e a raiz verbal, (ii) os advérbios orientados para agente podem ter escopo abaixo de  $v^o_{\text{CAUSE}}$ , (iii) os verbos transitivos (com argumento externo agente) podem ser causativizados e (iv) o evento causado pode ser negado, visto que há um

argumento externo abaixo de  $v^0_{\text{CAUSE}}$  (i.e. introduzido por VoiceP) capaz de iniciar e interromper o evento descrito pela predicação mais baixa.

Enfim, tendo em vista o que foi apresentado, acredito que este trabalho amplia o conhecimento das estruturas causativas em Tenetehára e, adicionalmente, apresenta contribuições teóricas relevantes, uma vez que se utiliza do arcabouço de hipóteses gerativas, experimentando-as, sobre a natureza das operações sintáticas que ocorrem no interior das construções causativas.

## REFERÊNCIAS

---

AIKHENVALD, Alexandra. The Aruák language family. In: DIXON, R. M. W.; AIKHENVALD, Alexandra Y. (Ed.). *The Amazonian Languages*. Cambridge: University Press, 1999. p. 65-105.

ALEXIADOU, Artemis. *Functional Structure in Nominals: nominalization and ergativity*. Amsterdam: John Benjamins Publishing, 2001.

ALEXIADOU, Artemis; ANAGNOSTOPOULOU, Elena. Voice morphology in the causative-inchoative alternation: evidence for a non-unified structural analysis of unaccusatives. In: ALEXIADOU, Artemis; ANAGNOSTOPOULOU, Elena; EVERAERT, Martin (Ed.). *The Unaccusativity Puzzle: explorations of the Syntax-Lexicon Interface*. Oxford: Oxford University Press, 2003. p. 114-136.

BAKER, Mark C. *Incorporation: a theory of Grammatical Function Changing*. Chicago: University of Chicago Press, 1988.

BAKER, Mark C. *The polysynthesis Parameter*. Oxford: Oxford University Press, 1996.

BARSS, Andrew; LASNIK, Howard. A note on anaphora and double objects. *Linguistic Inquiry*, v. 17, p. 347-354, 1986.

BLANCO, Mercedes Tubino. *Causatives in Minimalism*. Amsterdam: John Benjamins Publishing, 2011.

BOUDIN, Max Henri. *Dicionário de Tupi Moderno: dialeto tembé-tênêthar do alto rio Gurupi*. São Paulo: Conselho Estadual de Artes e Ciências Humana, 1978.

BRANDÃO, Ana Paula Barros. *Verb morphology in Paresi-Haliti (Arawak)*. 2010. 65 f. Dissertação (Master of Arts) – Faculty of the Graduate School, University of Texas, Austin, 2010.

BURZIO, Luigi. *Italian syntax: A Government-Binding approach*. Dordrecht: Reidel, 1986.

CAMARGOS, Quesler Fagundes. *Para onde foram os adjetivos em Tenetehára?* 2010. 60 f. Monografia (Bacharel em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

CAMARGOS, Quesler Fagundes. Estruturas bieventivas em Tenetehára (Família Tupí-Guaraní): evidência da realização dos núcleos Cause e Voice. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ASSOCIAÇÃO DE LINGUÍSTICA E FILOGIA DA AMÉRICA LATINA, 16., 2011, Alcalá de Henares. *Actas...* Alcalá de Henares: ALFAL, 2011a. p. 225-234.

CAMARGOS, Quesler Fagundes. Processo de causativização de verbos deadjetivais e suas consequências para o sistema de Caso em Tenetehára. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE LETRAS E LINGUÍSTICA, 3., 2011, Uberlândia. *Anais...* Uberlândia: EDUFU, 2011b. p. 1-18.

CAMARGOS, Quesler Fagundes. Causativização morfológica na Língua Tenetehára: análise à luz da estrutura bipartida do VP. *Revista Virtual dos Estudantes de Letras*, Belo Horizonte, v. 6, p. 1-28, 2013.

CAMARGOS, Quesler Fagundes; DUARTE, Fábio Bonfim. Evidências da estrutura bipartida do VP na língua Tenetehára. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE LETRAS E LINGUÍSTICA, 2., 2009, Uberlândia. *Anais...* Uberlândia: EDUFU, 2009. p. 1-8.

CAMARGOS, Quesler Fagundes; DUARTE, Fábio Bonfim. Para onde foram os adjetivos em Guajajára? In: ENCUESTRO DE LENGUAS INDÍGENAS AMERICANAS, 2., 2009, Resistência (Chaco). *Actas...* Buenos Aires: CONICET, 2010. p. 1-11.



CAMARGOS, Quesler Fagundes; DUARTE, Fábio Bonfim. Sobre a classe de adjetivos na língua Tenetehára (Tupí-Guaraní). In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS NA AMAZÔNIA, 3., Belém. *Anais...* Belém: UFPA, 2011. p. 1039-1057.

CAMARGOS, Quesler Fagundes; DUARTE, Fábio Bonfim. Hacia dónde fueron los adjetivos en Tenetehára? In: GARAY, Ana Fernández; CENSABELLA, Marisa; MALVESTITTI, Marisa (Org.). *Lingüística amerindia: contribuciones y perspectivas*. Buenos Aires: Editorial de la Facultad de Filosofía y Letras Universidad de Buenos Aires, 2013. p. 43-58.

CAMPBELL, Gwyn. Revisitando as origens malgaxes. *Tempo*, v. 10, n. 20, p. 7-22, jan. 2006.

CASTRO, Ricardo Campos. *Interface morfologia e sintaxe em Tenetehára*. 2007. 81 f. Dissertação (Mestre em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.

ÇETINOĞLU, Özlem; BUTT, Miriam; OFLAZER, Kemal. Mono/bi-clausality of Turkish Causatives. In: AY, Sila *et al.* *Essays on Turkish Linguistics*. Antalya: David Brown Book Co, 2010. p. 43-52.

CHOMSKY, Noam. Some Notes on Economy of Derivation and Representation. In: FREIDIN, Rorbert (Ed.). *Principles and Parameters in Comparative Grammar*. Cambridge: The MIT Press, 1991. p. 417-454.

CHOMSKY, Noam. *The minimalist program*. Cambridge: The MIT Press, 1995.

CHOMSKY, Noam. *Minimalist Inquiries: The Framework*. Cambridge: The MIT Press, 1998.

CHOMSKY, Noam. *Derivation by Phase*. Cambridge: The MIT Occasional Papers, 1999.

CHOMSKY, Noam. Derivation by phase. In: KENSTOWICZ, Michael (Ed.). *Ken Hale: a life in language*. Cambridge: The MIT Press, 2001. p. 1-52.

COMRIE, Bernard. *Language universals and linguistic typology: syntax and morphology*. Chicago: University of Chicago Press, 1981.

DIETRICH, Wolf. O tronco tupi e as suas famílias de línguas. In: DIETRICH, Wolf; NOLL, Volker. *O português e o tupi do Brasil*. São Paulo: Editora Contexto, 2010.

DIXON, R. M. W. Ergativity. *Language*, n. 55, p. 59-138, 1979.

DUARTE, Fábio Bonfim. Análise gramatical das orações da Língua Tembé. 1997. 85 f. Dissertação (Mestre em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 1997.

DUARTE, Fábio Bonfim. Ordem dos constituintes na língua Tembé. *Revista da Universidade Católica de Brasília*, Brasília, v. 6, n. 1, p. 71-80, 1998.

DUARTE, Fábio Bonfim. Movimento de Constituintes na Língua Tembé. *Veredas* (UFJF), Juiz de Fora, v. 5, p. 1-11, 2000.

DUARTE, Fábio Bonfim. *Ordem dos constituintes e movimento em Tembé: minimalismo e anti-simetria*. 2003. 192 f. Tese (Doutor em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2003.

DUARTE, Fábio Bonfim. Propriedades denotacionais dos prefixos {i- ~ h-} em Tenetehára. *Revista Estudos Linguísticos*, v. 34, p. 1194-1199, 2005.

DUARTE, Fábio Bonfim. Codificação de argumentos e ergatividade (cindida) em Tenetehára. *LIAMES – Línguas Indígenas Americanas*, Campinas, v. 4, n. 4, p. 113-145, 2006.

DUARTE, Fábio Bonfim. *Estudos de morfossintaxe Tenetehára*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2007.

DUARTE, Fábio Bonfim; CASTRO, Ricardo Campos. Inergatividade, Estrutura Casuativa e Incorporação Nominal em Tenetehára. In: CABRAL, Ana Suely Arruda Câmara; RODRIGUES, Aryon Dall’Igna; DUARTE, Fábio Bonfim (Org.). *Línguas e Culturas Tupí*. Campinas: Curt Nimuendajú, 2010. v. 2. p. 43-62.

DUARTE, Fábio Bonfim. Tenetehára: A predicate-fronting language. *The Canadian Journal of Linguistics / La revue canadienne de linguistique*, v. 57, p. 359-386, 2012.

DUARTE, Fábio Bonfim; CAMARGOS, Quesler Fagundes. Núcleos causativos na língua Tenetehára: natureza dos complementos selecionados por CAUSE. In: CABRAL, Ana Suely Arruda Câmara; RODRIGUES, Aryon Dall’Igna; LOPES, Jorge Domingues; JULIÃO, Maria Risolêta Silva (Org.). *Línguas e Culturas Tupí*. Campinas: Curt Nimuendajú, 2011. v. 3. p. 147-162.

FRIEDMANN, Na’ama; GRODZINSKY, Yosef. Tense and agreement in agrammatic production: Pruning in the syntactic tree. *Brain and Language*, v. 56, p. 397-425, 1997.

FRIEDMANN, Na’ama; GRODZINSKY, Yosef. Split inflection in neurolinguistics. In: FRIEDEMANN, Marc-Ariel; RIZZI, Luigi (Ed.). *The acquisition of syntax*. Harlow: Longman, 2000. p. 84-104.

GIVÓN, Talmy. Some Constraints on Bantu Causativization. In: SHIBATANI, Masayoshi (Ed.) *Syntax and Semantics: Grammar of Causative Constructions*. New York: Academic Press, 1976. p. 325-351.

GIVÓN, Talmy. From discourse to syntax: grammar as a processing strategy. In: GIVÓN, Talmy (Ed.) *Syntax and Semantics*. New York: Academic Press, 1979.

HALE, Ken; KEYSER, Samuel Jay. On argument structure and the lexical expression of syntactic relations. In: HALE, Ken; KEYSER, Samuel Jay (Org.). *The view from building 20*. Cambridge: The MIT Press, 1993.

HALE, Ken; KEYSER, Samuel Jay. *Prolegomenon to a theory of argument structure*. Cambridge: The MIT Press, 2002.

HARLEY, Heidi Britton. *Subjects, events, and licensing*. 1995. 236 f. Tese (Doctor of Philosophy) – Massachusetts Institute of Technology, Cambridge, 1995.

HARLEY, Heidi. On the causative construction. In: MIYAGAWA, Shigeru; MAMURO, Saito (Ed.). *The Oxford Handbook of Japanese Linguistics*. Oxford: Oxford University Press, 2008. p. 20-53.

HARRISON, Carl. Verb prominence, verb initialness, ergativity and typological disharmony in Guajajara. In: DERBYSHIRE, Desmond C.; PULLUM, Geoffrey K. (Ed.). *Handbook of Amazonian Languages*. Berlin: Mouton de Gruyter, 1986. p. 407-439.

- HARRISON, Carl. The interplay of causative and desiderative in Guajajára. *Revista dos Cursos de Pós-Graduação em Letras UFPA*, Belém, n. 4., 1995.
- HUNG, Henrietta J. *The Structure of Derived Nouns and Verbs in Malagasy: a syntactic account*. McGill University, 1988. (não publicado)
- KRATZER, Angelika. *The Event Argument and the Semantics of Voice*. Amherst: University of Massachusetts, 1994. (Não publicado)
- KRATZER, Angelika. Severing the External Argument from its Verb. In: ROORYCK, Johan; ZARING, Laurie (Ed.). *Phrase Structure and the Lexicon*. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 1996.
- LANDAU, Idan. Possessor raising and the structure of VP. *Lingua*, v. 107, p. 1-37, fev. 1999.
- LARSON, Richard. On the double object construction. *Linguistic Inquiry*, v. 19, p. 335-391, 1988.
- LEMON BARBOSA, Pe. *Curso de Tupi Antigo*. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1956.
- LOPES, Mário Alexandre Garcia. *Aspectos gramaticais da língua Ka'apor*. 2009. 287 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.
- LYONS, John. *Introdução à linguística teórica*. Trad. Rosa Virgínia Mattos e Silva & Hélio Pimentel. São Paulo: Cia. Ed. Nacional/EDUSP, 1979.
- MARANTZ, Alec. *On the nature of grammatical relations*. Cambridge: The MIT Press, 1984.
- MARANTZ, Alec. No scape from syntax: don't try morphological analysis in the privacy of your own lexicon. *Proceedings of the 21st Annual Penn Linguistics Colloquium*, v. 4, n. 2, 1997.
- NASCIMENTO, Gardenia Barbosa Neubaner. *Aspectos gramaticais da língua Terena*. 2012. 127 f. Dissertação (Mestre em Linguística) – Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.
- PARSONS, Terence. *Events in the Semantics of English: a study of subatomic semantics*. Cambridge: The MIT Press, 1990.

PERLMUTTER, David M. Impersonal passives and the unaccusative hypothesis. *Proceedings of the Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society*, v. 4, p. 157-189, 1978.

PYLKKÄNEN, Liina. *Introducing Arguments*. 2002. 137 f. Tese (Doctor of Philosophy) – Massachusetts Institute of Technology, Cambridge, 2002.

PYLKKÄNEN, Liina. *Introducing Arguments*. Cambridge: The MIT Press, 2008.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. Relações internas na família lingüística Tupí-Guaraní. *Revista de Antropologia*, v. 27/28, p. 33-53, 1985.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna; CABRAL, Ana Suelly Arruda Câmara. Revendo a classificação interna da família tupi-guarani. In: CABRAL, Ana Suelly Arruda Câmara; RODRIGUES, Aryon Dall'Igna (Org.). *Línguas indígenas brasileiras*. Fonologia, gramática e história. Atas do I Encontro Internacional do Grupo de Trabalho sobre Línguas Indígenas da Anpoll. Belém: UFPA, 2002. p. 327-337.

SCHÄFER Florian. *The Syntax of (Anti-)Causatives*. Amsterdam: John Benjamins Publishing, 2008.

SCHRÖDER, Peter. Guajajára (versão atualizada). In: INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL (Org.). *Enciclopédia dos Povos Indígenas no Brasil*. São Paulo: Instituto Socioambiental, 2002, p. 1-18.

SHIBATANI, Masayoshi. An Integrational Approach to Possessor Raising, Ethical Datives and Adversative Passives. *Proceedings of the Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society*, v. 20, p. 461-485, 1994.

SILVA, Tabita Fernandes. *História da língua Tenetehára: contribuições aos estudos histórico-comparativos sobre a diversificação da família Tupí-Guaraní do tronco Tupí*. 2010. 1145 f. Tese (Doutora em Linguística) – Instituto de Letras da Universidade de Brasília, Brasília, 2010.

SOARES, Marília Facó. Categorias funcionais e conhecimento enciclopédico ou sintaxe e significado no domínio verbal: noções aspectuais e expressão da causatividade em Ticuna. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, UFMG, v. 18, n. 1, p. 187-234, 2010.

TENNY, Carol L. Core events and adverbial modification. In: TENNY, Carol L.; PUSTEJOVSKY, James (Ed.). *Events as Grammatical Objects*. Stanford: Center for the Study of Language and Information, 2000.

VIEIRA, Márcia Maria Damaso. A natureza das sentenças possessivas em Mbyá-Guarani. In: QUEIXALÓS, Francisco (Org.). *Des noms et de verbs en Tupi-Guarani: état de la question*. LINCOM Studies in Native American Linguistics, 37. Muenchen: LINCOM EUROPA, 2001.

VIEIRA, Márcia Maria Damaso. Os núcleos aplicativos e as línguas indígenas brasileiras. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, UFMG, v. 18, n. 1, p. 141-164, 2010.

VIEIRA, Márcia Maria Damaso. Os núcleos aplicativos em Paumarí (Família Arawá). *Estudos da Lingua(gem)*, Vitória da Conquista, v. 4, n. 2, p. 117-136, dez. 2006.

WHALEY, Lindsay. *Introduction to typology: the unity and diversity of language*. Newbury Park: Sage Publications, 1997.